

## Tecnologias de Produção de Soja - Paraná 2007





Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Centro Nacional de Pesquisa de Soja  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

ISSN 1677-8499  
Setembro, 2006

## ***Sistemas de Produção 10***

### **Tecnologias de Produção de Soja - Paraná 2007**

Londrina, PR  
2006

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

### **Embrapa Soja**

Rodovia Carlos João Strass - Acesso Orlando Amaral

Caixa Postal 231 - 86001-970 - Londrina, PR

Fone: (43) 3371-6000 - Fax: 3371-6100

Home page: [www.cnpso.embrapa.br](http://www.cnpso.embrapa.br)

e-mail (sac): [sac@cnpso.embrapa.br](mailto:sac@cnpso.embrapa.br)

### **Comitê de Publicações da Embrapa Soja**

Presidente: *Alexandre José Cattelan*

Secretária executiva: *Regina Maria Villas Bôas de Campos Leite*

Membros: *Alexandre Magno Brighenti dos Santos*

*Antonio Ricardo Panizzi*

*Claudine Dinali Santos Seixas*

*Dionísio Brunetta*

*Ivan Carlos Corso*

*José Miguel Silveira*

*Léo Pires Ferreira*

*Ricardo Vilela Abdelnoor*

Supervisor editorial: *Odilon Ferreira Saraiva*

Normalização bibliográfica: *Ademir Benedito Alves de Lima*

Editoração eletrônica: *Neide Makiko Furukawa*

Capa: *Claudineia Sussai de Godoy*

1ª impressão 09/2006 - tiragem: 2000 exemplares

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610 de 19/02/98).

---

Tecnologias de produção de soja – Paraná – 2007. - Londrina:  
Embrapa Soja, 2006.

217p. ; 21cm. – (Sistemas de Produção / Embrapa Soja,  
ISSN 1677-8499; n.10)

1.Soja- Pesquisa- Brasil- Paraná. 2.Soja-Tecnologia-Brasil.  
3.Soja-Produção- Brasil-Paraná. I.Título. II.Série.

**CDD: 633.34098162**

---

© Embrapa 2006

## ***Apresentação***

No agronegócio soja, o gerenciamento eficiente, através da indicação de tecnologias que visam reduzir riscos e custos e aumentar produtividade, tem especial importância, possibilitando ao profissional da área a participação em mercados cada vez mais globalizados e competitivos.

Pela sua abrangência e representação institucional, as **Tecnologias de Produção de Soja - Paraná - 2007** são o resultado do esforço conjunto realizado pelas Instituições de Pesquisa, Ensino e Extensão Rural que têm contribuído para o aperfeiçoamento e o desenvolvimento da agropecuária neste estado. As informações aqui contidas foram atualizadas com base nas discussões durante a XXVIII Reunião de Pesquisa de Soja da Região Central do Brasil, realizada em Uberaba, MG, no período de 1 a 2 de agosto de 2006, e são fruto da participação efetiva dessas instituições nesse evento.

Esta publicação destina-se, especialmente, a profissionais da área da Assistência Técnica e Extensão Rural, atuando em instituições oficiais e empresas privadas do agronegócio da soja. Constitui-se em um conjunto de informações que visam subsidiar o desenvolvimento sustentável da cultura da soja no estado, cabendo aos técnicos locais fazerem os necessários ajustes e as adaptações do conteúdo aqui apresentado.

Nesse ano foi incluído o artigo **A propriedade agrária, sua reserva legal e as áreas de preservação permanente**, para elucidar as questões sobre o assunto.

A Embrapa Soja e seus parceiros esperam, assim, continuar contribuindo para o aumento da produtividade, produção, rentabilidade e sustentabilidade desta cultura no Estado do Paraná e no Brasil.

***Alexandre José Cattelan***

Chefe Adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento  
Embrapa Soja



## ***Instituições Participantes Credenciadas e/ou que Apresentaram Trabalhos na XXVIII RPSRCB***

- ♦ Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios - APTA
- ♦ AGENCIARURAL
- ♦ Associação Nacional de Defesa Vegetal - ANDEF
- ♦ Associação Nacional de Produtores e Importadores de Inoculantes - ANPII
- ♦ Bayer CropScience
- ♦ Centro Tecnológico de Pesquisas Agropecuárias Ltda - CTPA
- ♦ Cooperativa Agropecuária Mista de Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba - COOPADAP
- ♦ Cooperativa Central Agropecuária de Desenvolvimento Tecnológico e Econômico Ltda - COODETEC
- ♦ Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlândia - CAROL
- ♦ Dupont do Brasil S.A
- ♦ Embrapa Agropecuária Oeste
- ♦ Embrapa Amazônia Oriental
- ♦ Embrapa Cerrados
- ♦ Embrapa Pecuária Sudeste
- ♦ Embrapa Roraima
- ♦ Embrapa Sede
- ♦ Embrapa Soja
- ♦ Embrapa Transferência de Tecnologia
- ♦ Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola S.A. - EBDA
- ♦ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais - EMATER-MG
- ♦ Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais - EPAMIG
- ♦ Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER-PR

- ♦ Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” - ESALQ/USP
- ♦ Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias - FCAV/UNESP
- ♦ Faculdade de Ciências Agronômicas - FCA/UNESP
- ♦ Fundação Agrária de Pesquisa Agropecuária - FAPA
- ♦ FUNDAÇÃO BAHIA
- ♦ Fundação Faculdade de Agronomia “Luiz Meneghel” - FFALM
- ♦ FUNDAÇÃO MERIDIONAL
- ♦ FUNDAÇÃO MS
- ♦ Fundação MT
- ♦ Fundação Universidade Estadual de Londrina - FUEL
- ♦ Fundação Vegetal
- ♦ Genética Tropical
- ♦ Grupo Ma Shou Tao
- ♦ Instituto Agronômico de Campinas - IAC
- ♦ Instituto Agronômico do Paraná - IAPAR
- ♦ Instituto Biológico - IB
- ♦ Japan International Research Center for Agricultural Sciences - JIRCAS
- ♦ MCI Planejamento
- ♦ MONSANTO DO BRASIL
- ♦ SELECTA SEMENTES
- ♦ Tecnologia Agropecuária Ltda - TAGRO
- ♦ Uby Agroquímica Ltda
- ♦ Universidade de Rio Verde - FESURV
- ♦ Universidade Estadual de Maringá - UEM
- ♦ Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG
- ♦ Universidade Federal de Goiás - UFG
- ♦ Universidade Federal de Lavras - UFLA
- ♦ Universidade Federal de Uberlândia - UFU
- ♦ Universidade Federal de Viçosa - UFV

# Sumário

<b>A propriedade agrária, sua reserva legal e as áreas de preservação permanente</b> .....	11
As Áreas de Preservação Permanente .....	12
A Reserva Legal .....	14
Considerações finais .....	16
<b>1 Exigências Climáticas</b> .....	17
1.1 Exigências hídricas .....	17
1.2 Exigências térmicas e fotoperiódicas .....	18
<b>2 Rotação de Culturas</b> .....	21
2.1 Informações gerais .....	21
2.2 Conceito .....	21
2.3 Planejamento da lavoura .....	22
2.4 Escolha do sistema de rotação de culturas .....	22
2.5 Escolha da rotação de culturas .....	22
2.6 Cobertura vegetal do solo .....	24
2.7 Planejamento da rotação de culturas .....	26
2.8 Indicações de rotação de culturas .....	26
2.9 Sugestões para rotação de culturas anuais e pastagem .....	32
<b>3 Manejo do Solo</b> .....	41
3.1 Semeadura direta .....	42
3.2 Cobertura do solo .....	46
3.3 Desempenho e condução do sistema de semeadura direta .....	48
3.4 Sugestões para Manejo do solo para a região do arenito .....	52
3.5 Sistema convencional de preparo do solo .....	57
3.6 Compactação do solo no preparo convencional .....	60
3.7 Rotação de culturas .....	62
<b>4 Correção e Manutenção da Fertilidade do Solo</b> .....	65
4.1 Amostragem e análise do solo .....	65

4.2	Acidez do solo.....	65
4.3	Calagem.....	67
4.4	Calagem no sistema de plantio direto.....	68
4.5	Qualidade e uso do calcário.....	69
4.6	Correção da acidez subsuperficial.....	70
4.7	Exigências minerais e adubação para a cultura da soja.....	70
4.8	Adubação.....	73
4.9	Sugestões para adubação no arenito de Caiuá.....	78
4.10	Adubação fosfatada e potássica para a sucessão soja-trigo em sistema de semeadura direta em solo Latossolo Roxo .....	82
<b>5</b>	<b>Cultivares .....</b>	<b>85</b>
<b>6</b>	<b>Tecnologia de Sementes e Colheita .....</b>	<b>89</b>
6.1	Qualidade da semente.....	89
6.2	Armazenamento das sementes .....	90
6.3	Padronização da nomenclatura do tamanho das sementes, após classificação por tamanho.....	93
6.4	Tratamento de sementes com fungicidas .....	93
6.5	Seleção do local para produção de sementes.....	98
6.6	Avaliação da qualidade na produção de sementes - DIACÔM (Diagnóstico Completo da Qualidade da Semente de Soja) .....	98
6.7	Metodologia alternativa para o teste de germinação de sementes de soja.....	99
6.8	Remoção de torrões para prevenir a disseminação do nematóide de cisto.....	100
6.9	Alerta sobre dessecação em pré-colheita de campos de produção de semente .....	101
6.10	Manejo de plantas daninhas na entressafra .....	101
6.11	Colheita.....	101
<b>7</b>	<b>Inoculação das Sementes com <i>Bradyrhizobium</i> .....</b>	<b>107</b>
7.1	Introdução .....	107
7.2	Qualidade e quantidade dos inoculantes.....	107
7.3	Aplicação de fungicidas às sementes junto com o inoculante.....	110
7.4	Aplicação de micronutrientes nas sementes.....	110

7.5	Aplicação de fungicidas e micronutrientes nas sementes, junto com o inoculante .....	111
7.6	Inoculação em áreas com cultivo anterior de soja .....	111
7.7	Inoculação em áreas de primeiro cultivo com soja .....	112
7.8	Nitrogênio mineral .....	112
<b>8</b>	<b>Instalação da Lavoura .....</b>	<b>113</b>
8.1	Umidade e temperatura do solo .....	113
8.2	Cuidados na semeadura .....	113
8.3	Época de semeadura .....	115
8.4	Semeadura em épocas não convencionais .....	116
8.5	Diversificação de cultivares.....	118
8.6	População e densidade de semeadura.....	118
8.7	Cálculo da quantidade de sementes e regulagem da semeadora .....	121
<b>9</b>	<b>Controle de Plantas Daninhas .....</b>	<b>123</b>
	Informações importantes.....	134
	Semeadura direta.....	135
	Manejo de plantas daninhas na soja RR (Roundup Ready) .....	136
	Disseminação.....	137
	Resistência.....	137
	Dessecação em pré-colheita da soja .....	138
	Manuseio de herbicidas e descarte de embalagens .....	139
<b>10</b>	<b>Manejo de Insetos-Pragas .....</b>	<b>141</b>
10.1	Definição .....	141
10.2	Pragas principais.....	142
10.3	Outras pragas .....	153
10.4	Manuseio de inseticidas e descarte de embalagens .....	158
<b>11</b>	<b>Doenças e Medidas de Controle .....</b>	<b>161</b>
11.1	Considerações gerais .....	161
11.2	Doenças identificadas no Brasil .....	162
11.3	Principais doenças e medidas de controle.....	164
11.4	Manuseio de fungicidas e descarte de embalagem.....	210

<b>12</b>	<b>Retenção Foliar e Haste Verde .....</b>	<b>211</b>
<b>13</b>	<b>Referências .....</b>	<b>213</b>

# A propriedade agrária, sua reserva legal e as áreas de preservação permanente

---

Sergio Ahrens<sup>1</sup>

O uso da propriedade imóvel rural (ou propriedade agrária) tem sido condicionado, tendo em vista a necessária proteção dos recursos naturais como, por exemplo, o ar, a água (de superfície e subterrânea), o solo e o subsolo, a flora e a fauna. Com esse propósito, a sociedade estabeleceu o que se denomina limitações administrativas ao uso da terra. Essas, por sua vez, determinam a maneira como atividades produtivas podem ou devem ser realizadas na propriedade (ou posse) rural.

Também na região central do Brasil, o uso da propriedade (ou posse) rural, para fins produtivos, inclusive na lavoura de soja, deve ocorrer em conformidade com o que determina a Lei. Ressalte-se que a proteção do meio ambiente tem como primeiro beneficiário o próprio produtor rural e a sua atividade produtiva, na medida em que existe um interesse de toda a sociedade em promover a sustentabilidade da agricultura, segundo as suas dimensões econômica, social e, assim, também, ambiental.

Legalmente, e em termos genéricos, uma propriedade imóvel rural é essencialmente composta, no Brasil, pelas seguintes três partes componentes:

- ♦ as Áreas de Preservação Permanente;
- ♦ a Reserva Legal;
- ♦ o restante da propriedade, que é passível de uso para atividades produtivas.

---

<sup>1</sup> Eng. Florestal, Dr., Bel. em Direito, Pesquisador em Planejamento da Produção e Manejo Florestal; Embrapa Florestas, Cx. Postal 319, 83411-000, Colombo, PR; sahrens@cnpf.embrapa.br

A obrigatoriedade de que seja mantida a vegetação nativa tanto nas Áreas de Preservação Permanente (APP's) como na Reserva Legal (RL), em cada propriedade imóvel rural, é prevista no Código Florestal brasileiro (Lei nº 4.771/65): a imposição da RL, para todas as propriedades imóveis rurais, decorre da lei; as APP's, de outro lado, resultam da existência, na propriedade, de situações fáticas nominadas na lei. Ao proteger as florestas (naturais ou plantadas) e outras formas naturais de vegetação existentes no território nacional, o Código Florestal também objetiva a proteção dos solos (contra a erosão) e das águas de rios, lagos e lagoas (contra o assoreamento com sedimentos resultantes da erosão). A flora cumpre, igualmente, outras importantes funções ambientais como, por exemplo, a proteção da fauna, da qualidade e da quantidade da água e do fluxo gênico.

Tanto pela sua relevância como pela atualidade, esta análise examina brevemente a aplicação do Código Florestal brasileiro quanto à definição dos mencionados espaços especialmente protegidos dentro da propriedade rural: as APP's e a RL.

## **As Áreas de Preservação Permanente**

Pelos motivos anteriormente mencionados, instituiu-se, por lei, a obrigatoriedade de se manter, na propriedade imóvel rural, as Florestas e demais formas de vegetação natural de Preservação Permanente e que devem estar localizadas em locais denominados Áreas de Preservação Permanente (APP's). A vegetação existente às margens dos cursos d'água, constitui, também, o que se denomina "Corredores de Biodiversidade" e, assim, protege, também, a fauna e o fluxo gênico desta, bem como o da flora.

O Código Florestal estabelece que são consideradas de preservação permanente as florestas e demais formas de vegetação natural situadas:

- ♦ aos longo dos rios ou de qualquer curso d'água, desde o seu nível mais alto em faixa marginal, cuja largura mínima será:

Largura do rio (metros)	Largura da APP (metros)*
Menos que 10	30
Entre 10 e 50	50
Entre 50 e 200	100
Entre 200 e 600	200
Acima de 600	500

\* Largura mínima, em cada margem e em projeção horizontal (segundo dispõe a Resolução CONAMA 303/02, a APP inicia-se no limite do "leito maior sazonal" ou cota de máxima inundação nas cheias ordinárias)

- ♦ ao redor das lagoas, dos lagos ou dos reservatórios d'água naturais ou artificiais;
- ♦ nas nascentes, ainda que intermitentes, e nos chamados "olhos d'água", qualquer que seja a sua situação topográfica, num raio mínimo de 50 metros;
- ♦ no terço superior (topo) de morros, montes, montanhas e serras;
- ♦ nas encostas, ou partes destas, com declividade superior a 45 graus;
- ♦ nas restingas, para a fixação de dunas e estabilização de mangues;
- ♦ nas bordas dos tabuleiros e chapadas, em faixas nunca inferiores a 100 metros, em projeção horizontal; e
- ♦ em altitude superior a 1.800 metros.

Segundo dispõe a Resolução CONAMA 303/02, a vegetação natural nas APP's ao redor de lagos e lagoas naturais, localizados em áreas rurais, deve ser mantida ou restaurada em faixas marginais com, no mínimo, 50 metros (para lagos com área de até 20 ha), ou, no mínimo, 100 metros (para lagos com área maior que 20 ha). Para reservatórios artificiais (RA), aplica-se o disposto na Resolução CONAMA 302/02 e que prevê, em áreas rurais, faixas marginais (ao redor do reservatório e nas ilhas que porventura sejam formadas) com, no mínimo, 100 metros; 15 metros para RA construídos para geração de energia elétrica com até dez ha; 15 metros para RA utilizados para abastecimento público ou geração de energia elétrica, com até 20 ha e localizados em área rural.

Quando uma propriedade rural não mais dispõe da vegetação nativa que

deve compor as APP's, ou a RL, diz-se que tem um “passivo ambiental” que precisa ser recuperado.

## A Reserva Legal

O Código Florestal também determina que o proprietário (ou possuidor) rural conserve a cobertura vegetal natural em determinada porcentagem da área total de cada propriedade (ou posse) rural, a título de RL.

A RL é constituída por uma determinada parcela da área total de cada propriedade imóvel rural, coberta por vegetação nativa. A RL deve cumprir funções ambientais que são inerentes à fitofisionomia em que a propriedade encontra-se localizada. Assim, a RL não é, necessariamente, florestal, como seria possível supor, ou seja, a RL diz respeito à conservação da flora e não apenas das florestas.

Segundo o Código Florestal, as seguintes porcentagens da área total de cada propriedade ou posse rural devem ser mantidas a título de RL, com vegetação nativa, em diferentes fitofisionomias e regiões do território nacional:

- ♦ 80% (fitofisionomias florestais), ou 35% (cerrado), na Amazônia Legal
- ♦ 20% em outras regiões do País
- ♦ 20% em áreas de campo natural, localizadas em qualquer região do País.

Na medida em que, algumas vezes, uma propriedade rural pode ser composta por mais de uma matrícula, cabe lembrar que a RL é uma figura associada a cada matrícula. A RL deve ser averbada à margem da inscrição da matrícula da propriedade imóvel rural, no registro de imóveis competente. Na posse, a RL é assegurada por um Termo de Ajustamento de Conduta, TAC, firmado pelo possuidor e o órgão estadual ou federal competente, com força de título executivo.

Somente após a sua averbação, a RL passa a ser legalmente constituída como tal. A vegetação que integra a Reserva Legal pode ser explorada, desde que o proprietário rural elabore um Plano de Manejo Florestal Sus-

tentável e que sua execução seja autorizada pelo IBAMA ou pelo órgão ambiental estadual. Cabe lembrar, também, que a vegetação que integra a RL não pode ser suprimida por meio de corte raso, admitindo-se, no Plano de Manejo, apenas o corte seletivo.

Conforme determina o Código Florestal, a localização da Reserva Legal é estabelecida a critério da autoridade ambiental competente. Nesse caso, devem ser observados os seguintes elementos:

- ♦ a “Função Social” da propriedade (Constituição Federal, Arts. 5º, XIII; 186);
- ♦ o plano de manejo da bacia hidrográfica;
- ♦ o Plano Diretor Municipal;
- ♦ o Zoneamento Ecológico-Econômico, ZEE (Decreto nº 4.297, de 10-07-2002); e
- ♦ a proximidade com outra RL, APP, ou Unidade de Conservação.

Para o cálculo da RL na “pequena propriedade ou posse rural familiar” (150 ha na Amazônia, 50 ha no Polígono das Secas e 30 ha no restante do País), o Código Florestal admite considerar os plantios já estabelecidos com espécies exóticas (árvores frutíferas, ornamentais ou industriais), cultivadas em sistema intercalar ou em consórcio com espécies nativas. Para quaisquer propriedades, no entanto, quando não mais existir a vegetação na RL, mesmo que apenas parcialmente, aquela deverá ser restaurada adotando-se as seguintes alternativas, isolada ou conjuntamente:

- a) pelo plantio, a cada três anos, de no mínimo 1/10 da área necessária à sua complementação, com espécies nativas (como exceção àquela regra geral, a lei permite que, na restauração da RL, seja realizado o plantio temporário de espécies exóticas, como pioneiras, visando a restauração do ecossistema original, de acordo com critérios técnicos gerais que ainda deverão ser estabelecidos pelo CONAMA.); e
- b) pela condução da regeneração natural, desde que autorizada pelo órgão ambiental competente, após comprovação de sua viabilidade, com laudo técnico, podendo-se exigir que a área seja isolada (por exemplo, por meio de cercas).

Quando, em uma propriedade, não houver vegetação suficiente para compor a sua RL, admite-se, também, a possibilidade de que seja autorizada a “compensação” daquela por área equivalente e com, no mínimo, a mesma importância ambiental, em outra propriedade. Ambas as propriedades devem estar localizadas no mesmo estado, no mesmo ecossistema e na mesma microbacia. Por outro lado, em muitas regiões nas quais a cobertura vegetal natural seja muito escassa, a possibilidade de compensar a RL configura-se de difícil implementação, restando aos proprietários apenas a sua recomposição.

## **Considerações finais**

O proprietário, ou possuidor, rural está legalmente obrigado a manter e conservar a vegetação natural que deve recobrir as APP's, e a RL. Na existência parcial, ou na inexistência, daquela vegetação, cabe ao proprietário, ou possuidor, a sua recomposição.

As considerações anteriormente apresentadas constituem apenas uma introdução ao exame do tema. Ao leitor interessado na matéria e, especialmente, quando for necessária a solução de situações complexas, recomenda-se o exame da legislação mencionada, bem como uma consulta ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, IBAMA, ou ao escritório regional do órgão ambiental estadual competente.

## 1.1 Exigências hídricas

A água constitui aproximadamente 90% do peso da planta, atuando em, praticamente, todos os processos fisiológicos e bioquímicos. Desempenha a função de solvente, através do qual gases, minerais e outros solutos entram nas células e movem-se pela planta. Tem, ainda, papel importante manutenção e distribuição do calor.

A disponibilidade de água é importante, principalmente, em dois períodos de desenvolvimento da soja: germinação-emergência e floração-enchimento de grãos. Durante o primeiro período, tanto o excesso quanto o déficit de água são prejudiciais à obtenção de uma boa uniformidade na população de plantas. A semente de soja necessita absorver, no mínimo, 50% de seu peso em água para assegurar boa germinação. Nessa fase, o conteúdo de água no solo não deve exceder a 85% do total máximo de água disponível e nem ser inferior a 50%.

A necessidade de água na cultura da soja vai aumentando com o desenvolvimento da planta, atingindo o máximo durante a floração-enchimento de grãos (7 a 8 mm/dia), decrescendo após esse período. *Déficits* hídricos expressivos, durante a floração e o enchimento de grãos, provocam alterações fisiológicas na planta, como o fechamento estomático e o enrolamento de folhas e, como consequência, causam a queda prematura de folhas e de flores e abortamento de vagens, resultando, por fim, em redução do rendimento de grãos.

A necessidade total de água na cultura da soja, para obtenção do máximo rendimento, varia entre 450 a 800 mm/ciclo, dependendo das condições climáticas, do manejo da cultura e da duração do ciclo.

Para minimizar os efeitos do *déficit* hídrico, indica-se semear apenas cultivares adaptadas à região e à condição de solo; semear em época recomendada e de menor risco climático; semear com adequada umidade

em todo o perfil do solo; e adotar práticas que favoreçam o armazenamento de água pelo solo. A irrigação é medida eficaz porém de custo elevado.

## 1.2 Exigências térmicas e fotoperiódicas

A soja melhor se adapta a temperaturas do ar entre 20°C e 30°C; a temperatura ideal para seu crescimento e desenvolvimento está em torno de 30°C.

Sempre que possível, a semeadura da soja não deve ser realizada quando a temperatura do solo estiver abaixo de 20°C porque prejudica a germinação e a emergência. A faixa de temperatura do solo adequada para semeadura varia de 20°C a 30°C, sendo 25°C a temperatura ideal para uma emergência rápida e uniforme.

O crescimento vegetativo da soja é pequeno ou nulo a temperaturas menores ou iguais a 10°C. Temperaturas acima de 40°C têm efeito adverso na taxa de crescimento, provocam distúrbios na floração e diminuem a capacidade de retenção de vagens. Esses problemas se acentuam com a ocorrência de *déficits* hídricos.

A floração da soja somente é induzida quando ocorrem temperaturas acima de 13°C. As diferenças de data de floração, entre anos, apresentadas por uma cultivar semeada numa mesma época, são devido às variações de temperatura. Assim, a floração precoce ocorre, principalmente, em decorrência de temperaturas mais altas, podendo acarretar diminuição na altura de planta. Esse problema pode se agravar se, paralelamente, houver insuficiência hídrica e/ou fotoperiódica durante a fase de crescimento. Diferenças de data de floração entre cultivares, numa mesma época de semeadura, são devido, principalmente, à resposta diferencial das cultivares ao comprimento do dia (fotoperíodo).

A maturação pode ser acelerada pela ocorrência de altas temperaturas. Quando vêm associadas a períodos de alta umidade, as altas temperaturas contribuem para diminuir a qualidade da semente e, quando associadas a condições de baixa umidade, predispõem a semente a danos mecânicos durante a colheita. Temperaturas baixas na fase da colheita, associadas

a período chuvoso ou de alta umidade, podem provocar atraso na data de colheita, bem como haste verde e retenção foliar.

A adaptação de diferentes cultivares a determinadas regiões depende, além das exigências hídricas e térmicas, de sua exigência fotoperiódica. A sensibilidade ao fotoperíodo é característica variável entre cultivares, ou seja, cada cultivar possui seu fotoperíodo crítico, acima do qual o florescimento é atrasado. Por isso, a soja é considerada planta de dia curto. Em função dessa característica, a faixa de adaptabilidade de cada cultivar varia à medida que se desloca em direção ao norte ou ao sul. Entretanto, cultivares que apresentam a característica “período juvenil longo” possuem adaptabilidade mais ampla, possibilitando sua utilização em faixas mais abrangentes de latitudes (locais) e de épocas de semeadura.



## 2.1 Informações gerais

A rotação de culturas, processo de cultivo para a preservação ambiental, influi positivamente na recuperação, manutenção e melhoria dos recursos naturais. Esta viabiliza produtividades mais elevadas, com mínima alteração ambiental. Outras vantagens do uso contínuo da rotação de culturas é a de preservar ou melhorar as características físicas, químicas e biológicas do solo, além de auxiliar no controle de plantas daninhas, doenças e pragas. A rotação repõe restos orgânicos e protege o solo da ação dos agentes climáticos, ajuda a viabilização da semeadura direta e diversifica a produção agropecuária.

Neste capítulo são indicadas várias seqüência de culturas, objetivando compor sistemas de rotação com soja e trigo ou cevada, destinadas a explorações agrícolas com uma adequada adoção de tecnologias.

## 2.2 Conceito

A rotação de culturas consistem em alternar espécies vegetais, no correr do tempo, numa mesma área agrícola. As espécies escolhidas devem ter propósitos comercial e de manutenção ou recuperação do meio-ambiente.

Para a obtenção de máxima eficiência da capacidade produtiva do solo, o planejamento de rotação deve considerar, além das espécies comerciais, aquelas destinadas à cobertura do solo, que produzam grandes quantidades de biomassa, cultivadas quer em condição solteira ou em consórcio com culturas comerciais.

## 2.3 Planejamento da lavoura

O planejamento é imprescindível, pois as tecnologias a serem usadas devem ser praticadas em conjunto. Dentre as já à disposição dos agricultores, pode-se destacar:

- ♦ sistema regional de conservação do solo em microbacias;
- ♦ calagem e adubação;
- ♦ cobertura vegetal do solo;
- ♦ processos de cultivo: preparo do solo, época de semeadura, cultivares adaptadas, população de plantas e controle de plantas daninhas, pragas e doenças;
- ♦ semeadura direta;
- ♦ integração agropecuária; e
- ♦ silvicultura.

## 2.4 Escolha do sistema de rotação de culturas

O uso da rotação de culturas conduz à diversificação das atividades na propriedade, que pode ser exclusivamente de culturas anuais ou culturas anuais e pastagens, o que demanda planejamento da propriedade a médio ou mesmo a longo prazos. A escolha das culturas e do sistema de rotação deve ter flexibilidade, de modo a atender às particularidades regionais e as perspectivas de comercialização dos produtos.

## 2.5 Escolha da rotação de culturas

No Paraná, as seqüências de culturas indicadas para anteceder ou suceder à cultura principal, na composição de sistema de rotação com soja e trigo, estão relacionadas, em ordem de preferência, na Tabela 2.1. Estão relacionadas também as espécies que podem ser usadas em condições especiais. As espécies anotadas com restrição de cultivo devem ser evitadas.

**Tabela 2.1.** Sinopse da sequência de culturas, indicadas preferencialmente em relação à cultura principal, para compor sistemas de rotação com a soja e trigo, no Paraná. Embrapa Soja. Londrina, PR, 1995.

Culturas com restrição para anteceder à principal	Cultura antecessora à principal	Cultura principal	Cultura sucessora à principal	Cultura com restrição para suceder à principal
Tremoços e cultivos no verão/outono de guandu ou mucuna ou lablab.	Milho, trigo, cevada, aveia branca, aveia preta, nabo forrageiro. Podem também ser cultivados milheto em consórcio com guandu no verão/outono, girassol <sup>1</sup> , canola <sup>1</sup> , consórcio de milho com guandu ou mucuna, consórcio de aveia preta com tremoços, milho safrinha (verão/outono) e azevém <sup>2</sup> .	<b>Soja</b>	Milho, trigo, cevada aveia preta. Podem ser cultivada aveia branca para grãos.	Girassol, canola e tremoços (para semente).
Cevada <sup>3</sup> , aveia preta para sementes, aveia branca para grão e semente.	Soja, guandu, mucunas, crotalárias, lab-lab, ervilhacas, nabo forrageiro, chicharo e girassol. Podem também ser cultivados aveia preta, aveia branca, trigo, tremoço, consórcio de aveia preta com tremoços e consórcio do milho com guandu ou mucuna e cevada <sup>4</sup> .	<b>Milho</b>	Soja, aveia branca para grão e semente, aveia preta, girassol de verão/outono, trigo, canola, tremoços para semente e milho (safrinha).	Cevada.
Aveia preta para semente.	Soja, ervilhacas, nabo forrageiro, aveia preta, chicharo. Podem também ser cultivados tremoços, aveia branca, milho, girassol safrinha, canola e cevada.	<b>Trigo</b>	Soja, cevada, canola, girassol safrinha, aveia branca e aveia preta para cobertura e semente. Pode também ser cultivado milho.	Sem restrição.
Aveia preta para semente.	Soja, trigo, aveia branca, aveia preta, ervilhaca, nabo forrageiro, chicharo e tremoço azul.	<b>Cevada</b>	Soja, aveia preta para cobertura e semente e, aveia branca.	Milho e trigo.

Fonte: Gaudencio, C. de A. Concepção da rotação de cultura com a soja no Paraná. In: REUNIÃO CENTRO-SUL DE ADUBAÇÃO VERDE E ROTAÇÃO DE CULTURAS, 5, 1995; Chapecó, SC. Resumos... Florianópolis: Epagri, 1998. (Adaptado das "Recomendações técnicas para a cultura da soja do Paraná 1994/95").

<sup>1</sup>Nas regiões onde não ocorre esclerotinia em soja, o girassol pode anteceder essa cultura. Em todos os casos, o girassol ou canola deve ser cultivado com intervalos mínimos de três anos na mesma área. <sup>2</sup>O azevém pode tornar-se invasora. <sup>3</sup>Quando semeado após 15 de junho. <sup>4</sup>Quando semeado de maio até 15 de junho.

Em áreas onde ocorre o cancro da haste da soja, além de outras medidas de controle, como o uso de cultivares resistentes à doença e tratamento de sementes, o guandu e o tremoço não devem ser cultivados antecedendo a soja. O guandu, apesar de não mostrar sintomas da doença durante o estágio vegetativo, reproduz o patógeno nos restos culturais. Além disso, após o consórcio milho/guandu, indicado para a recuperação de solos degradados, deve-se usar, sempre, cultivar de soja resistente ao cancro da haste. O tremoço é altamente suscetível ao cancro da haste.

## 2.6 Cobertura vegetal do solo

A escolha de espécies para cobertura vegetal do solo, quer como adubo verde, quer como cobertura morta, deve ser feita no sentido da produção de grande quantidade de biomassa. Além disso, deve-se dar preferência para plantas fixadoras de nitrogênio, com sistema radicular profundo ou abundante, promotoras de reciclagem de nutrientes, capazes de se nutrir com os fertilizantes residuais das culturas comerciais e que não sejam hospedeiras de pragas, doenças e nematóides ou apresentem efeito alelopático para as culturas comerciais.

No verão, são indicadas para cobertura verde: lab-lab, mucunas, guandu e crotalárias, em cultivo solteiro ou em consórcio com o milho.

Indica-se o uso do consórcio milho + guandu gigante ou milho + mucuna preta, em rotação com soja, somente para solos degradados, situados no norte e no centro-oeste do Paraná, nos quais as culturas comerciais apresentem baixos rendimentos, não sendo indicado para as demais zonas, especialmente as de clima mais frio. Esse sistema deve ser usado por, no máximo, duas safras. Após esse período, o sistema de rotação deve ser substituído por milho solteiro.

O milho deve ser precoce, semeado até o início de outubro. O guandu forrageiro deve ser semeado 25 a 35 dias após a semeadura do milho, utilizando semeadoura regulada no mesmo espaçamento da soja, em duas linhas, nas entrelinhas do milho, com densidade de 30 a 35 sementes por metro linear, para germinação de 70% a 75% e sempre internamente às

linhas do milho. Nesse processo, a umidade do solo deve ser favorável à germinação, pois é o principal fator de sucesso do sistema. No cultivo do milho, como o solo fica com a superfície irregular, deve-se tomar cuidado na semeadura do guandu que, embora não exigindo semeadura profunda, necessita de boa cobertura da semente. Na semeadura direta do guandu, podem ser usados alguns modelos de plantadoras, exceto aquelas em que as linhas coincidem com as do milho e aquelas com rodas limitadoras de profundidade muito largas; neste caso, deve-se substituir por rodas de menor largura.

A mucuna preta é semeada manualmente, na prematuração do milho, no espaçamento indicado para o guandu e com densidade de semeadura de cinco sementes por metro linear.

A colheita do milho deve ser feita logo após a maturação, regulando a plataforma de corte da colhedora saca-espiga, o mais alto possível.

O manejo da cobertura vegetal do milho + guandu ou milho + mucuna deve ser feito em meados de abril, no norte, e em fins de abril, no centro-oeste do Paraná, a fim de possibilitar o cultivo de inverno. O guandu deve ser sempre manejado antes do início do florescimento. O rolo-faca tem sido muito eficiente no manejo dessas espécies, no sistema de semeadura direta.

O milheto em consórcio com guandu pode ser semeado no espaçamento de 34 cm, usando para cada 100 quilogramas de sementes, a mistura de 20 kg de milheto (20%) e 80 kg (80%) de guandu. Regular a semeadora para 22 a 27 sementes/metro linear de guandu. No caso de utilizar espaçamento diferente de 34 cm, deve-se fazer o cálculo da quantidade da mistura de sementes sempre pelo guandu, para cerca de 50 sementes/m<sup>2</sup>, mantendo as percentagens 80% para guandu e 20% para milheto.

O depósito da semeadora deve ser abastecido até a metade de cada vez, para evitar o acúmulo de sementes de tamanho menor (milheto) no fundo do depósito.

O girassol é outra alternativa interessante no sistema de rotação, principalmente por melhorar as condições físicas do solo. Mas deve ser cultivado com intervalo mínimo de três anos na mesma área, especialmente se forem constatadas as presenças de *Sclerotinia sclerotiorum* e/ou do nematóide na soja.

## 2.7 Planejamento da rotação de culturas

A rotação de culturas aumenta o nível de complexidade das tarefas na propriedade. Exige planejamento de uso do solo e da propriedade segundo princípios básicos, onde deve ser considerada a aptidão agrícola de cada gleba. A adoção do planejamento deve ser gradativa para não causar transtornos organizacionais ou econômicos ao produtor. A área destinada à implantação dos sistemas de rotação deve ser dividida em tantas glebas quantos forem os anos de rotação. Após essa definição, estabelecer o processo de implantação sucessivamente, ano após ano, nos diferentes talhões previamente determinados. Assim procedendo, os cultivos são feitos em faixas, constituindo-se também em processos de conservação do solo.

## 2.8 Indicações de rotação de culturas

Com a finalidade de buscar novo modelo agrícola, distante da sucessão trigo/soja, são indicados, a seguir, esquemas de rotação de culturas anuais que poderão ser exclusivos ou comporem sistemas de rotação com pastagem, visando a integração agropecuária (Tabela 2.2).

### ♦ Sistema A

Indicado para todo o Estado do Paraná. Esta modalidade permite ser utilizada em sistema de rotação de lavouras anuais e pastagens em semeadura direta.

O nabo forrageiro pode ser substituído por tremoço branco (norte), tremoço azul (centro-oeste), ervilhaca, consórcio nabo forrageiro + ervilhaca ou aveia branca + ervilhaca (centro-sul).

A soja após aveia pode ser substituída por milho ou girassol.

Em regiões de menor incidência de helmintosporiose no sistema radicular do trigo (norte do Paraná), no sistema convencional de preparo do solo pode ser utilizado mais um ano de trigo/soja, dividindo-se a área a ser cultivada em cinco partes (talhões).

**Tabela 2.2.** Sistemas de rotação de culturas, com ciclos entre três a sete anos, indicados para diversas regiões do Estado do Paraná.

Rotação/ Sistemas	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		5º ano		6º ano		7º ano		% Soja
	I	V	I	V	I	V	I	V	I	V	I	V	I	V	
A	NB/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	-	-	-	-	-	-	50-75
B	AV/ML	GR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	-	-	-	-	-	-	50-75
C	AV/ML	CN/SJ	MT+G/SJ	MT+G/SJ	MT+G/SJ	MT+G/SJ	TR/SJ	TR/SJ	-	-	-	-	-	-	75
D	NB/ML	TR/SJ	AV/ML	AV/ML	AV/ML	AV/ML	GR/SJ	GR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	60
E	NB/ML	TR/SJ	PS/ML	PS/ML	PS/ML	PS/ML	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	60
F	NB/ML+G	TR/SJ	AV/ML+G	AV/ML+G	AV/ML+G	AV/ML+G	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	60
G	NB/ML	AV/ML	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	-	-	-	-	-	-	50
H	TM/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	-	-	-	-	-	-	-	-	66
I	TR/LB	TR/ML	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	-	-	-	-	-	-	50
J	ER/ML	TR/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	AV/ML	AV/ML	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	CV/SJ	TR/SJ	TR/SJ	65-85
L	ER/ML	TR/SJ	AV/ML	AV/ML	AV/ML	AV/ML	TR/SJ	TR/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	60-80
M	ER/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	CV/SJ	CV/SJ	-	-	-	-	-	-	75
N	ER/ML	TR/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	-	-	-	-	-	-	-	-	66
O	AV/ML	TR/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	-	-	-	-	-	-	-	-	66
P	NB/ML	TR/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	AV/ML	AV/ML	AV/SJ	AV/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	CV/SJ	70
Q	NB/ML+G	TR/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	AV/M+G	AV/M+G	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	CV/SJ	CV/SJ	CV/SJ	65

I = Inverno; V = Verão; AV = Aveia branca ou preta; ML = Milho; SJ = Soja; NB = Nabo forrageiro e TR = Trigo; GR = Girassol; CN = Canola; MT = Milheto; G ou GN = Guandú; PS = Pousio; LB = Lab-lab; ER = Ervilhaca; CV=-cevada;

No planejamento, a propriedade deverá ser dividida em tantos talhões quantos forem o número de anos em cada ciclo.

Ao final de um ciclo de rotação, o sistema poderá continuar da mesma forma como foi iniciado no primeiro ano, ou ser substituído por outro sistema, por razão técnica ou econômica. Para os demais talhões, após o término do sistema, poderá ter continuidade da mesma forma que o indicado para o talhão n° 1.

**♦ Sistema B**

Indicado para região norte do Estado do Paraná.

A aveia preta pode ser substituída por nabo forrageiro ou consórcio aveia preta e tremoço branco.

O girassol pode ser substituído por canola ou milho safrinha, na semeadura direta ou por pousio, no sistema de preparo do solo convencional.

No caso de adotar o pousio, o controle de plantas daninhas deverá ser feito com roçadoura ou rolo faca e não pelo uso de grade. O preparo do solo somente poderá ser feito próximo à semeadura da cultura de verão.

O girassol pode ser destinado à produção de grãos ou para adubação verde.

A soja, após girassol, pode ser substituída por milho, em todos os anos ou alguns deles.

**♦ Sistema C**

Indicado para as regiões norte e oeste do Estado do Paraná.

A canola pode ser substituída por milho safrinha, em todos os anos ou em alguns deles.

A soja, após canola pode ser substituída por milho em todos os anos ou em alguns deles.

O consórcio milheto+guandu pode ser substituído por trigo.

**♦ Sistema D**

Indicado para região norte do Estado do Paraná.

O girassol pode ser para produção de grãos ou para adubação verde.

O nabo forrageiro pode ser substituído por tremoço branco ou pelo consórcio com fileiras alternadas de aveia preta e tremoço branco.

O girassol pode ser substituído por canola ou milho safrinha, na semeadura direta, ou por pousio de inverno ou nabo forrageiro.

No caso de adotar o pousio, o controle de plantas daninhas deverá ser feito com roçadoura ou rolo faca e não pelo uso de grade. O preparo do solo somente deverá ser feito próximo à semeadura da cultura de verão.

O milho pode ser substituído por soja.

#### ♦ Sistema E

Indicado para região norte do Estado do Paraná.

No pousio de inverno o controle de plantas daninhas deverá ser feito com roçadoura ou rolo faca e não pelo uso de grade. O preparo do solo somente deverá ser feito próximo da semeadura da cultura de verão. O pousio não é indicado para áreas com alta ocorrência de plantas daninhas na soja. O segundo trigo no sistema pode ser substituído por girassol.

Após o pousio, o milho pode ser substituído por soja, em todos os anos ou em alguns deles, nesse caso o pousio pode ser substituído por aveia preta ou consórcio aveia preta + tremoço branco.

O nabo forrageiro pode ser substituído por tremoço branco ou consórcio tremoço branco + aveia preta ou pousio.

#### ♦ Sistema F

Indicado para as regiões norte e centro-oeste do Estado do Paraná.

Em lavouras infestadas com o cancro da haste, usar neste sistema cultivar de soja tolerante à doença.

O milho + guandu pode ser substituído por soja após aveia em todos os anos ou em alguns deles, por razão de ordem econômica.

O guandu pode ser substituído por mucuna, lab-lab ou crotalaria.

O guandu deve ser semeado 25 a 35 dias após a semeadura do milho.

O nabo forrageiro pode ser substituído por tremoço branco ou consórcio aveia preta + tremoço branco (norte) ou tremoço azul (centro-oeste).

#### ♦ Sistema G

Indicado para as regiões norte e centro-oeste do Estado do Paraná.

Este sistema é especialmente indicado para áreas infestadas com o cancro da haste. Neste caso usar também cultivar de soja tolerante à moléstia.

#### ♦ Sistema H

Indicado para as regiões norte, centro-oeste e oeste do Estado do Paraná.

O tremçoço pode ser substituído por ervilhaca, nabo forrageiro ou chícharo.

No sistema de semeadura direta é preferível usar aveia preta.

Este esquema é preferido para áreas com alta incidência de helmintosporiose no sistema radicular do trigo.

#### ♦ Sistema I

Indicado para região oeste do Estado do Paraná.

O lab-lab poderá ser substituído por mucuna preta, *Crotalaria spectabilis* ou girassol.

Este esquema é preferido para áreas com baixa ou sem ocorrência de helmintosporiose no sistema radicular do trigo.

#### ♦ Sistema J

Indicado para região do Planalto Paranaense de Guarapuava.

A ervilhaca pode ser substituído por nabo forrageiro, consórcio nabo forrageiro + ervilhaca ou aveia branca + ervilhaca.

A aveia branca pode ser para produção de grãos ou para cobertura do solo.

O milho após aveia pode ser substituído por soja ou girassol em todos os anos ou em alguns deles.

O segundo trigo do sistema pode ser substituído por aveia branca para grãos.

No sistema de semeadura direta aveia branca pode ser substituída por aveia preta em lugar da aveia branca. Nesse caso, o milho não deve ser substituído por soja ou girassol.

#### ♦ Sistema L

Indicado para região do Planalto Paranaense de Guarapuava.

O segundo trigo do sistema pode ser substituído por aveia branca para grãos.

A última cevada pode ser substituída por trigo.

O milho após aveia pode ser substituído por soja ou girassol, em todos os anos ou em alguns deles.

No sistema de semeadura direta aveia branca pode ser substituída por aveia preta. Nesse caso, o milho não deve ser substituído por soja ou girassol.

#### ♦ Sistema M

Indicado para região do Planalto Paranaense de Guarapuava.

Este sistema é também indicado para semeadura direta no verão e preparo do solo no inverno.

A ervilhaca pode ser substituída por nabo forrageiro ou pelo consórcio nabo + ervilhaca ou aveia branca + ervilhaca.

#### ♦ Sistema N

Indicado para região do Planalto Paranaense de Guarapuava.

Este sistema é também indicado para semeadura direta no verão e preparo do solo no inverno.

No caso do preparo (convencional) do solo, este deve ser alternado: escarificação, aração e grade pesada, isto é, não se deve repetir o mesmo tipo de implemento agrícola continuamente.

A ervilhaca pode ser substituída por nabo forrageiro ou consórcio nabo + ervilhaca ou aveia branca + ervilhaca.

O trigo pode ser substituído por aveia branca para grãos.

#### ♦ Sistema O

Indicado para região do Planalto Paranaense de Guarapuava.

Este sistema é também indicado para semeadura direta no verão e preparo do solo no inverno.

A aveia branca para grãos pode ser substituída por aveia preta, ervilhaca, nabo forrageiro, consórcio nabo + ervilhaca ou aveia branca + ervilhaca.

#### ♦ Sistema P

Indicado para região do Planalto Paranaense de Guarapuava.

O nabo forrageiro pode ser substituído por ervilhaca, consórcio nabo forrageiro + ervilhaca ou aveia branca + ervilhaca.

A primeira cevada pode ser substituída por aveia para cobertura do solo ou aveia branca para grãos.

A aveia após o milho pode ser para produção de grãos.

O último trigo pode ser substituído por aveia para cobertura. Nesse caso, usar nabo forrageiro antecedendo o milho.

Em áreas com ocorrência de *Sclerotinia sclerotiorum* na soja não devem ser feitas multiplicações de sementes de ervilhaca, nabo forrageiro ou tremoço, e para cobertura vegetal do solo essas espécies devem ser cultivadas com intervalos mínimos de três anos na mesma área.

#### ♦ Sistema Q

Indicado para região do Planalto Paranaense de Guarapuava.

O consórcio milho+guandu, deve ser utilizado no máximo duas safras para recuperar o solo. Após esse período, deve ser substituído por milho solteiro.

O nabo forrageiro pode ser substituído por ervilhaca, consórcio nabo forrageiro + ervilhaca ou aveia branca + ervilhaca.

O guandu deve ser semeado de 25 a 35 dias após a semeadura do milho.

O consórcio milho+guandu, após aveia, pode ser substituído por soja.

A cevada pode ser substituído por trigo ou aveia branca para grãos.

O trigo pode ser substituído por aveia branca para grãos ou cobertura do solo.

## 2.9 Sugestões para rotação de culturas anuais e pastagem

A utilização de diversos tipos de culturas é o principal fundamento da rotação para aumentar a estabilidade produtiva e maximizar, economicamente, a atividade rural. As culturas anuais, destinadas à produção de grãos, associadas a outras espécies recuperadoras do solo, são condições básicas na condução de sistemas de produção. Dentre essas espécies, as forrageiras (anuais, semi-perenes e perenes) constituem fortes agentes biológicos

recuperadores dos solos. Essa premissa leva a concluir que a atividade pecuária é uma forma eficiente para o manejo do ambiente rural. Deve-se ressaltar, no entanto, que áreas com pastagem também exigem manejo racional da fertilidade dos solos, para obter a máxima produção pecuária. Dessa forma, a utilização de fertilizantes, na condução de lavouras anuais, em sistemas de rotação com pastagens, pode ser o melhor modo para a re-adequação química dos solos destinados às espécies forrageiras.

### **2.9.1 Sistemas intensivos de integração agropecuária para solos argilosos**

A degradação dos solos argilosos pelo uso agrícola, pode estar ligada a múltiplos fatores, entre eles o manejo inadequado e pelo uso contínuo da monocultura, enquanto a degradação das pastagens pode estar ligada à nutrição de plantas. Nesse caso, a rotação com culturas anuais adubadas e pastagem podem ser indicadas para a re-adequação química do solo e a produção de grãos e forragens, importantes na integração agropecuária. São sugeridos quatro sistemas de rotação de culturas anuais e pastagem, dependendo da importância econômica de exploração dada pelo produtor (Tabelas 2.3 a 2.6).

### **2.9.2 Sistemas de integração agropecuária para solos arenosos e mistos**

Os solos de textura média, em especial os situados no noroeste do Paraná, constituem-se num ambiente frágil, do ponto de vista agrícola, e, devido a isso, não são indicados para o cultivo da soja em monocultura, por apresentarem o grande inconveniente de favorecer os processos erosivos. Genericamente, nas condições desses solos pode-se cultivar pastagem, nos seguintes sistemas:

- a) exclusivo,
- b) misto com lavouras anuais,
- c) consorciado e
- d) silvopastoril.

**Tabela 2.3.** Sistema de rotação lavoura anual/pastagem. Sistema de seis piquetes. Área com 65% de lavoura<sup>1</sup>.

Piquete nº	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
1	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *	*/ML	+ GN/SJ	TR/SJ	TR/SJ
2	NB/ML	AV/SJ	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *	*/ML	+ GN/SJ
3	TR/SJ	NB/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *
4	AV/SJ	TR/SJ	TR/SJ	NB/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *
5	TR/(FP)	* *	* *	*/ML	+ GN/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/SJ	TR/(FP)
6	TR/(FP)	* *	* *	* *	*/ML	+ GN/SJ	TR/SJ	TR/SJ	AV/SJ

Continua...

... Continuação Tabela 2.3

Piquete nº	10º ano	11º ano	12º ano	13º ano	14º ano	15º ano	16º ano	17º ano
1	NB/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *
2	TR/SJ	TR/SJ	NB/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *
3	*/ML	+ GN/SJ	TR/SJ	TR/SJ	NB/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)
4	* *	* *	*/ML	+ GN/SJ	TR/SJ	TR/SJ	NB/ML	AV/SJ
5	* *	* *	* *	* *	*/ML	+ GN/SJ	TR/SJ	TR/SJ
6	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *	*/ML	+ GN/SJ

I = Inverno; V = Verão.

<sup>1</sup> Este sistema é especialmente indicado para solos degradados e que as culturas anuais apresentem baixo rendimento.

**Tabela 2.4.** Sistema de rotação pastagem/lavoura. Sistema de seis piquetes. Área com cerca de 50% de pastagem<sup>1</sup>.

Piquete nº	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
1	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V
2	* /ML	+ GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *
3	* *	* /ML	+ GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *
4	TR/(FP)	* *	* *	* /ML	+ GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)
5	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *	* *	* /ML	+ GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ
6	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *	* /ML	+ GN/SJ

...Continuação Tabela 2.4

Piquete nº	10º ano	11º ano	12º ano	13º ano	14º ano	15º ano	16º ano	17º ano
1	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V
2	* *	* /ML	+ GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *
3	* *	* *	* *	* /ML	+ GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ	* *
4	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *	* *	* /ML	+ GN/SJ
5	TR/SJ	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *
6	* /ML	+ GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *

Continua...

I = Inverno; V = Verão.

<sup>1</sup> Este sistema é especialmente indicado para pastagem degradada, com baixa conversão de produção.

- No caso de recuperação de pastagem (especialmente gramíneas do gênero *Brachiaria*), sugere-se iniciar o sistema com a cultura da soja. Na formação de pastagem sugere-se implantação em conjunto com o milho (precoce).

ML + GN = Milho precoce solteiro ou em consórcio com gandu, objetivando usar palhada do milho e gandu para o gado. Se não for usado o gandu semear aveia preta após o milho; (FP) = Período para formação de pastagem com gramínea cespitosa (não estolonífera); \* = Pastagem formada; AV = Aveia preta para cobertura vegetal ou como capineira de inverno; SJ = Soja; ML = Milho; TR = Trigo.

**Tabela 2.5.** Sistema de rotação pastagem/lavoura. Sistema de seis piquetes. Área com cerca de 50% de pastagem<sup>1</sup>.

Piquete nº	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	10º ano	11º ano
1	TR/SJ	TR/ML	+GN/SJ	TR/(FP)	*	*	*	*	*	*	*
2	*	*	*/ML	+GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ	TR/(FP)	*	*	*	*
3	*	*	*	*	*/ML	+GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ	TR/(FP)	*	*
4	*	*	*	*	*	*	*/ML	+GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ	TR/(FP)
5	*	*	*	*	*	*	*	*	*/ML	+GN/SJ	TR/SJ
6	AV/ML+	GN/SJ	TR/(FP)	*	*	*	*	*	*	*	*/ML

...Continuação Tabela 2.5

Piquete nº	12º ano	13º ano	14º ano	15º ano	16º ano	17º ano	18º ano	19º ano	20º ano	21º ano
1	*/ML	+GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ	TR/(FP)	*	*	*	*	*
2	*	*	*	*/ML	+GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ	TR/(FP)	*	*
3	*	*	*	*	*	*/ML	+GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ	TR/(FP)
4	*	*	*	*	*	*	*	*/ML	+GN/SJ	TR/SJ
5	AV/SJ	TR/(FP)	*	*	*	*	*	*	*	*/ML
6	+GN/SJ	TR/SJ	AV/SJ	TR/(FP)	*	*	*	*	*	*

Continua...

I = Inverno; V = Verão.

<sup>1</sup> Este esquema é especialmente indicado para sistema misto pastagem/lavoura em que a atividade econômica principal é a pecuária.

(FP) = Período para formação de pastagem com graminea cespitosa (não estolonífera).

ML + GN = Milho precoce solteiro ou em consórcio com gandu, objetivando usar a palhada do milho e gandu para o gado. Se não for usado gandu semear aveia preta após o milho; \* = Pastagem formada; AV = Aveia preta como capineira de inverno ou para cobertura vegetal do solo; SJ = Soja; TR = Trigo.

**Tabela 2.6.** Sistema de rotação lavoura anual/pastagem. Sistema de quatro piquetes. Área com cerca de 50% de lavoura (a partir de 2º ano)<sup>1</sup>.

Piquete nº	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	10º ano	11º ano
	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V
1	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *	*/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *
2	TR/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *	*/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)
3	TR/SJ	AV/ML	TR/SJ	TR/ML	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *	*/ML	AV/SJ
4	AV/(FP)	* *	* *	* *	*/ML	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *

...Continuação Tabela 2.6

Piquete nº	12º ano	13º ano	14º ano	15º ano	16º ano	17º ano	18º ano	19º ano	20º ano	21º ano
	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V
1	* *	* *	*/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *
2	* *	* *	* *	* *	*/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *
3	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *	*/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)
4	*/ML	AV/SJ	TR/SJ	TR/(FP)	* *	* *	* *	* *	*/ML	AV/SJ

Continua...

I = Inverno; V = Verão.

<sup>1</sup> Este sistema é especialmente indicado para manter e melhorar a capacidade produtiva da atividade agropecuária.Em caso de recuperação de pastagem (especialmente gramíneas do gênero *Brachiaria*), sugere-se iniciar o sistema com a cultura da soja. Na formação de pastagem, sugere-se a implantação em conjunto com o milho (precoce).

(FP) = Período para formação de pastagem com gramínea cespitosa (não estolonífera); \* = Pastagem formada; ML = Milho para grão ou ensilagem. Pode ser substituído por sorgo para ensilagem; AV = Aveia preta como capineira de inverno ou para cobertura vegetal do solo; SJ = Soja; TR = Trigo.

Em condições de limitação de fertilidade do solo, a exploração de pastagem conduz à degradação do mesmo. Isso indica que, para tornar o ambiente sustentável, há necessidade do desenvolvimento de técnicas de recuperação da fertilidade do solo, para torná-lo apto ao desenvolvimento de pastagens. Assim, existem vários caminhos, entre eles o cultivo de culturas anuais adubadas, inclusive a soja. Nessas condições, devem ser implantadas, preferencialmente, em semeadura direta. Quando houver necessidade de abertura de área ocupada com pastagem, ela deve ser efetuada ao final do período das águas e práticas conservacionistas devem ser implantadas como parte do planejamento, utilizando espécies forrageiras de outono/inverno, para cobertura do solo. A implantação das culturas anuais de verão devem ser obrigatoriamente em semeadura direta.

Na constituição de sistemas com a soja, a título de sugestão, são apresentados dois modelos de rotação de pastagem e culturas anuais. O primeiro, constante da Tabela 2.7, é especialmente indicado para recuperação ou renovação de pastagens. O segundo, constante da Tabela 2.8, é indicado, principalmente, para os casos de parceria ou arrendamento rural.

Deve-se, também, observar:

- a) a aveia preta implantada na primeira fase deve ser adubada e pode ser implantada no sistema mínimo ou convencional de preparo do solo;
- b) o milheto solteiro, ou em consórcio com guandu, deve ser semeado até 10/03 e, precedido por milho precoce semeado até 10/10;
- c) na soja, é imprescindível a utilização de inoculante; e
- d) após o segundo cultivo de verão, é indispensável nova análise química do solo.

**Tabela 2.7.** Rotação de espécies vegetais, com a soja, no processo de renovação de pastagem, sob condição de arenito do noroeste do Paraná.

Piquete <sup>1</sup>	Ano											
	1 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	6 <sup>o</sup>	7 <sup>o</sup>	8 <sup>o</sup>	9 <sup>o</sup>	10 <sup>o</sup>	11 <sup>o</sup>	12 <sup>o</sup>
1	AV/SJ	AV/ML	M*/P	*	*	*	*	*	* +/SJ	AV/ML	M*/P	
2	*	AV/SJ	AV/ML	M*/P	*	*	*	*	*	* +/SJ	AV/ML	M*/P
3	*	*	AV/SJ	AV/ML	M*/P	*	*	*	*	*	* +/SJ	AV/ML
4	*	*	*	AV/SJ	AV/ML	M*/P	*	*	*	*	*	* +/SJ
5	*	*	*	*	AV/SJ	AV/ML	M*/P	*	*	*	*	*
6	*	*	*	*	AV/SJ	AV/ML	M*/P	M*/P	*	*	*	*
7	*	*	*	*	*	*	AV/SJ	AV/ML	M*/P	*	*	*
8	AV/ML	M*/P	*	*	*	*	*	* +/SJ	AV/ML	M*/P	*	*

<sup>1</sup> Piquetes com área mínima de 50 ha.

I = Inverno; V = Verão; SJ = Soja; ML = Milho; AV = aveia preta; M\* = Milheto em consórcio com gandu; P = formação de pastagem; \* = Pastagem formada; + = Fim do primeiro ciclo de integração agropecuária.

**Tabela 2.8.** Rotação de espécies vegetais com a soja, no processo de renovação de pastagem, sob condição de arenito do noroeste do Paraná.

Piquete	Ano											
	1 <sup>o</sup>	2 <sup>o</sup>	3 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>	5 <sup>o</sup>	6 <sup>o</sup>	7 <sup>o</sup>	8 <sup>o</sup>	9 <sup>o</sup>	10 <sup>o</sup>	11 <sup>o</sup>	12 <sup>o</sup>
	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V	I V
01	AV/SJ	AV/ML	MT/SJ	AV/P	*	*	*	*	+/SJ	AV/ML	MT/SJ	AV/P
02	AV/SJ	AV/SJ	AV/ML	MT/SJ	AV/P	*	*	*	*	+/SJ	AV/ML	MT/SJ
03	*	*	AV/SJ	AV/ML	MT/SJ	AV/P	*	*	*	*	+/SJ	AV/ML
04	*	*	*	AV/SJ	AV/ML	MT/SJ	AV/P	*	*	*	*	+/SJ
05	*	*	*	*	AV/SJ	AV/ML	MT/SJ	AV/P	*	*	*	*
06	*	*	*	*	*	AV/SJ	AV/ML	MT/SJ	AV/P	*	*	*
07	*	*	*	*	*	AV/SJ	AV/ML	MT/SJ	AV/P	AV/P	*	*
08	AV/ML	MT/SJ	AV/P	*	*	*	*	AV/SJ	AV/ML	MT/SJ	AV/P	*

<sup>1</sup> Piquetes com área mínima de 35 ha.

I = Inverno; V = Verão; SJ = Soja; ML = Milho; AV = aveia preta; MT = Milheto solteiro; P = Formação de pastagem; \* = Pastagem formada; + = Fim do primeiro ciclo de integração agropecuária.

No manejo do solo, a primeira e talvez a mais importante operação a ser realizada é o seu preparo. Longe de ser uma tecnologia simples, o preparo do solo compreende um conjunto de práticas que, quando usado racionalmente, pode permitir uma alta produtividade das culturas a baixos custos, mas pode também, quando usado de maneira incorreta, levar rapidamente um solo à degradação física, química e biológica e paulatinamente, diminuir o seu potencial produtivo.

O atual sistema de exploração agrícola tem induzido o solo a um processo acelerado de degradação, com desequilíbrio de suas características físicas, químicas e biológicas, afetando, progressivamente, o seu potencial produtivo.

Os fatores que causam a degradação do solo agem de forma conjunta e a importância relativa de cada um varia com as circunstâncias de clima, do próprio solo e de culturas. Entre os principais fatores, destacam-se: a compactação, a ausência da cobertura vegetal do solo, a ação das chuvas de alta intensidade, o uso de áreas inaptas para culturas anuais, o preparo do solo com excessivas gradagens superficiais e o uso de práticas conservacionistas isoladas.

Em substituição a esse modelo, o plantio direto, se adotado corretamente, é prática indispensável para reverter o processo de degradação dos solos e melhorar o desempenho da soja e culturas associadas.

As informações contidas no presente capítulo serão enriquecidas através da leitura dos trabalhos de Torres et al. (1993) e Torres e Saraiva (1999), editados pela Embrapa Soja.

## **3.1 Semeadura direta**

### **3.1.1 Importância**

No modelo tradicional de cultivo da soja, conceituado como convencional, o manejo do solo é realizado com número excessivo de operações de preparo. Somados às demais operações de cultivo, fazem com que, em uma propriedade, em apenas uma safra agrícola, máquinas e veículos passem revolvendo ou sobre o solo por mais de 15 vezes. Essa forma de manejo, principalmente quando o preparo é feito com implementos e condições de solo inadequadas, tem causado a de-estabilização dos agregados do solo e a redução da matéria orgânica; como consequência, a ocorrência de erosão, com perdas de solo e nutrientes.

A matéria orgânica é, em grande parte, responsável pela CTC e pela estabilidade das características físicas dos solos, ou seja, agregados estáveis, relação adequada entre macro e microporos, retenção de água, e outros, os quais por sua vez afetam direta, ou indiretamente, a produtividade da soja.

O sistema de semeadura direta é a melhor alternativa para reverter a situação de degradação gerada pelo cultivo convencional. Desde que seja adotado de modo correto, apresenta vantagens sobre os sistemas que revolvem o solo. Como vantagens, o sistema de semeadura direta diminui a erosão, melhora os níveis de fertilidade do solo, principalmente de fósforo, mantém ou aumenta a matéria orgânica, proporciona redução dos custos de produção (menor desgaste de tratores e maior economia de combustível, em razão da ausência das operações de preparo), permite a melhor racionalização no uso de máquinas, implementos e equipamentos, possibilitando que as diferentes culturas sejam implantadas nas épocas indicadas e, finalmente, proporciona estabilidade na produção e melhoria de vida do produtor rural e da sociedade.

## **3.1.2 Implantação e requisitos**

### **3.1.2.1 Conscientização**

Tanto os agricultores, como a assistência técnica, devem estar predispostos a mudanças, conscientes de que o sistema é importante para alcançar êxito e rentabilidade na atividade agrícola. A assistência técnica capacitada é fundamental, pois, as tecnologias, principalmente na fase inicial de adoção, requerem acompanhamento permanente e contínuo.

### **3.1.2.2 Levantamento dos recursos**

O conhecimento detalhado da propriedade agrícola é essencial para a obtenção de sucesso com a adoção do sistema de semeadura direta. Para tanto é necessário o levantamento das condições do solo, da incidência de plantas daninhas, da disponibilidade de máquinas e implementos agrícolas, e do potencial dos recursos humanos.

**Solos:** Organizar as informações referentes a tipos de solo, fertilidade, acidez, presenças de camada compactada, ocorrências de erosão, vias de acesso e toda infraestrutura. Todas essas informações deverão ser obtidas de modo correto, para representarem com fidelidade as condições da propriedade. As amostragens, para conhecimento das condições físicas e químicas do solo, deverão ser realizadas de acordo com as indicações específicas para coleta (forma de coleta, número de amostras e o envio ao laboratório).

**Plantas daninhas:** O levantamento e o mapeamento da infestação de plantas daninhas (espécies e intensidade) serão passos importantes, para a racionalização dos custos no sistema de semeadura direta, já que os herbicidas são um dos principais componentes dos custos de produção. Essa etapa servirá como base para orientação do local e do método de controle de plantas daninhas a ser empregado.

**Máquinas e implementos agrícolas:** Já existem, disponíveis no mercado, um bom número de modelos de semeadoras para serem utilizadas no sistema de semeadura direta. Semeadoras que foram aprimoradas com o passar

dos anos, atualmente permitem um bom estabelecimento das lavouras de soja ou de qualquer outra cultura, desde que sejam observadas as informações específicas de regulação em função do tipo de solo e da quantidade dos restos de cultura. A textura do solo é um dos parâmetros orientadores da escolha do modelo de semeadora. Outros parâmetros importantes são a capacidade de cortar resteva e abrir sulcos, uniformizar a profundidade de semeadura e cobrir as sementes. Nessa etapa devem ser considerados os tipos de discos que fazem o corte da palhada e/ou a abertura de sulcos, a necessidade de pequenos sulcadores (botas ou escarificadores) junto aos discos, presença de limitador de profundidade de semente, etc. As culturas que fazem parte do sistema de rotação empregado na propriedade devem, também, influenciar sobre a escolha da semeadora, no que toca ao sistema de distribuição de sementes. Assim, deve-se procurar uma semeadora versátil que atenda com eficiência todas as necessidades da propriedade rural. Algumas semeadoras, utilizadas atualmente no sistema convencional, apresentam condições de serem adaptadas, para possibilitar o corte da palha, a abertura de sulcos e o fechamento dos mesmos, após a semeadura no sistema de semeadura direta. Essas adaptações tem se mostrado com baixo custo e boa eficiência operacional.

Recursos humanos: O agricultor deve ter consciência que, a partir da decisão que tomou em implantar o sistema de semeadura direta, terá pela frente um novo sistema, que exigirá uma postura diferente daquela que tinha anteriormente. Para isso, deverá ser treinado e permitir que seus operadores de máquinas o sejam também, principalmente, no uso de semeadoras e na tecnologia de controle de plantas daninhas. Devem obter conhecimentos sobre a identificação e estágio de desenvolvimento de plantas daninhas, tecnologia da aplicação de herbicidas (vazão e tipo de bicos de pulverizadores), hora ideal de aplicação de cada produto, seleção de herbicidas, métodos de aplicação de corretivos de solo e outros assuntos pertinentes. A participação dos produtores em associações de sistema de semeadura direta auxilia na troca de experiências e na reciclagem de conhecimentos. O acompanhamento da assistência técnica é indispensável, pois muitas das decisões requerem informações específicas que necessitam da participação de um engenheiro agrônomo.

### 3.1.2.3 Planejamento

Em qualquer atividade, o planejamento é uma das mais importantes etapas para a redução de erros e riscos, ou seja, para aumentarem as chances de sucesso. O planejamento envolve a análise dos custos e dos benefícios proporcionados pela adoção do novo sistema. Deve ser considerado: a) necessidade de novas máquinas e equipamentos, utilização de sistemas de rotação de culturas, mercado consumidor para as culturas que compõem o sistema e necessidade de capacitação de pessoal; b) elaboração e interpretação das informações obtidas na propriedade, como análise de fertilidade de solo, necessidade de incorporação de fertilizantes e corretivos, existência de camadas compactadas nos solos, incidência e nível de infestação de plantas daninhas e infra-estrutura básica da propriedade. Essas informações devem ser mapeadas, para servirem de subsídios para a programação da divisão da propriedade em glebas e formulação de um cronograma de atividades.

Na formulação do cronograma, é importante que se conheça toda a tecnologia disponível para cada região. Alguns pré-requisitos são importantes e devem ser considerados na implantação e na condução do sistema, principalmente, para áreas cultivadas já há algum tempo com o sistema convencional:

- no início das atividades, a área do sistema de semeadura direta deve ser pequena, para que o agricultor possa adquirir experiência. Deve buscar as soluções de suas dificuldades junto a assistência técnica e a agricultores com mais experiência. Só após familiarizado com o sistema, deve aumentar a área (sob sistema de semeadura direta) na propriedade;
- a acidez do solo deve ser corrigida a uma profundidade de 20 a 25 cm. O tipo e a quantidade do corretivo a ser aplicado deve ser orientado através do resultado da análise de solo, em função do sistema de produção da propriedade. A incorporação do corretivo de acidez pode ser simultânea à operação de descompactação, porém com o implemento indicado para a incorporação;
- é imprescindível a presença de cobertura com restos de culturas, para a proteção do solo;

- o solo deve estar livre de camadas compactadas e nivelado. A operação de descompactação pode ser feita com escarificadores, subso-ladores ou arados. A profundidade desse trabalho deve ser indicada por uma avaliação de resistência do solo. Se após esse trabalho ainda permanecerem vestígios de sulcos de erosão, estes devem ser eliminados com o emprego de escarificadores e grades niveladoras; e
- na colheita de grãos, a colhedora deve ser provida de picador de palhas ou de outra adaptação, regulados para fragmentar os resíduos e bem distribuí-los na superfície do solo. Tanto a operação de colheita, como a de manejo das espécies para adubação verde, não devem fragmentar as plantas em tamanhos muito pequenos. Resíduos pequenos possuem maior contato com o solo e são decompostos muito rapidamente.

## 3.2 Cobertura do solo

A cobertura do solo é indispensável para o sucesso do plantio direto. Para isso, a soja, preferencialmente, deve ser cultivada em sistemas ordenados de rotação de culturas, sempre planejados para deixar os solos cobertos o maior espaço de tempo possível. A quantidade e a qualidade dos restos de culturas são determinantes para recuperar a matéria orgânica do solo, auxiliar no controle de plantas daninhas, permitir a reciclagem de nutrientes, reduzir riscos de erosão, aumentar a capacidade de armazenamento de água no solo, além de outros.

A aveia preta e o milho, dentre outras, são culturas importantes para serem cultivadas num sistema de rotação (ver esquemas no capítulo de rotação de culturas). A soja, quando cultivada após aveia rolada, apresenta excelente desempenho, principalmente quando ocorrem problemas de veranicos, observando-se, nessas condições, aumentos de até 20% na produtividade, em relação a outras condições de manejo de solo e culturas.

A aveia ainda proporciona menor incidência das doenças causadas por *Rhizoctonia solani* e *Sclerotinia sclerotiorum* em soja e diminui a incidência de plantas daninhas, principalmente de *Brachiaria plantaginea* (capim mamelada).

### **3.2.1 Manejo das espécies para cobertura do solo**

É importante que os resíduos não sejam fragmentados em tamanho muito pequeno, para que a decomposição dos mesmos não seja acelerada.

O manejo das espécies destinadas à adubação verde podem ser realizados mecanicamente (rolo-faca, roçadeira, trituradores, etc) ou com herbicidas. No caso da aveia, a melhor cobertura é obtida quando o manejo é feito com rolo-faca na fase de floração plena. A operação de rolagem deve ser realizada quando o solo estiver seco, procurando, com isso, evitar que o implemento compacte o solo, por ser pesado. O manejo da aveia, com herbicidas, pode ser feito quando a mesma estiver no início da fase de grãos leitosos. O atraso na época de manejo pode permitir que as sementes tornem-se viáveis e invasoras na safra seguinte. A dessecação da aveia faz com que a maiorias das plantas permaneçam em pé e só sejam quebradas e deitadas por ocasião da semeadura. Essa última prática é discutível em áreas com problemas de infestação de plantas daninhas.

Outras espécies como nabo e o tremoço, também podem ser cultivadas em sistemas de rotação de culturas que envolvam a soja, porém, elas entram no sistema antes do milho (ver capítulo sobre rotação de culturas). Essas espécies podem ser manejadas mecanicamente, através dos métodos já descritos anteriormente, na fase de floração e início de formação de grãos. Atualmente, pratica-se o consórcio do nabo ou do tremoço com a aveia, com excelentes resultados.

Para solos degradados, com problemas de compactação, pode-se semear o milho consorciado com guandú, onde todas as operações podem ser mecanizadas (detalhes no capítulo sobre rotação de culturas).

#### **3.2.1.1 Manejo dos resíduos culturais**

O manejo dos resíduos culturais deve ser uma das preocupações constante em se tratando de plantio direto. A queima dos resíduos culturais ou da vegetação de cobertura do solo, além de reduzir a infiltração de água e aumentar a suscetibilidade do solo à erosão, contribui para a diminuição do teor de matéria orgânica do solo e, conseqüentemente, influi na

capacidade dos solos em reter cátions trocáveis. Durante a queima existe conversão dos nutrientes da matéria orgânica para a forma inorgânica de nitrogênio, enxofre, fósforo, potássio, cálcio, magnésio e micronutrientes. Esses nutrientes contidos podem ser perdidos por volatilização durante a queima ou por lixiviação e/ou erosão das cinzas.

### **3.2.1.2 Manejo dos resíduos das culturas destinadas à produção de grãos**

Os primeiros procedimentos para se ter uma cobertura adequada e uniforme devem começar por ocasião da colheita das culturas destinadas a grãos. A colhedora deve ser regulada para que a palha seja picada e distribuída uniformemente sobre o terreno, numa faixa equivalente à sua largura de corte. Na colheita, o uso de picador de palha é indispensável. O picador deve ser regulado para uma distribuição uniforme da palha sobre o solo, numa faixa equivalente a largura de corte da colhedora para facilitar as práticas culturais em presença de resíduos das culturas, como as de semeadura e a ação dos herbicidas. Para a cultura do milho, no caso de ausência do uso de picador de palha na colhedora, poderá haver necessidade de uma operação complementar para picar melhor os resíduos. Para tanto, pode-se utilizar a roçadora, a segadora, o tarup, ou trituradores. No caso desse último implemento, procurar regulá-lo de modo que os resíduos não fiquem exageradamente pequenos.

## **3.3 Desempenho e condução do sistema de semeadura direta**

Em razão das diferentes condições de clima e solo, o sistema de semeadura direta tem um comportamento distinto nas diferentes regiões do Estado. Diferenças nas características físicas e químicas fazem com que os solos respondam diferencialmente à mecanização, à adubação e à correção. O clima afeta a persistência dos resíduos e da matéria orgânica. Esta interage-se com as partículas primárias e secundárias do solo, para determinar o comportamento das suas características físicas, as quais tem efeito sobre

a aeração, regime térmico, disponibilidade de água e resistência das camadas de impedimento, que são os parâmetros que influenciam diretamente o desenvolvimento da soja. As modificações desses processos no solo é dinâmica e exige, com o passar dos anos, um acompanhamento específico de cada situação, para definir a melhor tecnologia, a ser utilizada na região e na propriedade. Assim, após a implantação do sistema de semeadura direta, é importante acompanhar o seu desempenho, preferencialmente, por glebas. Esse acompanhamento deve constar de análise de solo, tanto de fertilidade, como física, do monitoramento da dinâmica de pragas, de doenças, de plantas daninhas e, também, da produtividade das culturas.

A análise de fertilidade do solo mostrará a evolução da matéria orgânica, característica importante para definir a evolução do sistema, além da necessidade de calagem e aplicações de fertilizantes.

A análise física do perfil do solo deve contemplar a avaliação da resistência à penetração e a presença de canálculos no solo, devido a atividade de insetos e a decomposição de raízes, os quais são espaços importantes para a reciclagem de nutrientes e crescimento de raízes. Para complementar essas informações, é importante avaliar a distribuição do sistema radicular da soja.

A seguir são listados alguns problemas levantados por agricultores e as formas de diagnosticá-los:

### **3.3.1. Compactação do solo**

É assunto polêmico, quando se trata de sistema de semeadura direta nos solos originadas do basalto (na maioria, latossolos roxos e terras roxas). Porém, deve ficar claro que a compactação não inviabiliza o sistema de semeadura direta nos latossolos, porém exige um melhor acompanhamento.

A compactação é o aumento da densidade do solo em função do arranjos das partículas primária (argila, silte e areia). Quando o solo é submetido a um esforço cortante e/ou de pressão, há redução do espaço aéreo, aumentando sua densidade aparente. Normalmente, os solos formados por partículas pequenas, e de diferentes tamanhos, são mais

facilmente compactados, porque as partículas pequenas podem ser encaixadas nos espaços formados entre partículas maiores, formando camadas de impedimento com baixa macroporosidade. O processo de compactação é intensificado pela redução dos agentes de estrutura (matéria orgânica, redução da atividade de alguns microorganismos, exudados de plantas e outros).

Esses conceitos conduzem à indicações de que os latossolos roxos e as terras roxas apresentam características, que os tornam mais susceptíveis à compactação, devido aos elevados teores de argila. Essa condição é agravada quando os solos são preparados com número excessivo de operações de implementos e condições inadequadas de umidade. Essa prática, além de reduzir drasticamente a matéria orgânica, dificulta sua recuperação, mesmo com a incorporação de restos de culturas ao solo. O sistema de semeadura direta é a melhor alternativa para recuperar a matéria orgânica e o estado de agregação dos solos, possibilitando que os mesmos proporcionem, com o passar dos anos, produtividades estáveis. Porém, quando se implanta o sistema de semeadura direta em condições de solo degradado, principalmente nos primeiros anos, podem aparecer problemas de adensamento, os quais devem ser monitoradas, para definir o seu real efeito sobre o desenvolvimento da soja.

### **3.3.1.1 Monitoramento da compactação do solo**

Primeiramente, deve-se ter um histórico de produtividade da propriedade, por vários anos, se possível por talhões. Em seguida, deve-se fazer uma análise das tendências de produtividade. Caracterizado o decréscimo de produtividade, verificar se o mesmo não é causado por problemas climáticos, pragas e/ou doenças, deficiências de nutrientes, acidez do solo, exigência termofotoperiódica das cultivares, além de outros. Excluídas essas possibilidades, a melhor maneira de verificar o efeito da compactação sobre o desenvolvimento da soja é através de um diagnóstico, que deve associar dados de resistência do solo (profundidade e intensidade), obtidos com auxílio de um penetrômetro, com a distribuição de raízes no perfil do mesmo. A distribuição de raízes deverá ser avaliada através da abertura de uma trincheira, verificando-se a concentração de raízes nas diferentes

camadas até a profundidade de 40 a 50cm. Avaliar também a intensidade da presença de fendas e canalículos, e a ocorrência neles de eluviação de solo da superfície e o crescimento de raízes em direção às camadas mais profundas. Definido que o desenvolvimento radicular concentrado na camada superficial é a causa real do decréscimo de produtividade, pode-se então pensar em descompactar o solo. É importante, ainda, considerar que, normalmente, no preparo convencional, a concentração superficial de raízes está relacionada com queda de produtividade. No sistema de semeadura direta, nem sempre. Sob esse sistemas, em algumas situações pode ocorrer concentração de raízes nas camadas superficiais, porém, algumas conseguem desenvolver-se através de canalículos, alcançando camadas mais profundas do solo, e auxiliar no suprimento de água e nutrientes às plantas. Além do mais, as raízes superficiais podem localizar-se numa camada rica em matéria orgânica e nutrientes, características do sistema de semeadura direta, que se mantém úmida em função da cobertura morta do solo, podendo proporcionar condições satisfatórias para o desenvolvimento da soja.

### **3.3.1.2 Manejo da compactação**

Normalmente a rotação de culturas é a melhor forma de prevenir ou diminuir a compactação do solo. Sistemas de rotação de culturas envolvendo espécies com sistema radicular profundo vigoroso, como o do nabo forrageiro, do guandu, do tremoço, das crotalárias, da aveia preta, e do milho, auxiliam na descompactação do solo. Caso a rotação de culturas não resolva o problema, sugere-se duas alternativas, desde que haja estrutura na propriedade. A primeira é a utilização de semeadoras que possuem sulcadores (facões) logo atrás dos discos de corte, os quais ajudarão a romper a camada compactada na linha de semeadura. Esse sistema, no entanto, exige facões com ângulo de ataque ao solo em torno de 20° e com espessura de 2 cm. Não observando essa condição, dependendo da profundidade de trabalho, podem ocorrer problemas na emergência e no estabelecimento da lavoura, principalmente se as sementes forem distribuídas a uma profundidade adequada. Em complemento, como a semeadura da cultura é feita com solo úmido, o trabalho de descompactação ocorrerá

apenas na linha de semeadura, podendo ocorrer superfície espelhada no sulco, no caso de uso de facões inadequados.

A segunda alternativa é baseada no uso de alguns tipos de escarificadores, cujo formato das hastes permite que a camada compactada seja rompida sem afetar muito o nivelamento do terreno. Essa condição possibilita que a semeadura seja feita sem o nivelamento do terreno ou com apenas uma passada de grade niveladora.

A operação de descompactação deve ser feita após a colheita da soja e antes da semeadura do trigo ou aveia. Essa seqüência é importante porque:

- a) a cultura da soja produz uma quantidade relativamente pequena de restos, que são de rápida decomposição. Quando bem fragmentados e distribuídos sobre o terreno permitem que a operação de descompactação do solo seja feita com o mínimo de embuchamento do implemento, devido a presença de palha; e
- b) a maior rusticidade das culturas de trigo e de aveia garantem germinação satisfatória e um bom estabelecimento de lavoura, mesmo em terreno com pequenos problemas de nivelamento.

Para evitar embuchamento da semeadora, devido a presença de palha na superfície do solo, indica-se esperar uma ou duas chuvas, para depois realizar a semeadura, nesse caso, com a velocidade de operação reduzida. Como norma, preparar o solo sempre na umidade friável.

A área utilizada com essa tecnologia deve ser inicialmente pequena, para que o agricultor faça suas experiências. Para isso, deve procurar informações sobre o tipo de implemento mais adequado, se possível, com demonstração.

### **3.4 Sugestões para Manejo do solo para a região do arenito**

Os solos de textura arenosa, predominantes na região noroeste do estado do Paraná, devido a baixa atividade, o tamanho e o arranjo das

partículas de areia, originalmente apresentam baixa CTC, baixo nível de fertilidade, alta susceptibilidade a erosão e baixa capacidade de retenção de umidade. Além disso, essas características de arranjo conferem também altos valores de macroporosidade, porém tanto os valores de microporosidade como de porosidade total são baixos em relação aos solos de textura argilosa. Essa condição proporciona boa aeração e drenagem aos solos arenosos, porém, menor movimento capilar da água, aumentando, com isso, os problemas de disponibilidade de água durante os períodos de deficiências hídricas. Como o armazenamento da água e a CTC desses solos são altamente dependentes da matéria orgânica (cerca de 80% da CTC depende da matéria orgânica), a preservação da matéria orgânica deve ser a principal preocupação durante o uso desses solos. Em razão das limitações e da extrema susceptibilidade dos solos arenosos à erosão, não é indicado o cultivo de culturas anuais em solos com menos de 15% de argila.

### **3.4.1 Adequação e sistematização das áreas**

Em razão da fragilidade do ambiente da região do arenito é indispensável que todas as etapas de planejamento e execução das atividades de cultivo sejam feitas criteriosamente. Em especial, a adequação e a sistematização do solo para o cultivo das culturas anuais devem ser feitas com o mínimo possível de revolvimento e, posteriormente, seguida de um sistema de rotação de culturas que proporcione boa cobertura do solo, para preservação da matéria orgânica e, conseqüentemente, do potencial produtivo desses solos. Primeiramente, é importante considerar as características de aptidão de uso das principais classes de solo presentes na região do arenito. As duas principais classes são a dos Latossolos e a dos Argissolos (Podzólicos). Ambas as classes são subdivididas em diferentes tipos de solos. Os Latossolos tem aptidão regular para o cultivo das culturas anuais. Enquanto que os Argissolos (Podzólicos) são bastante sensíveis ao cultivo de culturas anuais.

Assim, o planejamento da adequação do solo e das demais etapas devem ser feitas com bastante antecedência, procurando-se com isto evitar as improvisações de última hora. Não são admitidos erros nessas etapas.

Por isso, é importante organizar as operações dentro de um cronograma, contemplando as necessidades de máquinas, implementos e insumos. A não observação dessas necessidades pode acarretar em atraso nas atividades ou, no futuro, em sérios problemas de degradação do solo e perdas de rendimentos da atividade econômica.

### **3.4.1.1 Áreas de pastagem com a presença de tocos e pedaços de madeira**

Fazer a retirada dos tocos e das madeiras com a utilização de tratores de esteira dotado de laminas tipo ancinho. Caso o material seja deixado na área procurar fazer o enleiramento do mesmo em nível. As operações de retirada dos tocos deverão ser feitas com o cuidado de evitar o revolvimento excessivo, a abertura de buracos profundos no solo e o arrasto de grama e terra.

Após a operação de destoca, ou se a área já estava livre de tocos e madeira, fazer uma avaliação minuciosa de presença de sulcos, trilhos e irregularidades do terreno.

a) Eliminação de sulcos, trilhos, irregularidade e sistematização das áreas Independentemente do manejo anterior, quase sempre, a maioria das áreas apresenta problemas de trilhos, sulcos e irregularidades. Esta operação visa o nivelamento da superfície do solo para a implantação das culturas em semeadura direta. Em caso de necessidade, esta operação, bem como o preparo posterior e a adequação química do solo, devem ser feitas nos meses de menor incidência de chuvas, preferencialmente no outono e no inverno. O período mais adequado para realizar estas operações é logo após a diminuição das chuvas nos meses março e abril, de modo que seja possível, na safra de outono/inverno, a semeadura de uma cultura que produza grande quantidade de massa seca para cobrir o solo.

A eliminação dos sulcos e dos trilhos da área pode ser feita com ajuda de arado, ou escarificador seguido de uso de grade niveladora. Caso não seja possível eliminar os sulcos com os implementos mencionados, a operação poderá ser realizada com auxílio de tratores com laminas. Nessa fase também poderá se pensar na aplicação de calcário cuja necessidade será

fornecida pela análise de solo de amostras retiradas da área (ver capítulo que trata de correção e manutenção da fertilidade do solo).

Logo a após a destoca e sistematização da área, deve-se implantar as práticas visando o controle da erosão.

#### b) Sistema de conservação do solo

os tipos de terraços recomendados são os de base larga e embutidos, os quais oferecem aproveitamento quase que total da área. Caso a previsão da volta da área para pastagens seja em curto prazo, pode-se optar por terraços de base estreita, seguindo o espaçamento segundo a declividade e classe textural do solo.

#### c) Manejo do solo e adequação química do solo

Como a maioria das áreas de pastagens são formadas pela grama mato-grosso e essa espécie apresenta grande poder de rebrota nos solos, é importante, antes do preparo primário, fazer a dessecação com herbicidas sistêmicos. Após a eliminação dos sulcos, sistematização da área e aplicação do calcário (quando necessário), fazer o preparo da área para a implantação da cultura para cobertura do solo. O uso do escarificador em lugar do arado de discos para o preparo primário e incorporação do calcário pode ser uma opção. O arenito, por sua natureza textural, requer baixas quantidades de calcário, o que pode tornar possível a ação do escarificador em conjunto com a grade niveladora para incorporação adequada. Neste caso após a escarificação, esperar a ocorrência de uma chuva para possibilitar o arraste do calcário para os sulcos e rachaduras provocados pelo escarificador e a seguir realizar a gradagem niveladora. Lembrar que a ação de incorporação do escarificador é menor do que a do arado de discos.

Para o uso do escarificador observar que o espaçamento entre as hastes deverá ser de 1,0 a 1,2 vezes a profundidade de trabalho pretendido. Devido a pequena profundidade de trabalho o uso da grade pesada deverá ser evitado. Nas fases seguintes, as culturas anuais deverão ser implantadas no sistema plantio direto, pois esse sistema é o mais eficaz para controle da erosão.

### **3.4.1.2 Área que não necessitam de sistematização do solo**

Caso a área não necessite de sistematização, a primeira cultura poderá ser implantada já em sistema plantio direto, sugerindo-se as seguintes etapas:

- roçagem do pasto, uniformizando a altura do mesmo;
- intervalo de 20 a 30 dias (permitindo rebrota uniforme da pastagem);
- aplicação de herbicidas dessecantes;
- locação dos terraços;
- adequação química e correção do solo, se necessário;
- semeadura direta da cultura (de cobertura do solo ou de produção de grãos).

### **3.4.1.3 Rotação de culturas**

A produção de massa vegetal para cobrir e proteger o solo contra a erosão é indispensável e a base para sucesso da atividade agrícola na região do arenito. Após a sistematização e do preparo do solo ou mesmo na ausência de necessidade dessa prática, ou seja, primeiro cultivo realizado já em sistema plantio direto, recomenda-se implantar uma cultura para formação de massa antecedendo a cultura comercial (soja ou milho). A cultura mais adequada é a aveia preta, preferencialmente de ciclo longo, permitindo a cobertura do terreno por um período maior de tempo e que depois de colhida ou manejada deixe grande quantidade de palha para proteger o solo. Caso não se tenha uma boa produção de massa com a aveia ou outra cultura, a exemplo, do milho safrinha, em agosto e setembro, sugere-se implantar o milheto. O sucesso dessa prática é discutível porque o bom desenvolvimento do milheto, nesse período, depende de boas condições de umidade e de temperatura mais elevadas. Assim, os plantios efetuados em setembro têm mais chances de sucesso. (Para mais informações olhar o capítulo rotação de culturas).

Deve-se levar em consideração que após o revolvimento do solo com grade aradora para incorporação do calcário e plantio da soja, tem sido

observadas perdas de até 6 ton/ha de carbono em relação a pastagem degradada de grama mato-grosso. O uso do plantio direto a partir do segundo ano permite a recuperação de pelo menos metade destas perdas.

Por outro lado, para solos de textura arenosa, a taxa média de aumento do carbono orgânico do solo no sistema de plantio direto varia em torno de 350 kg/ha/ano ou 10% da matéria seca produzida pelas culturas de inverno e verão durante o ano agrícola (considerando que os resíduos tem aproximadamente 45% de C). Deste modo, para manutenção de uma boa cobertura do solo e recuperar os níveis de carbono orgânico do solo é necessária a produção de no mínimo 7 ton/ha de matéria seca pelas culturas produzidas na área. No entanto, a produção de matéria seca de aveia, nabo, milheto e milho safrinha, as principais culturas utilizadas no período de outono/inverno, tem apresentado dados médios entre 2500 a 4500 kg/ha, o que somado a produção média de 2500 kg/ha de resíduos de soja no verão, pode ser insuficiente para a sustentabilidade da produção no arenito.

Outro aspecto de grande importância para os solos do arenito relacionado a produção de matéria seca pela culturas é a conservação de água. Uma boa cobertura do solo pode proporcionar a economia de até 10% na quantidade de água disponível no solo devido a redução na taxa de evaporação. Nas condições do arenito isso pode significar até dois dias a mais de disponibilidade de água, em relação a áreas sem cobertura do solo.

### **3.5 Sistema convencional de preparo do solo**

Como já foi comentado anteriormente, o plantio direto é a prática mais correta de manejo e conservação do solo. No entanto, na impossibilidade de adoção do plantio direto, e em se fazendo o sistema convencional de preparo do solo, é necessário que cada operação seja planejada conscientemente com os objetivos definidos e com implementos adequados à sua realização. O solo deve ser preparado com o mínimo de movimentação, não implicando isso uma diminuição de profundidade de trabalho, mas sim uma redução do número de operações, deixando a superfície do solo rugosa e mantendo os resíduos culturais total ou parcialmente sobre a superfície.

Alguns pontos devem ser observados para que o preparo do solo seja conduzido da maneira satisfatória.

Em áreas onde o solo sempre foi preparado superficialmente, principalmente no caso de solos distróficos ou álicos, o preparo mais profundo poderá trazer para a superfície parte da camada de solo não corrigida com presença de alumínio, manganês e ferro em níveis tóxicos, e baixa disponibilidade de fósforo, que podem prejudicar o desenvolvimento das plantas. Nesse caso, faz-se necessário o conhecimento da distribuição dos nutrientes e pH no perfil do solo através de amostragem estratificada e a neutralização pela calagem.

O preparo primário do solo (aração, escarificação), deve atingir profundidade suficiente para romper a camada subsuperficial compactada e permitir a infiltração de água.

Em substituição à gradagem pesada no preparo primário do solo, utilizar aração ou escarificação. A escarificação como alternativa de preparo substitui, com vantagem, a aração e a gradagem pesada, desde que se reduza o número de gradagens niveladoras. Além disso, possibilita maior quantidade de resíduos culturais na superfície, o que é desejável.

O preparo secundário do solo (gradagens niveladoras), se necessário, deve ser feito com o mínimo possível de operações e próximo da semeadura da cultura.

As semeadoras, para operarem eficazmente em áreas com o preparo mínimo e com resíduos culturais, devem ser equipadas com disco duplo para a colocação da semente e roda reguladora de profundidade para que haja um pequeno adensamento na linha de semeadura.

O preparo do solo não é só o seu revolvimento. É também manejá-lo corretamente considerando o implemento, a profundidade de trabalho, a umidade adequada e as suas condições de fertilidade.

### **3.5.1 Condições de umidade para o preparo do solo**

Quando o preparo é efetuado com o solo úmido, este pode ficar predisposto à formação de camada subsuperficial compactada e aderir com maior

força aos implementos (em solos argilosos) até o ponto de impossibilitar a operação desejada.

Por outro lado, deve se também evitar o preparo com o solo muito seco por ser necessário maior número de gradagens, para obter se suficiente destorroamento que permita efetuar a operação de semeadura. Caso seja imprescindível o preparo primário com o solo seco, realizar o nivelamento e o destorroamento após uma chuva.

A condição ideal de umidade para o preparo do solo pode ser detectada facilmente a campo: toma se um torrão de solo, coletado na profundidade média de trabalho, o qual, submetido a uma leve pressão entre os dedos polegar e indicador, desagrega se sem oferecer resistência.

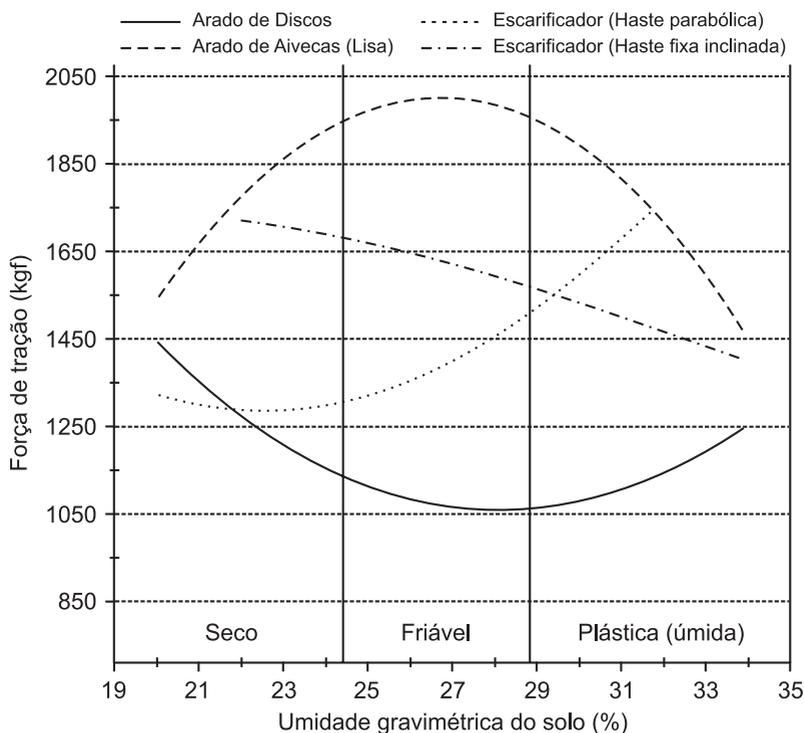
Quando do uso de arado de disco e grades para preparar o solo, pode se considerar como umidade ideal a faixa friável; quando do uso de es-carificador e arado de aiveca, a faixa ideal é tendendo a seco (Fig. 3.1). A semeadura direta deve ser executada na faixa de friável a úmido.

### **3.5.2 Alternância de uso de implementos no preparo do solo**

O uso excessivo do mesmo implemento no preparo do solo, operando sistematicamente na mesma profundidade e, principalmente, em condições de solo úmido, tem provocado a formação de camada compactada.

A alternância de implementos de preparo do solo que trabalham a diferentes profundidades e possuam diferentes mecanismos de corte, e a observância do teor de umidade adequado para a movimentação do solo, são de relevante importância para minimizar a sua degradação.

Assim, indica se por ocasião do preparo do solo, alternar a sua profundidade a cada safra agrícola, e se possível, a utilização alternada de implementos de discos com implementos de dentes.



**Figura 3.1.** Efeito do teor de umidade de um latossolo roxo sobre a força de tração para diferentes implementos de preparo do solo, na velocidade de 5 km/h.

Adaptação de Casão Júnior et al. (1990).

### 3.6 Compactação do solo no preparo convencional

A compactação do solo é provocada pela ação e pressão dos implementos de preparo do solo, especialmente quando estas operações são feitas em condições de solo úmido e continuamente na mesma profundidade, somadas ao tráfego intenso de máquinas agrícolas.

Tais situações têm contribuído para a formação de duas camadas distintas: uma camada superficial pulverizada e outra subsuperficial compactada (pé de arado ou pé de grade).

Esses problemas começam a chamar a atenção para o aumento do custo de produção por unidade de área e diminuição da produtividade do solo.

Solos com presença de camadas compactadas caracterizam-se por baixa infiltração de água, ocorrência de enxurrada, raízes deformadas, estrutura degradada, resistência à penetração dos implementos de preparo, exigindo maior potência do trator, e pelo aparecimento de sintomas de deficiência de água nas plantas, mesmo sob pequenos períodos de estiagens.

Identificado o problema, abrem-se pequenas trincheiras e detecta-se a profundidade de ocorrência de compactação, observando-se o aspecto morfológico da estrutura do solo, ou verificando-se a resistência oferecida pelo solo ao toque com um instrumento pontiagudo qualquer. Normalmente, o limite inferior da camada compactada não ultrapassa a 30 cm de profundidade.

### 3.6.1 Rompimento de camada compactada no sistema convencional

O rompimento da camada compactada deve ser feito com um implemento que alcance a profundidade imediatamente abaixo do seu limite inferior.

Podem ser empregados com eficiência, arados, subsoladores e escarificadores, desde que sejam utilizados na profundidade adequada.

O sucesso do rompimento da camada compactada está na dependência de alguns fatores:

- **profundidade de trabalho:** o implemento deve ser regulado para operar na profundidade imediatamente abaixo da camada compactada;
- **umidade do solo:** para o uso de arado, seja de disco ou aiveca, a condição de umidade apropriada é aquela em que o solo está na faixa friável. Em solos úmidos há aderência nos órgãos ativos dos implementos e em solos secos, há maior dificuldade de penetração (arado de discos). Para o uso de escarificadores ou subsoladores, a condição de umidade apropriada é aquela em que o solo esteja seco. Estando úmido, o solo não

sofre descompactação mas amassamento entre as hastes e selamento dos poros no fundo e laterais do sulco;

- **espaçamento entre as hastes:** quando do uso de escarificador ou sub-solador, o espaçamento entre uma haste e outra determina o grau de rompimento da camada compactada pelo implemento. O espaçamento entre as hastes deverá ser de 1,2 a 1,3 vezes a profundidade de trabalho pretendida.

A efetividade desta prática está condicionada ao manejo do solo adotado após a descompactação. São indicadas, em sequência a esta operação, a implantação de culturas com alta produção de massa vegetativa, com alta densidade de plantas e com sistema radicular abundante e agressivo, e a redução da intensidade dos preparos de solo subsequentes.

### 3.7 Rotação de culturas

Para uma adoção eficiente do sistema de semeadura direta, é essencial o uso do processo de rotação de cultura, utilizando-se culturas anuais e espécies vegetais para cobertura do solo. A rotação de culturas pode tanto ser de lavouras anuais exclusivas, como com espécies forrageiras perenes, num sistema agropecuário integrado.

A rotação de culturas, devido a diversificação do cultivo de espécies vegetais diferentes, ameniza os problemas fitossanitários nas espécies destinadas à produção de grãos.

Espécies produtoras de grande quantidade de palha e raiz, além de favorecer o sistema de semeadura direta, a reciclagem de nutrientes e estabelecer o aumento da proteção do solo contra a ação dos agentes climáticos, promove a melhoria do solo nos seus atributos físicos e biológicos. A diversificação da cobertura vegetal constitui-se em processo auxiliar no controle de plantas daninhas ocorrentes na soja, principalmente nos primeiros anos de implantação da semeadura direta.

No Paraná, trabalhos realizados com soja, trigo e cevada, indicam que a

rotação apresenta, dependendo do domínio ecológico, as seguintes influências sobre a semeadura direta:

- viabiliza o sistema no norte;
- auxilia no oeste e centro-oeste e
- aumenta a eficiência no centro-sul do estado. São apresentadas, no capítulo sobre rotação de culturas, várias seqüências culturais, indicadas para o sistema de semeadura direta.



# Correção e Manutenção da Fertilidade do Solo

---

# 4

## 4.1 Amostragem e análise do solo

Em áreas que não necessitam de calagem, a amostragem para fins de indicação de fertilizantes poderá ser feita logo após a maturação fisiológica da cultura anterior àquela que será instalada. Caso haja necessidade de calagem, a retirada da amostra tem que ser feita de modo a possibilitar que o calcário esteja incorporado pelo menos três meses antes da semeadura da cultura de verão.

Na retirada de amostra do solo, com vistas à caracterização da fertilidade, o interesse é pela camada arável do solo que, normalmente, é a mais intensamente alterada, seja por arações e gradagens, seja pela adição de corretivos, fertilizantes e restos culturais. A amostragem deverá, portanto, contemplar essa camada, ou seja, os primeiros 20 cm de profundidade.

No sistema de semeadura direta, indica-se que, sempre que possível, a amostragem seja realizada em duas profundidades (0-10 e 10-20 cm), com o objetivo principal de se avaliar a disponibilidade de cálcio, magnésio e a variação da acidez entre as duas profundidades.

As indicações de adubação devem ser orientadas pelos teores dos nutrientes determinados na análise de solo. Na Tabela 4.1 são apresentados os parâmetros para a interpretação da análise de solo.

## 4.2 Acidez do solo

Os nutrientes têm sua disponibilidade determinada por vários fatores, entre eles o valor do pH, medida da concentração (atividade) de íons hidrogênio na solução do solo.

**Tabela 4.1.** Níveis de alguns componentes do solo para efeito da interpretação de resultados de análise química do solo, para a cultura da soja.<sup>1</sup>

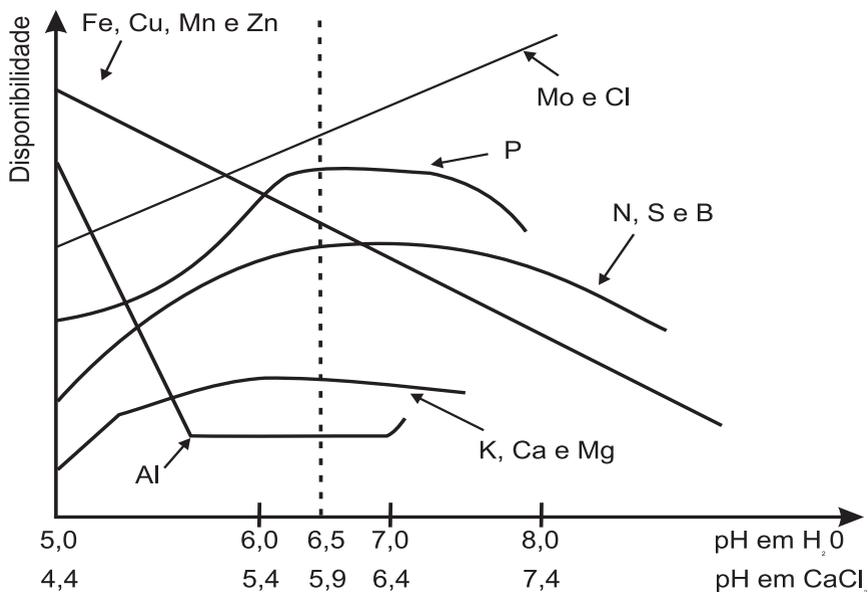
Níveis	cmol <sub>c</sub> dm <sup>-3</sup> de solo		g kg <sup>-1</sup>		Saturação na CTC (%)			Relações			
	Al <sup>3+</sup>	Ca <sup>2+</sup>	Mg <sup>2+</sup>	C	M.O.	Ca <sup>2+</sup>	Mg <sup>2+</sup>	K <sup>+</sup>	Ca/Mg	Ca/K	Mg/K
..... Em solos com CTC <8 cmol <sub>c</sub> dm <sup>-3,12</sup> .....											
Baixo	<0,02 <sup>3</sup>	<1	<0,4	<8	<15	<26	<13	<3	<1	<10	<5
Médio	0,02-1,5	1-2	0,4-0,8	8-14	15-25	26-34	13-18	3-5	1-2	10-20	5-10
Alto	>1,5	>2	>0,8	>14	>25	>34	>18	>5	>2	>20	>10
..... Em solos com CTC ≥8 cmol <sub>c</sub> dm <sup>-3,13</sup> .....											
Baixo	<0,02 <sup>3</sup>	<2	<0,4	<8	<15	<35	<13	<3	<1,5	<8	<3
Médio	0,02-1,5	2-4	0,4-0,8	8-14	15-25	35-50	13-20	3-5	1,5-3,5	8-16	3-6
Alto	>1,5	>4	>0,8	>14	>25	>50	>20	>5	>3,5	>16	>6

<sup>1</sup> Para fósforo (P), potássio (K) e enxofre (S), verificar nas Tabelas dos itens 4.8 e 4.9.

<sup>2</sup> Sifredo et al., 2006a e b; Borkert et al., 2006

<sup>3</sup> Sifredo et al., 1999.

A Fig. 4.1 ilustra a tendência da disponibilidade dos diversos elementos químicos às plantas em função do pH do solo. A disponibilidade varia como consequência do aumento da solubilidade dos diversos compostos na solução do solo.



**Figura 4.1.** Relação entre o pH e a disponibilidade dos elementos no solo.

### 4.3 Calagem

A avaliação da necessidade de calagem é realizada a partir da interpretação dos resultados da análise da camada 0 a 20 cm do solo.

A determinação da quantidade de calcário a ser aplicada em uma área é obtida através do método da elevação do valor da saturação por bases, que se fundamenta na correlação positiva existente entre os valores de pH e a porcentagem de saturação por bases.

Segundo este método, na cultura de soja, deve se realizar a calagem aplicando-se a quantidade necessária para elevar a saturação por bases a 70%. Sugere-se o valor menor ou igual a 60% de saturação por bases para decisão da necessidade de calagem, aplicando-se a quantidade necessária para elevar a saturação por bases a 70%.

Esta quantidade é indicada para incorporação com arado até, no mínimo, 20 cm de profundidade e é calculada através da seguinte expressão:

$$NC \text{ (t ha}^{-1}\text{)} = \frac{(V_2 - V_1) \times T \times f}{100}$$

em que:

$V_1$  = valor da saturação por bases trocáveis do solo, em porcentagem, antes da correção ( $V_1 = 100 \text{ S/T}$ ), sendo:

$S = \text{Ca}^{2+} + \text{Mg}^{2+} + \text{K}^+ \text{ (cmol}_c \text{ dm}^{-3}\text{)}$ ;

$V_2$  = Valor da saturação por bases trocáveis que se deseja;

$T$  = capacidade de troca de cátions,  $T = S + (\text{H} + \text{Al}^{3+}) \text{ (cmol}_c \text{ dm}^{-3}\text{)}$ ;

$f$  = fator de correção do PRNT do calcário  $f = 100/\text{PRNT}$ .

Quando o potássio é expresso em  $\text{mg dm}^{-3}$ , na análise do solo, há necessidade de transformar para  $\text{cmol}_c \text{ dm}^{-3}$  pela fórmula:

$$\text{cmol}_c \text{ dm}^{-3} \text{ de K} = (0,0026) \text{ mg dm}^{-3} \text{ de K}$$

#### 4.4 Calagem no sistema de plantio direto

Preferencialmente, antes de iniciar o sistema plantio direto em áreas sob cultivo convencional, indica-se corrigir integralmente a acidez do solo, sendo esta etapa fundamental para a adequação do solo a esse sistema. O corretivo, numa quantidade para atingir a saturação por bases em 70%, deve ser incorporado, uniformemente, na camada arável do solo, ou seja, até 20 cm de profundidade.

Após a implementação do plantio direto, os processos de acidificação do solo irão ocorrer e será necessário depois de algum tempo a correção da acidez. Para a identificação da necessidade de calagem, o solo sob plantio

direto, já implantado de maneira correta, deve ser amostrado na profundidade de 0 a 20 cm, podendo-se aplicar até 1/3 da quantidade necessária para atingir a saturação por bases em 70%, a lançar na superfície do solo, pelo menos 6 meses antes do plantio. Para solos sob plantio direto que já receberam calcário na superfície, a amostragem do solo deve ser realizada de 0 a 10 e 10 a 20 cm de profundidade. Portanto, em solos que já receberam calcário em superfície, sugere-se que para o cálculo da recalagem sejam utilizados os valores médios das duas profundidades, aplicando-se até 1/3 da quantidade indicada.

## 4.5 Qualidade e uso do calcário

Para que a calagem atinja os objetivos de neutralização do alumínio trocável e/ou de elevação dos teores de cálcio e magnésio, algumas condições básicas devem ser observadas:

- o calcário deverá passar 100% em peneira com malha de 2 mm;
- o calcário deverá apresentar teores de  $\text{CaO} + \text{MgO} > 38\%$ , dando preferência ao uso de calcário dolomítico ( $>12,0\% \text{MgO}$ ) ou magnesianos (entre  $5,1\%$  e  $12,0\% \text{MgO}$ ), em solos com relação elevada de  $\text{Ca/Mg} (>3/1)$ ;
- na escolha do corretivo, em solos que contenham menos de  $0,8 \text{ cmol}_c \text{ dm}^{-3}$  de Mg, deve ser dada preferência para materiais que contenham o magnésio (calcário dolomítico e ou magnesiano) a fim de evitar que ocorra um desequilíbrio entre os nutrientes. Como os calcários dolomíticos encontrados no mercado contêm teores de magnésio elevados, deve-se acompanhar a evolução dos teores de Ca e Mg no solo e, caso haja desequilíbrio, pode-se aplicar calcário calcítico ( $<5,0\% \text{MgO}$ ) para aumentar a relação  $\text{Ca/Mg}$ ;
- a distribuição desuniforme e/ou a incorporação muito rasa do calcário, pode causar ou agravar a deficiência de manganês, resultando em queda de produtividade.

## 4.6 Correção da acidez subsuperficial

Os solos do Brasil apresentam problemas de acidez subsuperficial, uma vez que a incorporação profunda do calcário nem sempre é possível, nas lavouras comerciais. Assim, camadas mais profundas do solo (abaixo de 20 cm) podem continuar com excesso de alumínio tóxico, mesmo quando tenha sido efetuada uma calagem considerada adequada. Esse problema, aliado à baixa capacidade de retenção de água desses solos, limitam a produtividade, principalmente nas regiões onde é mais freqüente a ocorrência de veranicos.

Com a aplicação de gesso agrícola, diminui, em menor tempo, a saturação por alumínio nessas camadas mais profundas. Desse modo, criam-se condições para o sistema radicular das plantas se aprofundar no solo, e, conseqüentemente, minimizar o efeito de veranicos. Deve ficar claro, porém, que o gesso não neutraliza a acidez do solo.

O gesso deve ser utilizado em áreas onde a análise de solo, na profundidade de 20 a 40 cm, indicar a saturação por alumínio maior que 20% e/ou quando a saturação do cálcio for menor que 60% (cálculo feito com base na capacidade de troca efetiva de cátions). A dose de gesso agrícola (15% de S) a aplicar é de 700, 1200, 2200 e 3200 kg ha<sup>-1</sup> para solos de textura arenosa, média, argilosa e muito argilosa, respectivamente. O efeito residual destas dosagens, é de no mínimo cinco anos.

## 4.7 Exigências minerais e adubação para a cultura da soja

### 4.7.1 Exigências minerais

A absorção de nutrientes por uma determinada espécie vegetal é influenciada por diversos fatores, entre eles as condições climáticas como chuvas e temperaturas, as diferenças genéticas entre cultivares de uma mesma espécie, o teor de nutrientes no solo e os diversos tratos culturais. Na tabela

4.2, são apresentadas as quantidades médias de nutrientes, contidos em 1.000 kg de restos culturais de soja e em 1.000 kg de grãos de soja.

**Tabela 4.2.** Quantidade absorvida e exportação de nutrientes pela cultura da soja.

Parte da planta	N	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub>	K <sub>2</sub> O	Ca	Mg	S	B	Cl	Mo	Fe	Mn	Zn	Cu
	kg (1000 kg) <sup>-1</sup> ou g kg <sup>-1</sup>						g (1000 kg) <sup>-1</sup> ou mg kg <sup>-1</sup>						
Grãos	51	10,0	20	3,0	2,0	5,4	20	237	5	70	30	40	10
Restos culturais	32	5,4	18	9,2	4,7	10,0	57	278	2	390	100	21	16
Total	83	15,4	38	12,2	6,7	15,4	77	515	7	460	130	61	26
% Exportada	61	65	53	25	30	35	26	46	71	15	23	66	38

Obs.: à medida que aumenta a matéria seca produzida por hectare, a quantidade de nutrientes nos restos culturais da soja não segue modelo linear.

#### 4.7.2 Diagnose foliar

Além da análise do solo, para indicação de adubação, existe a possibilidade complementar da diagnose foliar, principalmente para micronutrientes pois os níveis críticos destes no solo, apresentados na seção 4.8.4, são ainda preliminares. Assim, a diagnose foliar apresenta-se como uma ferramenta complementar na interpretação dos dados de análise de solo, para fins de indicação de adubação, principalmente para a próxima safra.

Basicamente, a diagnose foliar consiste em analisar, quimicamente, as folhas e interpretar os resultados conforme a Tabela 4.3. Os trifólios a serem coletados, sem o pecíolo, são o terceiro e/ou o quarto, a partir do ápice de, no mínimo, 40 plantas no talhão, no início do florescimento (Estádio R1). Quando necessário, para evitar a contaminação com poeira de solo nas folhas, sugere-se que estas sejam mergulhadas em uma bacia plástica com água, simplesmente para a remoção de resíduos de poeira e em seguida colocadas para secar à sombra e após embaladas em sacos de papel (não usar plástico).

**Tabela 4.3.** Concentrações de nutrientes usadas na interpretação dos resultados das análises de folhas de soja do terço superior no início do florescimento (Estádio R1). Embrapa Soja. Londrina, PR. 2002.

Elemento	Deficiente ou muito baixo	Baixo	Suficiente ou médio	Alto	Excessivo ou muito alto
..... g kg <sup>-1</sup> .....					
N	<32,5	32,5 a 45,0	45,0 a 55,0	55,0 a 70,0	>70,0
P	<1,6	1,6 a 2,5	2,5 a 5,0	5,0 a 8,0	>8,0
K	<12,5	12,5 a 17,0	17,0 a 25,0	25,0 a 27,5	>27,5
Ca	<2,0	2,0 a 3,5	3,5 a 20,0	20,0 a 30,0	>30,0
Mg	<1,0	1,0 a 2,5	2,5 a 10,0	10,0 a 15,0	>15,0
S	<1,5	1,5 a 2,0	2,0 a 4,0	>4,0	–
..... mg kg <sup>-1</sup> .....					
Mn	<15	15 a 20	20 a 100	100 a 250	>250
Fe	<30	30 a 50	50 a 350	350 a 500	>500
B	<10	10 a 20	20 a 55	55 a 80	>80
Cu <sup>1</sup>		<6	6 a 14	>14	
Zn	<11	11 a 20	20 a 50	5,0 a 75	>75
Mo	<0,5	0,5 a 1	1 a 5,0	5,0 a 10	>10
Relações entre teores de nutrientes nas folhas de soja <sup>2</sup>					
Ca/Mg		<1,5	1,5 a 3,5	>3,5	
K/Ca		<3,1	3,1 a 6,3	>6,3	
K/Mg		<5,6	5,6 a 10,0	>10,0	
K/(Ca+Mg)		<1,4	1,4 a 3,3	>3,3	
K/(Ca/Mg)		<0,8	0,8 a 1,7	>1,7	

<sup>1</sup> Sfredo, Borkert e Klepker, 2001.

<sup>2</sup> Sfredo et al., 1999.

## 4.8 Adubação

### 4.8.1 Nitrogênio

A soja obtém a maior parte do nitrogênio que necessita através da fixação simbiótica que ocorre com bactérias do gênero *Bradyrhizobium*.

Os procedimentos corretos para a inoculação encontram-se no capítulo 7.

### 4.8.2 Fósforo e potássio

As doses de fósforo e potássio são aplicadas de maneira variável, conforme as classes de teores no solo (Tabela 4.4).

Os resultados de pesquisa com relação às fontes de fósforo indicam que a dose de adubos fosfatados total (superfosfato triplo e superfosfato simples) ou parcialmente solúveis (fosfatos parcialmente acidulados) deve ser calculada levando em consideração o teor de  $P_2O_5$  solúvel em água + citrato neutro de amônio.

Cada tonelada de grãos de soja produzida retira do solo 20 kg de  $K_2O$  por hectare; assim, para uma produtividade média de 3000 kg  $ha^{-1}$ , devem ser aplicados, pelo menos, 60 kg  $ha^{-1}$  de  $K_2O$ .

A adubação com potássio, nesses solos, pode ser toda a lanço antes da semeadura ou mesmo no sulco durante esta operação, quando em doses inferiores a 80 kg de  $K_2O$  por hectare, por causa do efeito salino que doses maiores de KCl podem causar às sementes.

### 4.8.3 Adubação com enxofre

Para determinar corretamente a necessidade de enxofre (S), deve-se fazer a análise de solo em duas profundidades, 0 a 20 cm e 20 a 40 cm, devido à mobilidade do nutriente no solo e o seu acúmulo na segunda camada. A tabela 4.5 apresenta as quantidades recomendadas, de acordo com a

**Tabela 4.4.** Indicação de adubação com fósforo e potássio para a soja no Estado do Paraná em solos com teor de argila >40%<sup>1</sup>. (Sfredo, Lantmann e Borkert, 1999, modificada de Sfredo e Borkert, 1993).

Análise do solo			Quantidade a aplicar		
mg dm <sup>-3</sup>		cmol <sub>c</sub> dm <sup>-3</sup>	kg ha <sup>-1</sup>		
P <sup>2</sup>	K <sup>2</sup>	K <sup>2</sup>	N <sup>3</sup>	P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> <sup>4</sup>	K <sub>2</sub> O <sup>5</sup>
<3,0	<40	<0,10	0	100	90
	40 a 80	0,10 a 0,20	0	100	70
	80 a 120	0,20 a 0,30	0	100	50
	>120	>0,30	0	100	40
3,0 a 6,0	<40	<0,10	0	80	90
	40 a 80	0,10 a 0,20	0	80	70
	80 a 120	0,20 a 0,30	0	80	50
	>120	>0,30	0	80	40
>6,0	<40	<0,10	0	60	90
	40 a 80	0,10 a 0,20	0	60	70
	80 a 120	0,20 a 0,30	0	60	50
	>120	>0,30	0	60	40

<sup>1</sup> Em solos com teor de argila <40%, usar as Tabelas 4.9 a 4.11.

<sup>2</sup> Extrator de P e K : Mehlich I.

<sup>3</sup> O nitrogênio deve ser suprido através da inoculação.

<sup>4</sup> Pode-se usar até 10 kg a menos do que o indicado na Tabela.

<sup>5</sup> Quando o teor no solo for muito baixo, menor que 0,08 cmol<sub>c</sub> dm<sup>-3</sup> ou 31 mg dm<sup>-3</sup>, fazer adubação corretiva com 140 kg ha<sup>-1</sup> de K<sub>2</sub>O a lanço e incorporar com grade, além da adubação de manutenção na semeadura, indicada na tabela acima.

classe de teores. No solo, os níveis críticos são 10 mg dm<sup>-3</sup> e 35 mg dm<sup>-3</sup> para solos argilosos (> 40% de argila) e 3 mg dm<sup>-3</sup> e 9 mg dm<sup>-3</sup> para solos arenosos (≤ 40% de argila), respectivamente nas profundidades 0 a 20 cm e 20 a 40 cm (Sfredo et al., 2003).

Considerando a absorção e a exportação do nutriente, a adubação de manutenção corresponde a 10 kg de S para cada 1.000 de produção de grãos esperada.

**Tabela 4.5.** Indicação de adubação de correção e de manutenção com enxofre (S), conforme as faixas de teores de S no solo ( $\text{mg dm}^{-3}$ ), a duas profundidades no perfil do solo, para a cultura da Soja. 2ª aproximação<sup>1</sup>.

Faixas para interpretação		Análise de S no solo <sup>2</sup>				Quantidade de S a aplicar ( $\text{kg ha}^{-1}$ )
		Solo argiloso >40% de argila		Solo arenoso ≤40% de argila		
		Profundidade (cm)				
0 a 20	20 a 40	0 a 20	20 a 40	0 a 20	20 a 40	
		..... $\text{mg dm}^{-3}$ .....				
Baixo	Baixo	<5	<20	<2	<6	80+M <sup>3</sup>
Baixo	Médio	<5	20 a 35	<2	6 a 9	60+M
Baixo	Alto	<5	>35	<2	>9	40+M
Médio	Baixo	5 a 10	<20	2 a 3	<6	60+M
Médio	Médio	5 a 10	20 a 35	2 a 3	6 a 9	40+M
Médio	Alto	5 a 10	>35	2 a 3	>9	M
Alto	Baixo	>10	<20	>3	<6	40+M
Alto	Médio	>10	20 a 35	>3	6 a 9	M
Alto	Alto	>10	>35	>3	>9	M

<sup>1</sup> Sfredo, Klepker, Ortiz e Oliveira Neto, 2003.

<sup>2</sup> Métodos: Extração- $\text{Ca}(\text{H}_2\text{PO}_4)_2$  0,01  $\text{M L}^{-1}$ ; Determinação-Turbidimetria.

<sup>3</sup> M=Manutenção: 10 kg para cada 1000 kg de produção de grãos esperada.

A análise de folhas deve ser realizada caso haja dúvidas com a análise de solo. A faixa de suficiência de S nas folhas varia de 2,1 a 4,0  $\text{g kg}^{-1}$  (Tabela 4.3, item 4.7.2).

No mercado, encontram-se algumas fontes de S, que são: gesso agrícola (15% de S), superfosfato simples (12% de S) e “flor” de enxofre ou enxofre elementar (98% de S). Além disso, há várias fórmulas N-P-K no mercado que contém S.

#### 4.8.4 Adubação com micronutrientes

Como sugestão para interpretação de micronutrientes em análises de solo, com os extratores Mehlich I e DTPA e, Boro (B) pela Água quente, respectivamente, são apresentados os teores limites para as faixas, baixo, médio e alto (Tabela 4.6).

A indicação da aplicação de doses de micronutrientes no solo está contida na Tabela 4.7.

Esses elementos, de fontes solúveis ou insolúveis em água, são aplicados a lanço, desde que o produto satisfaça a dose indicada. O efeito residual dessa indicação atinge, pelo menos, um período de cinco anos. Para reaplicação de qualquer um destes micronutrientes, indica-se a análise foliar como instrumento indicador. A análise de folhas, para diagnosticar possíveis deficiências ou toxidez de micronutrientes em soja, constitui-se em argumento efetivo para correção via adubação de algum desequilíbrio nutricional (Tabela 4.3). Porém, as correções só se viabilizam na próxima safra, considerando-se que, para as análises, a amostragem de folhas é indicada no período da floração, a partir do qual não é mais possível realizar qualquer correção de ordem nutricional.

A aplicação de micronutrientes no sulco de plantio tem sido bastante utilizada pelos produtores. Nesse caso aplica-se 1/3 da indicação a lanço por um período de três anos sucessivos.

**Tabela 4.6.** Limites para a interpretação dos teores de micronutrientes no solo, extraídos por dois métodos de análise, para culturas anuais, nos Cerrados.

Níveis	Métodos							
	Água quente		Mehlich I		DTPA			
	B	Cu	Mn	Zn	Cu	Fe	Mn	Zn
	..... mg dm <sup>-3</sup> .....							
Baixo	<0,3	<0,5	<2,0	<1,1	<0,3	<5	<1,3	<0,6
Médio	0,3-0,5	0,5-0,8	2,0-5,0	1,1-1,6	0,3-0,8	5-12	1,3-5,0	0,6-1,2
Alto	>0,5	>0,8	>5,0	>1,6	>0,8	>12	>5,0	>1,2

Fonte: - Mehlich I: Gairão (1998), dados não publicados.

DTPA: Raji, B.van; Quaggio, A.J.; Cantarella, H. & Abreu, C.A. Interpretação de análise de solo. In: Raji, B.van; Cantarella, H.; Quaggio, A.J.; Furlani, A.M.C. Indicações de adubação e calagem para o Estado de São Paulo. 2ed.rev.atual. Campinas, Instituto Agronômico/ Fundação IAC, 1997. p. 8-13. (Boletim Técnico, 100).

**Tabela 4.7.** Indicação da aplicação de doses de micronutrientes no solo.

Teor	B	Cu	Mn	Zn
	kg ha <sup>-1</sup>			
Baixo	1,5	2,5	6,0	6,0
Médio	1,0	1,5	4,0	5,0
Alto	0,5	0,5	2,0	4,0

Fonte: <sup>1</sup>Sfredo, Lantmann e Borkert, 1999.

#### 4.8.5 Adubação foliar com macro e micronutrientes

No caso da deficiência de manganês, constatada através de exame visual, indica-se a aplicação de 350 g ha<sup>-1</sup> de Mn (1,5 kg de MnSO<sub>4</sub>) diluído em 200 litros de água com 0,5% de uréia.

Essa prática não é indicada a outros macro ou micronutrientes para a cultura da soja.

#### 4.8.6 Adubação com Co e Mo

Consultar a seção 7.

### 4.9 Sugestões para adubação no arenito de Caiuá

Não existem informações para a adubação da cultura da soja no arenito, por não ter sido, esta região, considerada apta para o cultivo de culturas anuais. Não se indica o cultivo de culturas anuais em solos com menos de 15% de argila, pois esses solos arenosos são extremamente suscetíveis à erosão quando expostos à ação das chuvas, quando do preparo para a semeadura das culturas de grãos (consultar seção 3).

Quando há boa distribuição de chuvas durante o ano inteiro, esses solos devem ser cultivados com culturas de cobertura e proteção para obter

grande quantidade de biomassa, cobrindo o solo e fazendo semeadura direta das culturas de grãos, tanto no verão quanto no inverno.

Também não existem indicações de adubação para a soja nesses solos. Assim, foi feita uma extrapolação das indicações de adubação para a cultura da soja em solos arenosos do Brasil Central, como sugestão e indicação para a região do arenito.

#### 4.9.1 Indicação para a correção da acidez do solo e estimativa da quantidade de calcário a aplicar

Nos solos de arenito com menos de 20% de argila, ao fazer o cálculo de correção da acidez pelo método de saturação por bases (V%), não deve ser ultrapassado o valor de 50% como valor adequado para a saturação por bases.

Necessidade de calcário

$$NC \text{ (t ha}^{-1}\text{)} = \frac{(V_2 - V_1) \times T \times f}{100}$$

Onde:

$V_1$  = [valor da saturação por bases, em porcentagem antes da correção] ( $V = 100 \text{ S/T}$ ), sendo:

$$S = \text{Ca}^{2+} + \text{Mg}^{2+} + \text{K}^+ \text{ (cmol}_c \text{ dm}^{-3}\text{)}$$

$V_2$  = valor da saturação por bases trocáveis que se deseja atingir ao fazer a calagem; este valor é que deve ser de 50% na indicação para o arenito)

$T$  = capacidade de troca de cátions =  $S + (\text{H} + \text{Al}^{3+})$  (cmol<sub>c</sub> dm<sup>-3</sup>)

$f$  = (fator de correção do PRNT do calcário) =  $100/\text{PRNT}$

Quando esses solos de arenito, com teor de argila menor que 20%, também apresentam baixo alumínio trocável na camada arável e mesmo no horizonte B, a quantidade de calcário sugerida para ser utilizada também pode ser dada pelo maior valor encontrado pelo cálculo de uma destas duas fórmulas:

$$NC \text{ (t ha}^{-1}\text{)} = (2 \times \text{Al}^{3+}) \times f$$

ou

$$NC \text{ (t ha}^{-1}\text{)} = [2 - (\text{Ca}^{2+} + \text{Mg}^{2+})] \times f$$

Cálcio, magnésio e alumínio trocáveis em  $\text{cmol}_c \text{ dm}^{-3}$ .

Deve ser ressaltado, mais uma vez, que os solos arenosos têm uso agrícola limitado, devido ao fato de apresentarem baixa capacidade de troca de cátions, baixa capacidade de retenção de água e grande susceptibilidade à erosão.

A melhor época de aplicação do calcário é no mês de abril ou antes, se a cultura de verão já tiver sido colhida: aplicar metade com incorporação profunda com arado de aiveca ou de disco, e aplicar a outra metade incorporando com grade pesada e após grade niveladora. Semear cultura de cobertura que pode ser aveia preta ou outra melhor adaptada à região, de preferência com crescimento rápido e que feche logo sobre o solo, para protegê-lo na época das chuvas. Na safra de verão, iniciar a semeadura direta.

#### 4.9.2 Interpretação de teores de fósforo no solo e sugestões para a adubação

A interpretação dos teores e as sugestões para adubação com fósforo pode ser efetuada através das Tabelas 4.8 e 4.9.

**Manutenção de fósforo:** na semeadura da soja, aplicar  $20 \text{ kg ha}^{-1}$  de  $\text{P}_2\text{O}_5$  para cada  $1.000 \text{ kg}$  de grãos que se espera produzir na área, quando foi feita a adubação de correção total.

**Tabela 4.8.** Interpretação de níveis de fósforo no solo para soja no arenito de Caiuá (fósforo extraído pelo método Mehlich I).

%	$\text{mg dm}^{-3}$				
	Teor de argila	P muito baixo	P baixo	P médio	P bom
20 a 40		< 5	5 a 10	10 a 14	> 14
< 20		< 6	6 a 12	12 a 18	> 18

<sup>1</sup> Ao atingir os teores de mais de 14 e mais de 18  $\text{mg kg}^{-1}$ , usar somente adubação de manutenção.

**Tabela 4.9.** Sugestão de adubação corretiva com fósforo para soja no arenito de Caiuá.

%	Corretiva total <sup>1</sup>		Corretiva gradual <sup>2</sup>	
	Teor de argila	P muito baixo	P baixo	P muito baixo
	.....P <sub>2</sub> O <sub>5</sub> (kg ha <sup>-1</sup> ).....			
20 a 40	120	60	80	70
<20	100	50	70	60

<sup>1</sup> Antes da semeadura da cultura, incorporado. Além da dose de correção total, aplicar a dose de manutenção.

<sup>2</sup> No sulco de semeadura, em substituição à adubação de manutenção.

### 4.9.3 Interpretação de teores de potássio no solo e sugestões para adubação

A indicação para adubação corretiva com potássio, de acordo com a análise do solo, é apresentada na Tabela 4.10. Esta adubação deve ser feita a lanço, em solos com teor de argila maior que 20%.

Em solos de textura arenosa (<20% de argila), não se deve fazer adubação corretiva de potássio, devido às acentuadas perdas por lixiviação.

**Tabela 4.10.** Interpretação de níveis no solo e sugestão para adubação corretiva com potássio para soja no arenito de Caiuá (potássio extraído pelo método Mehlich I).

Interpretação de teor de K no solo	Sugestão de adubação de correção	
mg dm <sup>-3</sup>	cmol <sub>c</sub> dm <sup>-3</sup>	kg ha <sup>-1</sup> de K <sub>2</sub> O <sup>1</sup>
≤25	≤0,06	100
25 a 50	0,06 a 0,13	50
>50	>0,13	0

Fonte: Sousa & Lobato (1996).

<sup>1</sup> Aplicação parcelada de 1/3 na semeadura da soja e 2/3 em cobertura 20 a 30 dias após a semeadura.

Estando o nível de K extraível acima do valor crítico (50 mg dm<sup>-3</sup> ou 0,13 cmol<sub>c</sub> dm<sup>-3</sup>), indica-se a adubação de manutenção de 20 kg de K<sub>2</sub>O para cada tonelada de grão a ser produzida.

Na semeadura da soja, como manutenção, aplicar 20kg de  $K_2O$  para cada 1.000 kg de grãos que se espera produzir.

Nas dosagens de  $K_2O$  acima de 50 kg ha<sup>-1</sup> ou quando o teor de argila for <40%, fazer a adubação de 1/3 da quantidade total indicada na semeadura e 2/3 em cobertura, 20 ou 30 dias após a germinação, respectivamente para as cultivares de ciclo mais precoce e mais tardio.

#### 4.9.4 Adubação com enxofre

Consultar item 4.8.3.

### 4.10 Adubação fosfatada e potássica para a sucessão soja-trigo em sistema de semeadura direta em solo Latossolo Roxo

A prática de semeadura direta confere ao solo um acúmulo de nutrientes, principalmente o fósforo, devido a baixa mobilização. Esse fator, aliado a informações quanto aos níveis críticos de fósforo e potássio no solo para a soja e trigo, oferecem um conjunto de informações muito importantes para a definição de quantidades e periodicidade de fertilizantes a serem usados nesse sistema. Resultados de vários trabalhos realizados em solos do Estado do Paraná permitem as seguintes indicações para áreas com solos livres de alumínio tóxico, nas situações em que o cultivo de inverno (trigo, aveia ou cevada) seja devidamente adubado.

- a) A concentração de P no solo para o sistema de sucessão soja-trigo/aveia/cevada, deverá ser mantido com no mínimo 9,0 mg dm<sup>-3</sup> em função da exigência da cultura do trigo.
- b) A concentração de K no solo para o sistema de sucessão soja-trigo/aveia/cevada deverá ser mantida com no mínimo 0,30 cmol<sub>c</sub> dm<sup>-3</sup> em função da exigência da cultura do trigo.
- c) As adubações com P e K podem ser dispensadas para o cultivo da soja, quando a concentração destes elementos no solo estiverem acima dos

níveis críticos estabelecidos para a soja de  $6,0 \text{ mg dm}^{-3}$  de P e  $0,20 \text{ cmol}_c \text{ dm}^{-3}$  de K.

- d) Indica-se a análise periódica do solo, de dois em dois anos, para a devida interpretação e tomada de decisões quanto à quantidade e à periodicidade das adubações.



A divulgação das cultivares de soja indicadas para cultivo em cada estado, através desta publicação, tem o propósito de informar, aos técnicos e empresários do setor produtivo, os avanços que ocorrem, a cada ano, na tecnologia varietal.

As tabelas a seguir referem-se às cultivares indicadas pelas instituições detentoras para cultivo no País, nos diversos estados. Na quase totalidade, essas cultivares estão inscritas no Registro Nacional de Cultivares - RNC/MAPA. Entretanto, um número considerável de cultivares registradas não consta nas tabelas, pelo fato de não terem sido apresentadas nas Reuniões de Pesquisa de Soja da Região Central do Brasil (RPSRCB) - foro de informações para a elaboração deste documento de indicações técnicas.

Cultivares melhoradas, portadoras de genes capazes de expressar alta produtividade, ampla adaptação e boa resistência/tolerância a fatores bióticos ou abióticos adversos, representam usualmente uma das mais significativas contribuições à eficiência do setor produtivo. O ganho genético proporcionado pelas novas cultivares ao setor produtivo tem sido muito significativo - maior que 1% ao ano.

A utilização da tecnologia RR (Roundup Ready) continua crescendo entre os produtores e vem também sendo o caráter de maior oferta pelas instituições de pesquisa, através das novas cultivares. Em 2005, foram registradas no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento 22 cultivares tolerantes ao glyphosate. Igual número foi novamente inscrito no RNC até agosto de 2006, elevando a disponibilidade total para 85 cultivares RR.

No âmbito das instituições participantes da RPSRCB, neste ano foram apresentadas 19 cultivares novas, 12 das quais com a característica RR. Das cultivares já em uso, três transgênicas RR e três convencionais tiveram ampliadas suas abrangências geográficas de indicação.

Vários desafios, no campo da sanidade, continuam ocupando sobremaneira a atenção dos geneticistas, melhoristas, fitopatologistas e entomologistas brasileiros de soja, nos últimos anos. Citam-se a prospecção e a transferência de genes de resistência à ferrugem asiática, ao vírus da necrose da haste e ao nematóide de cisto, visando eliminar ou reduzir riscos de prejuízos graves que essas enfermidades podem causar. A resistência ou tolerância a insetos-pragas, principalmente os sugadores, é outro campo de grande interesse de avanço, com vistas à redução de uso de agroquímicos e à viabilização do processo orgânico de produção.

A Tabela 5.1 apresenta as cultivares para o Paraná, por grupo de maturação, visando facilitar a tomada de decisão dos usuários quanto às épocas de semeadura, à diversidade de ciclos das cultivares nas propriedades e aos sistemas de sucessão/rotação com outras culturas. Os poucos casos de cultivares não constantes no Registro Nacional, em 21 de agosto de 2006, são informados em nota de rodapé das tabelas.

**Tabela 5.1.** Cultivares de soja inscritas no Registro Nacional de Cultivares e indicadas para o Estado do Paraná - Safra 2006/07.

Grupo de maturação			
Precoce (até 115 dias)	Semiprecoce (116 a 125 dias)	Médio (126 a 137 dias)	Semitardio (138 a 150 dias)
BRS 132	BR 16	BR 37	BRS 267 <sup>1</sup>
BRS 137	BR 36	BRS 134	KI-S 801
BRS 183	BRS 133	BRS 136	*****
BRS 212	BRS 154	BRS 215	
BRS 213	BRS 156	BRS 233	
BRS 230	BRS 184	BRS 247RR	
BRS 242RR	BRS 185	BRS 256RR	
BRS 243RR	BRS 214	BRS 261	
BRS 255RR	BRS 216	BRS 262	
BRS 257	BRS 231	BRS Cambona	
BRS Macota	BRS 232	BRS Candiero	
CD 202	BRS 244RR	BRS Pala	
CD 203	BRS 245RR	BRS Torena <sup>4</sup>	
CD 207	BRS 246RR	BRS Sinuelo <sup>4</sup>	
CD 210	BRS 258	CD 204	
CD 212RR	BRS 259	CD 205	
CD 213RR	BRS 260	CD 211 <sup>6</sup>	
CD 214RR	BRS 268 <sup>1</sup>	CD 218	
CD 215	BRS Invernada	CD 219RR <sup>2,7</sup>	
CD 216	BRS Raiana	CS 935142 <sup>5</sup>	
CD 221	BRS Tebana <sup>4</sup>	Embrapa 60	
Embrapa 48	CD 201	KI-S 702	
IAS 5	CD 206	M-SOY 7501	
ICA 3	CD 208	M-SOY 7602	
ICA 4	CD 209	M-SOY 7603	
ICASC 1	CD 217	M-SOY 7701	
M-SOY 5942	CD 223AP	*****	
M-SOY 6101	CD/FAPA 220		
M-SOY 6302	Embrapa 59		
M-SOY 6350	ICA 6 <sup>8</sup>		

Continua...

Grupo de maturação			
Precoce (até 115 dias)	Semiprecoce (116 a 125 dias)	Médio (126 a 137 dias)	Semitardio (138 a 150 dias)
...Continuação Tabela 5.1			
NK412113	KI-S 602 RCH	–	–
RB 501	M-SOY 2002		
RB 502	M-SOY 7101		
Spring <sup>8</sup>	M-SOY 7202		
*****	RB 603		
	RB 604		
	RB 605		

<sup>1</sup> Cultivar em lançamento.

<sup>2</sup> Cultivar em extensão de indicação.

<sup>3</sup> Cultivar a ser excluída de indicação em 2007 (não há).

<sup>4</sup> Cultivar indicada para as regiões centro-sul e sudoeste do estado.

<sup>5</sup> Cultivar indicada para as regiões norte e noroeste do estado.

<sup>6</sup> Cultivar indicada para a região norte do estado.

<sup>7</sup> Cultivar indicada para regiões inferiores a 500 m de altitude.

<sup>8</sup> Cultivar não constante no Registro Nacional de Cultivares em 21/08/2006.

**Notas:** 1) Foram excluídas de indicação para o Estado do Paraná, em 2006, as cultivares BRS 155, OC 13, OC 14 e OC 16.

2) BRS Pala é a nova denominação da cv. BRS Guapa.

No Brasil, dois sistemas de produção de sementes operam integrados nos diversos estados, o de certificação e o de fiscalização, que ofertam sementes certificadas e fiscalizadas, respectivamente. Nessas duas classes de sementes, a qualidade é garantida através de padrões mínimos de germinação, purezas física e varietal e sanidade, exigidos por normas de produção e comercialização estabelecidas e controladas pelo governo.

## 6.1 Qualidade da semente

Na compra de sementes, indica-se que o agricultor conheça a qualidade do produto que está adquirindo. Para isso, existem laboratórios oficiais e particulares de análise de sementes que podem prestar esse tipo de serviço, informando a germinação, as purezas física e varietal e a qualidade sanitária da semente.

Outra maneira de conhecer a qualidade do produto que se está adquirindo é consultando os documentos que atestam a qualidade das sementes, que são o Boletim de Análise de Sementes, o Atestado de Origem Genética, o Certificado de Sementes, ou o Termo de Conformidade das sementes produzidas, que podem ser fornecidos pelo produtor ou comerciante das mesmas. Esses documentos transcrevem as informações dos resultados oficiais de análise de semente, que têm validade de seis meses, após a data de análise. Ao consultar esses documentos, o agricultor deve prestar atenção às informações referentes à germinação (%), pureza [semente pura (%), material inerte (%), outras sementes (%)]. Nesse último item, observar os índices de semente de outra espécie cultivada, de semente silvestre, de semente nociva tolerada e de semente nociva proibida. Além disso, observar também a verificação de sementes de outras cultivares.

Esses valores devem estar de acordo com os padrões nacionais mínimos de qualidade de semente, estabelecidos para a soja, conforme constam na Tabela 6.1.

Além desses resultados, diversos produtores dispõem de resultados de análises complementares e os resultados podem também ser solicitados para facilitar a escolha dos lotes de sementes a serem adquiridos, como por exemplo o teste de emergência em campo em condições ideais de umidade e de temperatura de solo. Alguns produtores dispõem também de resultados de testes de vigor, como por exemplo, o de tetrazólio e o de envelhecimento acelerado. Esses resultados são de grande valia, visando à aquisição de sementes que comprovadamente apresentam boa qualidade.

## 6.2 Armazenamento das sementes

Após a aquisição, as sementes são armazenadas na propriedade, até a época de semeadura. As sementes, como ser biológico, devem receber todos os cuidados necessários para se manterem vivas e apresentarem boa germinação e emergência no campo. Assim sendo, devem ser tomados cuidados especiais no seu armazenamento, tais como:

- ♦ armazenar as sementes em galpão bem ventilado, sobre estrados de madeira;
- ♦ não empilhar as sacas de sementes contra as paredes do galpão;
- ♦ não armazenar sementes juntamente com adubo, calcário ou agroquímicos;
- ♦ o ambiente de armazenagem deve estar livre de fungos e roedores; e
- ♦ dentro do armazém a temperatura não deve ultrapassar 25°C e a umidade relativa não deve ultrapassar 70%.

Caso essas condições não sejam possíveis na propriedade, indica-se que o agricultor somente retire a semente do armazém do seu fornecedor o mais próximo possível da época de semeadura.

**Tabela 6.1.** Padrões nacionais para a comercialização de sementes de soja.

1. Espécie:		Soja			
Nome científico:		<i>Glycine max</i> L. Merrill			
2. Peso máximo do lote (kg):					
3. Peso mínimos das amostras (g)		25.000			
- Amostra submetida ou média		1.000			
- Amostra de trabalho para análise de pureza		500			
- Amostra de trabalho para determinação de outras sementes por número		1.000			
4. Padrão de semente					
Parâmetros		Padrões			
Categorias		Básica	C1 <sup>1</sup>	C2 <sup>2</sup>	S1 <sup>3</sup> ou S2 <sup>4</sup>
Pureza		99,0	99,0	99,0	99,0
- Semente pura (% mínima)		—	—	—	—
- Material inerte <sup>5</sup> (%)		zero	0,05	0,08	0,1
- Outras sementes (% máxima)		zero	zero	1	2
Determinação de outras sementes por número (nº máximo):		zero	1	1	1
- Semente de outra espécie cultivada <sup>6</sup>		zero	1	1	2
- Semente silvestre <sup>6</sup>		zero	zero	zero	zero
- Semente nociva tolerada <sup>7</sup>		2	3	5	10
- Semente nociva proibida <sup>7</sup>		75 <sup>9</sup>	80	80	80
Verificação de outras cultivares por número <sup>8</sup> (nº máximo):		—	—	—	—
Germinação (% mínima)		6	6	6	6
Pragas <sup>10</sup>		—	—	—	—
5. Validade do teste de germinação (máxima em meses)		6	6	6	6

Continua...

...Continuação Tabela 6.1

6. Validade da reanálise do teste de germinação (máxima em meses)	3	3	3	3
7. Prazo máximo para solicitação de inscrição de campos (dias após o plantio)	30	30	30	30

<sup>1</sup> Semente certificada de primeira geração.

<sup>2</sup> Semente certificada de segunda geração.

<sup>3</sup> Semente de primeira geração.

<sup>4</sup> Semente de segunda geração.

<sup>5</sup> Relatar o percentual encontrado e a sua composição no Boletim de Análise de Sementes.

<sup>6</sup> Esta determinação de Outras Sementes por Número em Teste Reduzido será realizada em conjunto com a análise de pureza.

<sup>7</sup> Esta determinação será realizada em complementação à análise de pureza, observada a relação de sementes nocivas vigente.

<sup>8</sup> Esta determinação de Verificação de Outras Cultivares em Teste Reduzido será realizada em conjunto com a análise de pureza.

<sup>9</sup> A comercialização de semente básica poderá ser realizada com germinação até 10 pontos percentuais abaixo do padrão, desde que efetuada diretamente entre o produtor e o usuário e com o consentimento formal deste.

<sup>10</sup> Observar a lista de Pragas Quarentenárias A1 e A2 vigente no País.

<sup>11</sup> Excluído o mês em que o teste de germinação foi concluído.

### 6.3 Padronização da nomenclatura do tamanho das sementes, após classificação por tamanho

Tal nomenclatura deverá ter padrão nacional, conforme proposta formulada pela CESSOJA/PR e APASEM, a qual constará na sacaria e na nota fiscal de venda:

- ♦ Pzero - semente não classificada por tamanho;
- ♦ P 4,5 - P 4,75 - P 5,0 - P 5,25 - P 5,5 - P 5,75 - P 6,0 - P 6,25 - P 6,5 - P 6,75 - P 7,0. Será observado um intervalo máximo de 1,0 mm entre tais classes; por exemplo: P 5,5 significa que as sementes possuem diâmetro entre 5,5 e 6,5 mm, ou seja, tal classificação foi realizada com peneira com orifícios redondos, com as sementes passando pela peneira 6,5 e ficando retidas sobre a peneira 5,5. Para os produtores de sementes que adotam a classificação de sementes com a amplitude de 0,5 mm entre as classes de tamanho, a semente classificada como P 5,5 será aquela que possui diâmetro entre 5,5 e 6,0 mm, ou seja, essa classificação foi realizada com peneira com orifícios redondos, com as sementes passando pela peneira 6,0 e ficando retidas sobre a peneira 5,5.

### 6.4 Tratamento de sementes com fungicidas

O tratamento das sementes com fungicidas oferece garantia de melhor estabelecimento da população de plantas por controlar patógenos importantes transmitidos pelas sementes, diminuindo a chance de sua introdução em áreas indenadas. As condições desfavoráveis à germinação e emergência da soja, especialmente a deficiência hídrica, tornam mais lento esse processo, expondo as sementes por mais tempo a fungos do solo, como *Rhizoctonia solani*, *Pythium* spp., *Fusarium* spp. e *Aspergillus* spp. (*A. flavus*), entre outros, que podem causar a sua deterioração ou a morte da plântula.

Os principais patógenos transmitidos pela semente de soja são: *Cercospora kikuchii*, *Cercospora sojina*, *Fusarium semitectum*, *Phomopsis* spp. anamorfo de *Diaporthe* spp. e *Colletotrichum truncatum*. O melhor controle dos quatro primeiros patógenos citados é propiciado pelos fungicidas do

grupo dos benzimidazóis. Dentre os produtos avaliados e indicados para o tratamento de sementes de soja, carbendazin, tiofanato metílico e thia-bendazole são os mais eficientes no controle de *Phomopsis* spp., podendo assim ser considerados opção para o controle do agente do cancro da haste, em sementes, pois *Phomopsis* é a forma imperfeita de *Diaporthe*. Os fungicidas de contato tradicionalmente conhecidos (captan, thiram e tolylfluanid), que têm bom desempenho no campo quanto à emergência, não controlam, totalmente, *Phomopsis* spp. e *Fusarium semitectum* nas sementes que apresentam índices elevados desses patógenos (>40%).

Os fungicidas de contato e sistêmicos, indicados para o tratamento de sementes de soja são apresentados na Tabela 6.2.

A maioria das combinações de fungicidas quando aplicadas juntamente com *Bradyrhizobium* reduzem a sobrevivência das bactérias nas sementes, a nodulação e a eficiência de fixação biológica do nitrogênio. Cuidados especiais devem ser observados ao se efetuar junto essas duas práticas. Informações adicionais podem ser obtidas no Capítulo 7, itens 7.3, 7.4 e 7.5.

#### 6.4.1 Como realizar o tratamento

A função dos fungicidas de contato é proteger a semente contra fungos do solo e o dos fungicidas sistêmicos é controlar fitopatógenos presentes nas sementes. Assim, é importante que os fungicidas estejam em contato direto com a semente. O tratamento de semente com fungicidas, a aplicação de micronutrientes e a inoculação podem ser feitos de forma seqüencial, com máquinas específicas de tratar sementes, desde que essas disponham de tanques separados para os produtos, uma vez que foi proibida a mistura de agrotóxicos em tanque (Instrução Normativa 46/2002, de 24 de julho de 2002, que revoga a Portaria SDA Nº 67 de 30 de maio de 1995). (Fig. 6.1), tambor giratório (Fig. 6.2) ou com betoneiras.

**Tabela 6.2.** Fungicidas e respectivas doses, para o tratamento de sementes de soja. XXVIII Reunião de Pesquisa de Soja da Região Central do Brasil. Uberaba, MG. Agosto/2006.

Nome comum • Produto comercial <sup>2</sup>	Dose/100 kg de semente <sup>1</sup>
	Ingrediente ativo (gramas) • Produto comercial (g ou ml)
<b>I. Fungicidas de contato</b> .....	
Captan	90 g
• Captan 750 TS	• 120 g
Thiram	70 g (SC) ou 144 g (TS)
• Rhodiauran 500 SC	• 140 ml
• Thiram 480 TS	• 300 ml
Tolyfluanid	50 g
• Euparen M 500 PM	• 100 g
<b>II. Fungicidas sistêmicos</b> .....	
Carbendazin	30 g
• Derosal 500 SC	• 60 ml
Carbendazin + Thiram	30 g + 70 g
• Derosal Plus <sup>4</sup>	• 200 ml
• Protreat <sup>4</sup>	• 200 ml
Carboxin + Thiram	75 g + 75 g ou 50 + 50 g
• Vitavax + Thiram PM <sup>4</sup>	• 200 g
• Vitavax + Thiram 200 SC <sup>3,4</sup>	• 250 ml
Difenoconazole	5 g
• Spectro	• 33 ml
Fludioxonil + Metalaxyl - M	35 g + 10 g
• Maxim XL <sup>4</sup>	• 100 ml
Thiabendazole	17 g
• Tecto 100 (PM e SC)	• 170 g ou 31 ml
Thiabendazole + Thiram	17 g + 70 g
• Tegram <sup>4</sup>	• 200 ml
Tiofanato metílico	70 g
• Cercobin 700 PM	• 100 g
• Cercobin 500 SC	• 140 ml
• Topsin 500 SC	• 140 ml

<sup>1</sup> As doses dos produtos isolados são aquelas para a aplicação sequencial (fungicida de contato e sistêmico). Caso contrário utilizar a dose do rótulo.

<sup>2</sup> Poderão ser utilizadas outras marcas comerciais, desde que sejam mantidos a dose do ingrediente ativo e o tipo de formulação.

<sup>3</sup> Fazer o tratamento com pré-diluição, na proporção de 250 ml do produto + 250 ml de água para 100 kg de semente

<sup>4</sup> Misturas formuladas comercialmente e registradas no MAPA/DDIV/SDA.

CUIDADOS: devem ser tomadas precauções na manipulação dos fungicidas, seguindo as orientações da bula dos produtos.

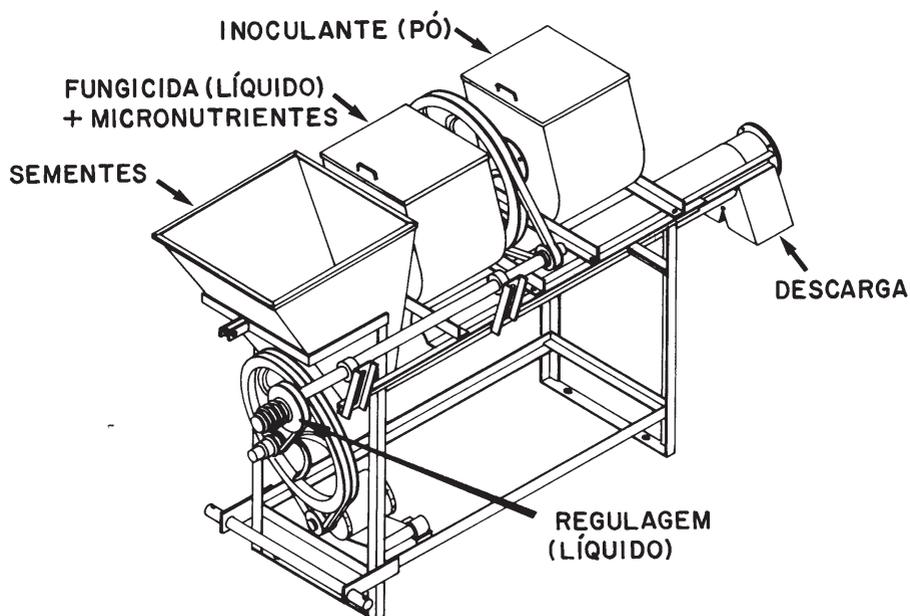


Fig. 6.1. Máquina de tratar sementes (adaptado de Grazmec).

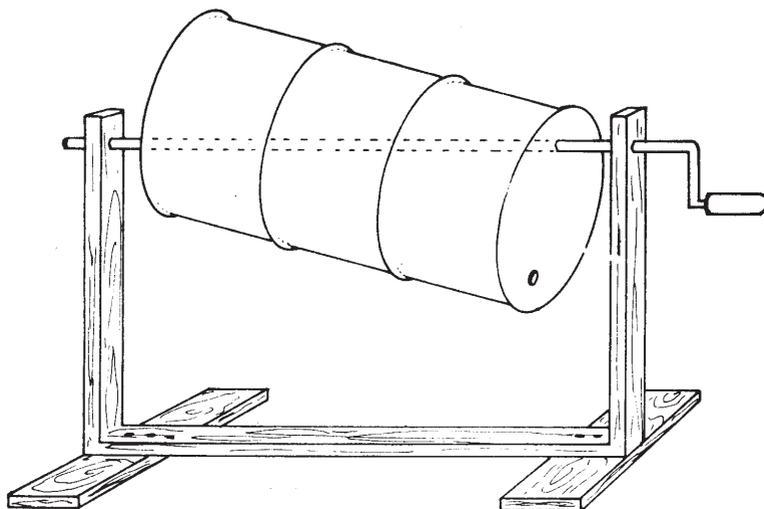


Fig. 6.2. Tambor giratório com eixo excêntrico para tratar sementes.

### 6.4.2 Tratamento utilizando máquinas de tratar sementes

Dentre as diversas vantagens que essas máquinas apresentam, em relação ao tratamento convencional (tambor), destacam-se:

- a) menor risco de intoxicação do operador, uma vez que os fungicidas são utilizados via líquida;
- b) melhores cobertura e aderência dos fungicidas, dos micronutrientes e do inoculante às sementes;
- c) rendimento em torno de 60 a 70 sacos por hora;
- d) maior facilidade operacional, já que o equipamento pode ser levado ao campo, pois possui engate para a tomada de força do trator.

O produtor deve tomar cuidado ao adquirir os fungicidas e os micronutrientes, optando por formulações líquidas ou pó que possibilitem que o volume final da mistura, fungicidas + micronutrientes, não ultrapasse 300 ml de calda por 50 kg de semente.

### 6.4.3 Tratamento utilizando tambor giratório ou betoneira

Quando for utilizado o tambor giratório, com eixo excêntrico, ou a betoneira, o tratamento poderá ser efetuado tanto via seca (fungicidas e micronutrientes em pó) ou via úmida (fungicidas e micronutrientes líquidos ou a combinação de uma formulação líquida com outra formulação pó, porém aplicados de forma seqüencial, evitando a mistura em tanque).

No caso do tratamento via seca, adicionar 300 ml de água por 50 kg de semente e dar algumas voltas no tambor ou na betoneira para umedecer uniformemente as sementes. Após essa operação, aplicar os fungicidas isoladamente (Tabela 6.2) e, em seguida, os micronutrientes, nas dosagens recomendadas, novamente o equipamento é rotacionado até que haja perfeita distribuição dos produtos nas sementes.

No caso do tratamento via líquida, ou seja, utilizando fungicidas e micronutrientes, ambos ou não, na forma líquida, em primeiro lugar, tomar o cuidado em utilizar produtos que contenham pouco líquido, ou seja, com no máximo 300 ml de solução por 50 kg de sementes, pois o excesso de

líquido pode causar danos às sementes, soltando o tegumento e prejudicando a germinação. Caso esse volume de líquido seja inferior a 300 ml de calda por 50 kg semente, acrescentar água para completar esse volume. Assim, o produtor deve usar os micro-nutrientes e os fungicidas, separadamente, em formulações que permitam rigoroso controle do volume final a ser adicionado às sementes.

Não se aconselha o tratamento da semente diretamente na caixa semeadora, devido à baixa eficiência (pouca aderência e cobertura desuniforme das sementes).

## **6.5 Seleção do local para produção de sementes**

Para a produção de sementes de alta qualidade, o ideal é que a temperatura média, durante as fases de maturação e colheita, seja igual ou inferior a 22°C.

Utilizar, preferencialmente, áreas com fertilidade elevada, pois níveis adequados de Ca e Mg exercem influência sobre o tecido de reserva da semente, além de interferirem na disponibilidade de outros nutrientes, no desenvolvimento de raízes e na nodulação. A deficiência de K e P reduz o rendimento de grãos, influencia negativamente na retenção de vagens, aumenta a incidência de patógenos, que também contribui para redução da qualidade da semente.

## **6.6 Avaliação da qualidade na produção de sementes - DIACOM (Diagnóstico Completo da Qualidade da Semente de Soja)**

Utilizar os testes de tetrazólio e patologia de sementes como método de avaliação da qualidade da semente, sempre que ocorrer baixa germinação, detectada pelas análises de rotina efetuada nos laboratórios credenciados. Informações adicionais sobre tais testes podem ser obtidas nas publicações

da Embrapa Soja sobre o assunto (França-Neto et al., 1998 - Documentos 116; Henning, 1996 - Documentos 90; França-Neto & Henning, 1992 - Circular Técnica 10).

Devido à possível ocorrência de chuvas freqüentes durante as fases de maturação e colheita da semente de soja, situação que pode ocorrer em diversas regiões produtoras brasileiras, poderá ser comum o problema de baixa germinação de sementes em laboratório, pelo método do rolo-de-papel. Tais problemas são ocasionados pelos altos índices de sementes infectadas por *Phomopsis* spp. e/ou por *Fusarium semitectum*. A presença de tais fungos infectando as sementes resulta em altos índices de plântulas infectadas e de sementes mortas no teste de germinação. Tal fato pode comprometer o sistema de avaliação de germinação adotado pelos laboratórios, uma vez que, em tal situação, lotes de boa qualidade podem apresentar baixa germinação, porém a emergência a campo e a viabilidade determinada pelo teste de tetrazólio podem ser elevadas. O uso dos testes de tetrazólio, de análise sanitária e de emergência em areia, conforme preconiza o DIACOM, evita a perda de lotes de boa qualidade, que normalmente seriam descartados, caso apenas o teste de germinação em substrato rolo-de-papel fosse utilizado.

## **6.7 Metodologia alternativa para o teste de germinação de sementes de soja**

Tal metodologia deverá ser aplicada para as cultivares de soja sensíveis ao dano de embebição, quando lotes de sementes dessas cultivares apresentar um elevado índice de plântulas anormais, maior que 6,0%, devido a anormalidades na radícula, durante a avaliação da germinação padrão, com substrato de rolo-de-papel. A adoção de tal procedimento alternativo visa evitar o descarte de lotes de boa qualidade.

Duas metodologias alternativas poderão ser utilizadas: a) realização do teste de germinação em substrato de areia, sem a necessidade do pré-condicionamento das sementes; b) realização do pré-condicionamento da amostra de semente em ambiente úmido, antes da semeadura em substrato

rolo-de-papel. Para efeito de comercialização, deverão ser considerados os lotes cujos incrementos em germinação sejam de no mínimo 6,0%. O pré-condicionamento consiste na colocação das sementes em “gerbox” com tela (do tipo utilizado no teste de envelhecimento acelerado), contendo 40 mL de água, pelo período de 16 a 24 horas a 25°C. Após o pré-condicionamento, as sementes são semeadas normalmente em rolo-de-papel, conforme prescrevem as Regras de Análise de Sementes.

## **6.8 Remoção de torrões para prevenir a disseminação do nematóide de cisto**

A disseminação do nematóide de cisto pode ocorrer através de torrões de solo infestados que possam contaminar os lotes de sementes. Esse modo de transmissão foi considerado como um dos mais importantes no início do processo de disseminação do nematóide de cisto nos Estados Unidos. A contaminação com os torrões ocorre durante a operação de colheita. Uma vez ocorrida, torna-se trabalhosa a sua separação das sementes.

A taxa de disseminação, através dos estoques de sementes, depende da quantidade de torrões no lote de semente, do número de cistos do nematóide e do número de nematóides (ovos e/ou juvenis) viáveis nos cistos.

A remoção dos torrões que acompanham a semente é uma forma de reduzir as chances de disseminação dessas pragas. Os torrões diferem da semente de soja em tamanho, forma e peso específico. A diferença em cada uma dessas características físicas pode ser utilizada pela máquina de ventilador e peneiras, separador em espiral e mesa de gravidade, nessa seqüência, objetivando a obtenção em nível de separação satisfatório.

Ressalva-se também que a eliminação completa dos torrões poderá não ser alcançada, remanescendo a possibilidade de sua disseminação, quando sementes oriundas de lavouras com suspeita de ocorrência do nematóide de cisto são semeadas em áreas indenidas.

## **6.9 Alerta sobre dessecação em pré-colheita de campos de produção de semente**

A dessecação em pré-colheita de campos de produção de semente de soja, visando à melhoria da qualidade, não é recomendada. A dessecação em pré-colheita é recomendada apenas em áreas de produção de grãos, com o objetivo de controlar plantas daninhas ou uniformizar as plantas em lavouras com problemas de haste verde/retenção foliar (ver item “Dessecação em pré-colheita da soja” no capítulo 9. Controle de Plantas Daninhas).

A dessecação em pré-colheita de campos de sementes de soja convencional com glyphosate não deve ser realizada, uma vez que essa prática acarreta na redução da qualidade da semente, reduzindo o seu vigor e germinação, devido ao não desenvolvimento das radículas secundárias das plântulas.

## **6.10 Manejo de plantas daninhas na entressafra**

O controle de plantas daninhas em culturas de safrinha e em períodos de entressafra é uma maneira importante de reduzir a densidade de espécies que poderão infestar os campos de produção de sementes de soja cultivados na seqüência, a exemplo de picão-preto, amendoim-bravo, maria pretinha, entre outras.

Nesse período, também é importante controlar a soja voluntária, a qual poderá se tornar hospedeira da ferrugem asiática e outras doenças e pragas que poderão se potencializar na safra seguinte.

## **6.11 Colheita**

A colheita constitui uma importante etapa no processo produtivo da soja, principalmente pelos riscos a que está sujeita a lavoura destinada ao consumo ou à produção de sementes.

A colheita deve ser iniciada tão logo a soja atinja o estágio R8 (ponto de colheita), a fim de evitar perdas na qualidade do produto.

### 6.11.1 Fatores que afetam a eficiência da colheita

Para reduzir perdas, é necessário que se conheçam as suas causas, sejam elas físicas ou fisiológicas. A seguir, são abordadas algumas das causas “indiretas” de perdas na colheita.

**Mau preparo do solo** - solo mal preparado pode causar prejuízos na colheita devido a desníveis no terreno que provocam oscilações na barra de corte da colhedora, fazendo com que ocorra corte em altura desuniforme e muitas vagens sejam cortadas ao meio e outras deixem de ser colhidas.

**Inadequação da época de semeadura, do espaçamento e da densidade** - a semeadura, em época pouco indicada, pode acarretar baixa estatura das plantas e baixa inserção das primeiras vagens. O espaçamento e/ou a densidade de semeadura inadequada podem reduzir o porte ou aumentar o acamamento, o que, conseqüentemente, fará com que ocorram maior perda na colheita.

**Cultivares não adaptadas** - o uso de cultivares não adaptadas a determinadas regiões pode prejudicar a operação de colheita, decorrente de características como baixa inserção de vagens e acamamento.

**Ocorrência de plantas daninhas** - a presença de plantas daninhas faz com que a umidade permaneça alta por muito tempo, prejudicando o bom funcionamento da colhedora e exigindo maior velocidade no cilindro de trilha, resultando em maior dano mecânico às sementes. Além disso, em lavouras infestadas, a velocidade de deslocamento deve ser reduzida, causando menor eficiência operacional pela menor capacidade efetiva de trabalho.

**Retardamento da colheita** - em lavouras destinadas à produção de sementes, muitas vezes a espera de menores teores de umidade para efetuar a colheita pode provocar a deterioração das sementes pela ocorrência de chuvas inesperadas e conseqüente elevação da incidência de patógenos. Quando a lavoura for destinada à produção de grãos, o problema não é

menos grave, pois quanto mais seca estiver a lavoura, maior poderá se a deiscência, havendo ainda casos de reduções acentuadas na qualidade do produto.

**Umidade inadequada** - a soja, quando colhida com teor de umidade entre 13% e 15%, tem minimizados os problemas de danos mecânicos e perdas na colheita. Sementes colhidas com teor de umidade superior a 15% estão sujeitas a maior incidência de danos mecânicos latentes e, quando colhidas com teor abaixo de 12%, estão suscetíveis ao dano mecânico imediato, ou seja, à quebra.

### 6.11.2 Principais causas das perdas

**A subestimação da importância econômica das perdas e a consequente falta de monitoramento (avaliação com metodologia adequada) das perdas durante todos os dias da colheita** - sem dúvida, são as principais causas das perdas durante a colheita, uma vez que a operação de colheita propriamente dita, deveria ser realizada com base nesse monitoramento.

**Má regulação e operação da colhedora** - na maioria das vezes, é causada pelo pouco conhecimento do operador sobre regulações e operação adequada da colhedora. O trabalho harmônico entre o molinete, a barra de corte, a velocidade da operação, e as ajustagens do sistema de trilha e de limpeza é fundamental para a colheita eficiente, bem como o conhecimento de que a perda **tolerável** é de no máximo **uma saca de 60 kg/ha**.

### 6.11.3 Tipos de perdas e onde elas ocorrem

Tendo em vista as várias causas de perdas ocorridas numa lavoura de soja, os tipos ou as fontes de perdas podem ser definidos da seguinte maneira:

- a) **perdas antes da colheita** - causadas por deiscência ou pelas vagens caídas ao solo antes da colheita;
- b) **perdas causadas pela plataforma de corte** - que incluem as perdas por debulha, as por altura de inserção e as por acamamento das plantas que ocorrem na frente da plataforma de corte.

c) **perdas por trilha, separação e limpeza** - em forma de grãos que tenham passado através da colhedora durante a operação;

Embora as origens das perdas sejam diversas e ocorram tanto antes quanto durante a colheita, cerca de 80% a 85% delas ocorrem pela ação dos mecanismos da plataforma de corte das colhedoras (molinete, barra de corte e caracol), 12% são ocasionadas pelos mecanismos internos (trilha, separação e limpeza) e 3% são causadas por deiscência natural.

#### **6.11.4 Como avaliar as perdas**

Para avaliar as perdas durante a colheita, recomenda-se a utilização do copo medidor de perdas. Este copo correlaciona volume com massa, permitindo a determinação direta de perdas em sacas/ha de soja, pela simples leitura dos níveis impressos no próprio copo (Fig. 6.3). (Detalhes da metodologia de avaliação e uso do copo medidor encontram-se na publicação Mesquita et al., 1998 - MANUAL DO PRODUTOR (EMBRAPA-CNPSO, Documentos, 112).

#### **6.11.5 Como evitar as perdas**

As perdas serão mínimas se forem tomados alguns cuidados relativos à velocidade adequada de operação e pequenos ajustes e regulagens desses mecanismos de corte e recolhimento, além dos mecanismos de trilha, separação e limpeza. (Detalhes da operação adequada e regulagens e ajustagens dos componentes ativos da colhedora encontram-se na publicação Mesquita et al., 1998 - MANUAL DO PRODUTOR (EMBRAPA-CNPSO, Documentos, 112).



**Fig. 6.3.** Tabela impressa no medidor com os valores de perdas e de produtividade. Embrapa Soja. Londrina, PR.



# Inoculação das Sementes com *Bradyrhizobium*

---

# 7

## 7.1 Introdução

O nitrogênio (N) é o nutriente requerido em maior quantidade pela cultura da soja. Estima-se que para produzir 1000 kg de grãos são necessários 80 kg de N. Basicamente, as fontes de N disponíveis para a cultura da soja são os fertilizantes nitrogenados e a fixação biológica do nitrogênio (FBN) (Hungria et al., 2001).

Fixação biológica do nitrogênio (FBN) - É a principal fonte de N para a cultura da soja. Bactérias do gênero *Bradyrhizobium*, quando em contato com as raízes da soja, infectam as raízes, via pêlos radiculares, formando os nódulos. A FBN pode, dependendo de sua eficiência, fornecer todo o N que a soja necessita.

## 7.2 Qualidade e quantidade dos inoculantes

Os inoculantes turfosos, líquidos ou outras formulações devem ter comprovada a eficiência agrônômica, conforme normas oficiais da RELARE, aprovadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

A quantidade mínima de inoculante a ser utilizada deve fornecer 600.000 células/sementes. Resultados de pesquisa indicam benefícios crescentes à nodulação e à fixação biológica do nitrogênio pela utilização de populações de até 1.200.000 células/sementes.

A base de cálculo para o número de bactérias/semente é a concentração registrada no MAPA e que consta da embalagem.

### 7.2.1 Cuidados ao adquirir inoculantes

- a) adquirir inoculantes recomendados pela pesquisa e devidamente registrados no MAPA. O número de registro deverá estar impresso na embalagem;
- b) não adquirir e não usar inoculante com prazo de validade vencido e que não tenha uma população mínima de  $1 \times 10^8$  células viáveis por grama ou por ml do produto e que forneça 600.000 células/semente;
- c) certificar-se de que o mesmo estava armazenado em condições satisfatórias de temperatura e arejamento;
- d) transportar e conservar o inoculante em lugar fresco e bem arejado;
- e) certificar-se de que os inoculantes contenham uma ou duas das quatro estirpes recomendadas para o Brasil (SEMIA 587, SEMIA 5019, SEMIA 5079 e SEMIA 5080); e
- f) em caso de dúvida sobre a qualidade do inoculante, contatar um fiscal do MAPA.

### 7.2.2 Cuidados na inoculação

- a) fazer a inoculação à sombra e manter a semente inoculada protegida do sol e do calor excessivo. Evitar o aquecimento, em demasia, do depósito da semente na semeadora, pois alta temperatura reduz o número de bactérias viáveis aderidas à semente;
- b) fazer a semeadura logo após a inoculação, especialmente se a semente for tratada com fungicidas e micronutrientes. Para inoculantes acompanhados ou possuidores de protetores específicos, que garantam a viabilidade da bactéria na semente, seguir a orientação do fabricante;
- c) para melhor aderência dos inoculantes turfosos, recomenda-se umedecer a semente com 300 ml/50 kg semente de água açucarada a 10% (100 g de açúcar e completar para um litro de água);
- d) é imprescindível que a distribuição do inoculante turfoso ou líquido seja uniforme em todas as sementes para que tenhamos o benefício da fixação biológica do nitrogênio em todas as plantas.

### **7.2.3 Métodos de inoculação**

As empresas que comercializam inoculantes devem oferecer inoculante de boa qualidade e informações técnicas adicionais de inoculação que permitam a melhor distribuição e sobrevivência da bactéria nas sementes inoculadas, para maximizar a fixação biológica do nitrogênio. Os agricultores devem seguir rigorosamente as orientações técnicas indicadas para cada produto e método de inoculação.

#### **7.2.3.1 Inoculação nas sementes**

Inoculante turfoso - umedecer as sementes com solução açucarada ou outra substância adesiva, misturando bem. Adicionar o inoculante, homogeneizar e deixar secar à sombra. A distribuição da mistura açucarada/adesiva mais inoculante nas sementes deve ser feita, preferencialmente, em máquinas próprias, tambor giratório ou betoneira.

Inoculante líquido - aplicar o inoculante nas sementes, homogeneizar e deixar secar à sombra.

#### **7.2.3.2 Inoculação no sulco de semeadura**

O método tradicional de inoculação pode ser substituído pela aplicação do inoculante por aspersão no sulco, por ocasião da semeadura, em solos com ou sem população estabelecida. Esse procedimento, pode ser adotado desde que a dose de inoculante seja, no mínimo, seis vezes superior à dose indicada para as sementes (item 7.2). O volume de líquido (inoculante mais água) usado nos experimentos não foi inferior a 50 l/ha. A utilização desse método tem a vantagem de reduzir os efeitos tóxicos do tratamento de sementes com fungicidas e da aplicação de micronutrientes nas sementes sobre a bactéria.

### 7.3 Aplicação de fungicidas às sementes junto com o inoculante

A maioria das combinações de fungicidas indicados para o tratamento de sementes reduz a nodulação e a FBN (Campo & Hungria, 2000).

A maior frequência de efeitos negativos do tratamento de sementes com fungicidas na FBN ocorre em solos de primeiro ano de cultivo com soja, com baixa população de *Bradyrhizobium* spp. Nesse caso, para garantir melhores resultados com a inoculação e o estabelecimento da população do *Bradyrhizobium* spp. ao solo, o agricultor deve evitar o tratamento de sementes com fungicidas, desde que:

- 1) as sementes possuam alta qualidade fisiológica e sanitária, estejam livres de fitopatógenos importantes (pragas quarentenárias A2 ou pragas não quarentenárias regulamentadas), definidos e controlados pelo Certificado Fitossanitário de Origem (CFO) ou Certificado Fitossanitário de Origem Consolidado (CFOC), conforme legislação. (Instrução Normativa nº 6 de 13 de março de 2000, publicada no D.O.U. no dia 05 de Abril de 2000); e
- 2) o solo apresente boa disponibilidade hídrica e temperatura adequada para rápida germinação e emergência.

Caso essas condições não sejam atingidas, o produtor deve tratar a semente com fungicidas, dando preferência às misturas Carboxin + Thiram, Difenoconazole + Thiram, Carbendazin + Captan, Thiabendazole + Tolyfluanid ou Carbendazin + Thiram, que demonstraram ser os menos tóxicos para o *Bradyrhizobium*.

### 7.4 Aplicação de micronutrientes nas sementes

O Co e o Mo são indispensáveis para a eficiência da FBN, para a maioria dos solos onde a soja vem sendo cultivada. As indicações técnicas atuais desses nutrientes são para aplicação de 2 a 3 g de Co e 12 a 30 g de Mo/ha via semente ou em pulverização foliar, nos estádios de desenvolvimento V3-V5.

### **7.4.1 Sementes enriquecidas em Mo**

Utilização - Embora não dispense a aplicação do Co e Mo, nas sementes ou via pulverização foliar antes da floração, a utilização de sementes enriquecidas em Mo aumenta a eficiência de fixação biológica de nitrogênio, aumentando os rendimentos da soja.

Como enriquecer as sementes com Mo - Fazer duas aplicações de 400 g de Mo, utilizando-se uma fonte solúvel em água, entre os estádios R3 e R5-4, com intervalo de no mínimo 10 dias. Essa prática deve ser executada exclusivamente pelos produtores de semente. Sementes enriquecidas com Mo não devem ser utilizadas na alimentação animal.

## **7.5 Aplicação de fungicidas e micronutrientes nas sementes, junto com o inoculante**

A aplicação dos micronutrientes juntamente com os fungicidas, antes da inoculação, reduz o número de nódulos e a eficiência da FBN. Assim, quando se utilizar fungicidas no tratamento de sementes, como alternativa, pode-se aplicar o Co e o Mo (2 a 3g/ha e 12 a 30g/ha, respectivamente) por pulverização foliar entre os estádios V3 - V5 (Campo e Hungria, 2000; Campo et al., 2000 e 2001).

## **7.6 Inoculação em áreas com cultivo anterior de soja**

Os ganhos com a inoculação, em áreas já cultivadas anteriormente com soja, são menos expressivos do que os obtidos em solos de primeiro ano. Todavia, têm sido observados ganhos médios de 4,5% no rendimento de grãos com a inoculação em áreas já cultivadas com essa leguminosa. Por isso, recomenda-se reinocular a cada ano.

## 7.7 Inoculação em áreas de primeiro cultivo com soja

Como a soja não é uma cultura nativa do Brasil e a bactéria que fixa o nitrogênio atmosférico (bradirizóbio) não existe naturalmente nos solos brasileiros, é indispensável que se faça a inoculação da soja nessas condições, para garantia de obtenção de alta produtividade. A dose de inoculante deve ser a indicada e não deixar de observar os cuidados em relação à aplicação de fungicidas e micronutrientes nas sementes. Quanto maior o número de células viáveis nas sementes, melhores serão a nodulação e o rendimento de grãos.

## 7.8 Nitrogênio mineral

Resultados obtidos em todas as regiões onde a soja é cultivada mostram que a aplicação de fertilizante nitrogenado na semeadura ou em cobertura em qualquer estágio de desenvolvimento da planta, em sistemas de semeadura direta ou convencional, além de reduzir a nodulação e a eficiência da FBN, não traz nenhum incremento de produtividade para a soja. No entanto, se as fórmulas de adubo que contêm nitrogênio forem mais econômicas do que as fórmulas sem nitrogênio, elas poderão ser utilizadas, desde que não sejam aplicados mais do que 20 kg de N/ha.

## 8.1 Umidade e temperatura do solo

A semente de soja, para a germinação e a emergência da plântula, requer absorção de água de, pelo menos, 50% do seu peso seco. Para que isso ocorra, devem haver adequadas umidade e aeração do solo e a semeadura deve propiciar o melhor contato possível entre solo e semente. Semeadura em solo com insuficiência hídrica, ou “no pó”, prejudica o processo de germinação, podendo torná-lo mais lento, expondo as sementes às pragas e aos microorganismos do solo, reduzindo a chance de obtenção da população de plantas desejada. Em caso de semeadura nessas condições, o tratamento de sementes com fungicidas pode prolongar a capacidade de germinação das mesmas, até que ocorra condição favorável de umidade no solo.

A temperatura média do solo, adequada para semeadura da soja, vai de 20°C a 30°C, sendo 25°C a ideal para uma emergência rápida e uniforme. Semeadura em solo com temperatura média inferior a 18°C pode resultar em drástica redução nos índices de germinação e de emergência, além de tornar mais lento esse processo. Isso pode ocorrer em semeaduras anteriores à época indicada em cada região. Temperaturas acima de 40°C podem ser prejudiciais.

## 8.2 Cuidados na semeadura

**Mecanismos da semeadora.** A qualidade da semeadura é função, entre outros fatores, do tipo de máquina semeadora, especialmente o tipo de dosador de semente, do controlador de profundidade e do compactador de sulco.

**Tipo de dosador de semente.** Entre os tipos existentes, destacam-se os de disco horizontal e os pneumáticos. Os pneumáticos apresentam maior precisão, ausência de danos à semente e são mais caros. No caso do disco horizontal, de uso mais comum, indica-se os com linhas duplas de furos (alvéolos), por garantir melhor distribuição das sementes ao longo do sulco. Para maior precisão, primar pela utilização de discos com furos adequados ao tamanho das sementes.

**Limitador de profundidade.** O sistema com roda flutuante acompanha melhor o relevo do solo, mantendo sempre a mesma profundidade de semeadura.

**Compactador de sulco.** O tipo em “V” aperta o solo contra a semente, eliminando as bolsas de ar sem compactar a superfície do solo sobre a linha de corte do sulco, como ocorre com o tipo de roda única traseira.

**Velocidade de operação da semeadora.** A velocidade de deslocamento da semeadora influi na uniformidade de distribuição e nos danos provocados às sementes, especialmente nos dosadores mecânicos (não pneumáticos). A velocidade ideal de deslocamento está entre 4 km/h e 6 km/h. Nesse intervalo, a variação de velocidade depende, principalmente, da uniformidade da superfície do terreno.

**Profundidade.** Efetuar a semeadura a uma profundidade de 3 a 5 cm. Semeaduras em profundidades maiores dificultam a emergência, principalmente em solos arenosos, sujeitos a assoreamento, ou onde ocorre compactação superficial do solo.

**Posição semente/adubo.** O adubo deve ser distribuído ao lado e abaixo da semente, pois o contato direto prejudica a absorção da água pela semente, podendo até matar a plântula em crescimento, principalmente em caso de dose alta de cloreto de potássio no sulco (acima de 80 kg de KCl/ha).

**Compatibilidade dos produtos químicos.** Os produtos químicos como fungicidas e herbicidas, nas doses recomendadas, normalmente, não afetam a germinação da semente de soja. Porém, em doses excessivas, prejudicam tanto a germinação quanto o desenvolvimento inicial da plântula.

### **8.3 Época de semeadura**

A época de semeadura é um dos fatores que mais influenciam o rendimento da soja. Como essa é uma espécie termo e fotossensível, está sujeita a alterações fisiológicas e morfológicas, quando as suas exigências, nesse sentido, não são satisfeitas. A época de semeadura determina a exposição da soja à variação dos fatores climáticos limitantes. Assim, semeaduras em épocas inadequadas podem afetar o porte, o ciclo e o rendimento das plantas e aumentar as perdas na colheita. Essas características das plantas estão, também, relacionadas com a população de plantas, com a cultivar utilizada e com a fertilidade do solo.

No Estado do Paraná, a época de semeadura indicada, para a maioria das cultivares, estende-se de 15/10 a 15/12. Os melhores resultados, para rendimento e altura de plantas, na maioria dos anos e para a maioria das cultivares, são obtidos nas semeaduras realizadas de final de outubro a final de novembro. De modo geral, as semeaduras da segunda quinzena de outubro apresentam menor porte e maior rendimento do que as da primeira quinzena de dezembro. No entanto, em algumas áreas, é possível a obtenção de plantas de porte adequado e alto rendimento em semeaduras na primeira quinzena de outubro, como descrito na seqüência.

As cultivares de soja são diferentes quanto à sensibilidade à época de semeadura. Em função disso, algumas apresentam restrições para semeadura em outubro, principalmente em regiões onde se associam altas temperaturas, baixa fertilidade do solo e inverno seco. Nessas condições, semeadura de cultivares precoces em outubro pode resultar em plantas baixas e não fechar bem as entre linhas, havendo maior competição das plantas daninhas, inclusive no final do ciclo, dificultando a colheita. Isto será mais acentuado nos anos em que ocorrer veranico de final de novembro-início de dezembro, fenômeno comum no norte do Estado do Paraná, em aproximadamente 50% dos anos. Quando esse fato ocorre, tanto a falta de umidade, como a elevação da temperatura, exercem efeito na redução do porte das plantas, esta última por antecipar o florescimento.

Assim, nos casos em que se planeja semear mais cedo uma cultivar precoce, para fazer safrinha de milho após a soja, evitar fazê-lo antes de 20 de outubro, especialmente no norte do Estado e nos vales quentes dos rios

Paranapanema, Ivaí e Piquiri. Quem insistir em fazê-lo, deixar pelo menos metade da área para semear em novembro. Antecipação de 5 a 10 dias na semeadura, em relação à época indicada, pode, muitas vezes, resultar em redução de até 20 sacos/alq. Deve-se deixar as semeadoras reguladas com antecedência, para aproveitar bem cada boa chuva que cair no período indicado, evitando deixar áreas para semear em dezembro. Nos anos de ocorrência dos citados veranicos, é comum não haver condição favorável de umidade durante os primeiros 10 a 20 dias de dezembro.

Nas regiões mais quentes e de inverno mais seco do Estado, principalmente a região Norte, evitar semear antes de 25 de outubro as cultivares BR 30, BR 36, BR 37, BRS 132, BRS 134, IAS 5, Embrapa 1, Embrapa 48, CD 201, CD 202, CD 203, CD 205, CD 206, OCEPAR 13, FT Abyara e MSOY 7501, principalmente em áreas de fertilidade média a baixa, sob pena de ter a lavoura com plantas de porte baixo e menor rendimento. Se houver necessidade de semear essas cultivares mais cedo, nessas condições, dar preferência para as áreas mais férteis e mais úmidas (baixadas, margens de rios) da propriedade, no sentido de amenizar o problema.

## **8.4 Semeadura em épocas não convencionais**

Algumas cultivares são menos sensíveis à época de semeadura e, por esta razão, podem ser semeadas fora da época tradicionalmente recomendada, permitindo ampliar o período de instalação das lavouras de soja. Deve-se ressaltar, no entanto, que esta prática requer atenção criteriosa quanto às condições ambientais (clima e solo), em relação às exigências de cada cultivar. Para tanto, é importante ter em conta as informações fornecidas a seguir.

### **8.4.1 Semeadura antecipada**

Considera-se como antecipada a semeadura realizada antes de 15 de outubro. Lavouras semeadas antes dessa data, tendem a apresentar um período mais longo entre a semeadura e a emergência das plântulas (devido

às baixas temperatura noturnas) e plantas de porte mais baixo, proporcionando elevadas perdas na colheita. Pode ser praticada em regiões mais quentes do Estado, onde ocorre inverno úmido, solos de alta fertilidade e temperaturas favoráveis à emergência das plantas desde o início de outubro. Estas condições são mais comuns na Região Oeste, nas áreas de menor altitude, mais próximas do Rio Paraná, localizadas entre os rios Piquiri e Iguaçu. Para essa condição, indica-se a utilização de cultivares que apresentem menos restrição quanto à altura das plantas: Embrapa 58, BRS 133, BRS 215, CD 207, CD 208, CD 209, CD 210 e MSOY 6101.

Para maior segurança, recomenda-se não deixar de tratar as sementes com fungicidas em semeadura antecipada. Temperaturas abaixo do ideal podem ocorrer nessa época, podendo alongar o período semeadura-emergência, predispondo as sementes a microorganismos patogênicos.

#### **8.4.2 Semeadura após a época convencional**

Em alguns anos, por razões normalmente de ordem climática, muitos produtores necessitam semear após 15/12. Não existem muitas informações sobre cultivares mais indicadas para estas situações. Isto, porque a seleção de cultivares em semeadura tardia é dificultada por ataque de percevejos. No entanto, a lógica e a experiência permitem algumas indicações:

- Cultivares de ciclo médio e semitardios têm maior potencial de rendimento em semeaduras tardias de dezembro, porém, apresentam maior risco de danos por percevejos.
- Cultivares precoces de porte alto são também boas alternativas. Embora de menor potencial de rendimento nessa época, têm chance de escapar de ataques severos de percevejos;
- As semeaduras de dezembro podem apresentar quebra de rendimento entre 10 e 40% em relação a melhor época (início de novembro), independentemente do ataque de pragas.

O cultivo da soja em “safrinha” não é indicado por duas razões básicas: é uma atividade de risco e favorece a proliferação de pragas e doenças da

soja na região onde é praticada. Na atualidade, um forte temor é a multiplicação do fungo *Phakopsora pachyrhizi*, causador da ferrugem da soja, que pode, nessas condições, iniciar os danos mais cedo na soja da época normal, pela maior disponibilidade de inóculo nessas áreas.

## 8.5 Diversificação de cultivares

As flutuações anuais do rendimento, para uma mesma época, são, principalmente, determinadas por variações climáticas anuais. Uma prática eficiente para evitar tais flutuações é o emprego de duas ou mais cultivares, de diferentes ciclos, numa mesma propriedade, procedimento especialmente indicado para médias e grandes áreas. Desse modo, obtém-se uma ampliação dos períodos críticos da cultura (floração, formação de grãos e maturação), havendo menor prejuízo se ocorrerem, entre outros fatores, deficiência ou excesso hídrico, os quais atingirão apenas uma parte da lavoura.

## 8.6 População e densidade de semeadura

Em função de avanços nos sistemas de semeadura (maior precisão das semeadoras), de novas cultivares, de melhoria da capacidade produtiva dos solos, de adoção de práticas conservacionistas, de cobertura vegetal do solo e da semeadura direta, entre outros fatores, a população padrão de plantas de soja foi reduzida gradativamente, nos últimos anos, de 400 mil para, aproximadamente, 320 mil plantas por hectare. Esse número pode, ainda, variar em função da cultivar e/ou da capacidade produtiva do solo, do volume e distribuição de chuvas no período de implantação e de crescimento das plantas e da data de semeadura.

Em áreas mais úmidas e de solos de alta fertilidade (natural ou construída), onde, com frequência, ocorre acamamento das plantas, a população de plantas pode ser reduzida em até mais 20% a 30% (ficando em torno de 260 a 220 mil plantas), quando em semeadura de novembro, para evitar acamamento e, conseqüentemente, possibilitar maior rendimento.

Em semeaduras de outubro e de dezembro, é recomendável, na maioria das situações (especialmente nas regiões norte e noroeste do estado), não reduzir a população para menos de 300 mil plantas, para evitar o desenvolvimento de lavouras com plantas de porte baixo. Em regiões ou áreas onde, normalmente, as plantas apresentam porte muito baixo em semeaduras realizadas nessas épocas, é aconselhável até aumentar para 350-400 mil plantas/ha.

De modo geral, cultivares de porte alto e de ciclo longo requerem populações mais baixas. O inverso também é verdadeiro.

A distribuição das plantas no campo é feita pela variação do espaçamento e da densidade na linha e vários fatores são visivelmente afetados pelo modo com que as plantas estão dispostas na lavoura. Com espaçamento mais reduzido há um melhor controle de plantas daninhas, uma vez que a cultura atinge mais rapidamente o ponto de fechamento do dossel vegetativo, abafando o crescimento das plantas daninhas. A altura de planta e de inserção das primeiras vagens são também afetadas pela distribuição das plantas no campo. Em condições de boa umidade, há aumento da altura de plantas e da inserção das primeiras vagens em espaçamentos menores e/ou densidades maiores.

Para o Estado do Paraná, os espaçamentos que melhor se adaptam estão entre 40 cm e 50 cm. Espaçamentos mais estreitos que 40 cm resultam em fechamento mais rápido da cultura, contribuindo para o controle das plantas daninhas, mas não permitem a realização de operações de cultivo entre as fileiras.

Na Tabela 8.1 é apresentada a correspondência entre população de plantas por ha, espaçamento entre fileiras e número de plantas por metro.

As cultivares recomendadas para o Estado do Paraná têm o tamanho das sementes variando de, aproximadamente, 14g a 20g por 100 sementes. Assim, considerando-se o uso de aproximadamente 25% mais sementes do que o número de plantas desejado, deve-se estimar o seguinte volume de sementes:

a) Para obtenção de 320.000 plantas/ha:

- semente grande(20 g/100 sementes): 80 kg/ha ou 3,9 sacos de 50 kg/alqueire.

**Tabela 8.1.** População de plantas/ha, de acordo com o espaçamento entre as fileiras e o número de plantas por metro.

Espaçamento (cm)	Plantas/metro				
	10	12	14	16	18
40	250.000	300.000	350.000	400.000	450.000
45	222.222	266.666	311.111	355.555	400.000
50	200.000	240.000	280.000	320.000	360.000

- semente pequena (14 g/100 sementes): 56 kg/ha ou 2,7 sacos de 50 kg/alqueire.

b) Para obtenção de 260.000 plantas/ha (320.000 menos 20%):

- semente grande (20 g/100 sementes): 65 kg/ha ou 3,2 sacos de 50 kg/alqueire.

- semente pequena (14 g/100 sementes): 45,5 kg/ha ou 2,2 sacos de 50 kg/alqueire.

Isso mostra uma possibilidade de economia de sementes com o uso de cultivares de sementes miúdas (no exemplo foram usados os casos extremos). Sempre que possível, deve-se ter informações do percentual de germinação e emergência em solo, para, então, regular a semeadora.

O tamanho de semente (peso de 100 sementes) deve ser determinado para cada lote, pois varia com a cultivar e com o ambiente onde a semente é produzida. Para tanto, tomar, ao acaso, três a quatro amostras de 100 sementes por lote e determinar o peso médio de cada uma, com precisão de uma casa decimal.

Uma prática importante, para a garantia da germinação das sementes e do estande de plantas desejado, é o tratamento de sementes com fungicidas recomendados para tal, principalmente em caso de sementes de baixa qualidade, nos casos de semeadura em outubro (temperatura do solo mais baixa) e na dúvida quanto à umidade do solo.

## 8.7 Cálculo da quantidade de sementes e regulagem da semeadora

Para calcular o número de sementes a serem semeadas, é necessário que se conheça o poder germinativo do lote de sementes. Essa informação é, geralmente, fornecida pela empresa onde as sementes são adquiridas, porém esse valor (% germinação) superestima o valor de emergência das sementes no campo. Por isso, recomenda-se fazer um teste de emergência em campo. A partir de uma amostra bem representativa, separam-se quatro subamostras de 100 sementes cada que deverão ser semeadas a uma profundidade de 3 a 5 cm, em solo preparado, em quatro fileiras de 4 m cada. A umidade no solo deve ser mantida em nível adequado para a emergência, durante a execução da avaliação. Fazer contagem em cada uma das quatro fileiras, quando as plantas estiverem com o primeiro par de folhas completamente aberto (aproximadamente 10 dias após a semeadura), considerando apenas as vigorosas. O percentual de emergência em campo será a média aritmética do número de plantas emergidas nas quatro repetições de 100 sementes.

O número de plantas/metro linear a ser obtido na lavoura é estimado, levando em conta a população de plantas/ha desejada e o espaçamento adotado, usando a seguinte fórmula.

$$\text{nº de pl/m} = \frac{[\text{pop/ha} \times \text{espaçamento (m)}]}{10.000}$$

De posse desses valores, calcula-se o número de sementes por metro de sulco:

$$\text{nº de sementes/m} = \frac{(\text{nº de plantas desejado/m} \times 100)}{\% \text{ de emergência em campo}}$$

Para se estimar a quantidade de semente que será gasta por ha, pode-se usar a seguinte fórmula:

$$Q = \frac{(1000 \times P \times D) \times 1,1}{G \times E}$$

onde: Q = Quantidade de sementes, em kg/ha;  
P = Peso de 100 sementes, em gramas;

D = N° de plantas que se deseja/m;

E = Espaçamento utilizado em cm; e

G = % de emergência em campo.

Calculada a quantidade de sementes por metro que deverá ser distribuída pela semeadora, acrescentar, no mínimo, 10% como fator de segurança. Exemplo: se a emergência for 80% e o número de plantas desejado/metro é 14, a regulagem deverá ser 17,5 sementes/m mais 10%, ou seja, 19 sementes por metro.

A semeadora a ser utilizada deverá ser previamente regulada para distribuir o número desejado de sementes. Para maior precisão na regulagem da semeadora, utilizar, caso disponível, sementes previamente classificadas por tamanho, bem como de discos específicos, conforme recomendados pela empresa produtora da semente ou pelo fabricante da semeadora.

O sucesso da lavoura inicia-se pela semeadura bem feita. O bom resultado da semeadura, por sua vez, não depende apenas da semente mas, também, da maneira como foi executada e dos fatores climáticos ocorridos após a operação.

O controle de plantas daninhas é uma prática de elevada importância para a obtenção de altos rendimentos em qualquer exploração agrícola e tão antiga quanto a própria agricultura.

As plantas daninhas constituem grande problema para a cultura da soja e a necessidade de controlá-las, um imperativo. Conforme a espécie, a densidade e a distribuição da invasora na lavoura, as perdas são significativas. A invasora prejudica a cultura, porque com ela compete pela luz solar, pela água e pelos nutrientes, podendo, a depender do nível de infestação e da espécie, dificultar a operação de colheita e comprometer a qualidade do grão.

Os métodos normalmente utilizados para controlar as invasoras são o mecânico, o químico e o cultural. Quando possível, é aconselhável utilizar a combinação de dois ou mais métodos.

O controle cultural consiste na utilização de técnicas de manejo da cultura (época de semeadura, espaçamento, densidade, adubação, cultivar, etc.) que propiciem o desenvolvimento da soja, em detrimento ao da planta daninha.

O método mais utilizado para controlar as invasoras é o químico, isto é, o uso de herbicidas. Suas vantagens são a economia de mão de obra e a rapidez na aplicação. Para que a aplicação dos herbicidas seja segura, eficiente e econômica, exigem-se técnicas refinadas. O reconhecimento prévio das invasoras predominantes é condição básica para a escolha adequada do produto (Tabela 9.1), que resultará no controle mais eficiente das invasoras.

A eficiência dos herbicidas aumenta quando aplicados em condições favoráveis. É fundamental que se conheçam as especificações do produto antes de sua utilização e que se regule corretamente o equipamento de pulverização, quando for o caso, para evitar riscos de toxicidade ao homem e à cultura.

Os herbicidas são classificados quanto a época de aplicação, em pré-plantio, pré-emergentes e pós-emergentes, e na Tabela 9.2 encontram-se os produtos indicados pela pesquisa.

**Tabela 9.1.** Comportamento<sup>1</sup> de plantas daninhas em soja, em função da aplicação de herbicidas de PPI, pré e pós-emergência, no Estado do Paraná. Comissão de Plantas Daninhas da Região Central do Brasil. Embrapa Soja. Londrina, PR. 2003.

	Acifluorfen sódico	Alachlor	Bentazon	Bentazon+Acifluorfen (Volt)	Chlorimuron-ethyl	Clethodim	Clomazone	Cloransulam-methyl	Cyanazine	Diclosulam
<i>Acanthospermum australe</i> (Carrapicho-rasteiro)	T	T	M <sup>2</sup>	-	-	T	-	-	-	-
<i>Acanthospermum hispidum</i> (Carrapicho-de-carneiro)	S	T	S	-	S	T	-	S	S	-
<i>Amaranthus hybridus</i> (Caruru)	S	S	S	-	S	T	T	-	S	-
<i>Amaranthus viridis</i> (Caruru-de-mancha)	S	S	M	-	-	T	T	-	S	-
<i>Bidens pilosa</i> (Picão-preto)	M	M	S	M	S	T	S	S	S	S
<i>Brachiaria plantaginea</i> (Capim-marmelada)	T	M	T	-	-	S	S	-	T	-
<i>Cenchrus echinatus</i> (Capim-carrapicho)	T	T	T	-	-	S	S	-	T	-
<i>Commelina benghalensis</i> (Traçoeraba)	M	S	S	-	S	T	S	M	T	-
<i>Cyperus rotundus</i> (Tiririca)	T	T	T	-	-	T	-	-	T	-
<i>Desmodium tortuosum</i> (Carrapicho beijo-de-boi)	-	-	-	-	S	-	-	M	-	S
<i>Digitaria horizontalis</i> (Capim-colchão)	T	S	T	-	-	S	S	-	T	-
<i>Echinochloa crusgalli</i> (Capim-arroz)	T	S	T	-	-	-	-	-	T	-
<i>Eleusine indica</i> (Capim pé-de-galinha)	T	-	T	-	-	S	-	-	T	-
<i>Emilia sonchifolia</i> (Falsa-serralha)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
<i>Euphorbia heterophylla</i> (Amendoim-bravo)	M	T	T	S	-	T	T	M	T	S
<i>Galinsoga parviflora</i> (Picão-branco)	S	S	T	-	-	T	-	-	S	-
<i>Ipomoea grandifolia</i> (Corda-de-viola)	M	T	M	-	S	T	T	S	M	S
<i>Parthenium hysterophorus</i> (Losna branca)	-	-	-	S	-	-	-	S	-	-
<i>Portulaca oleracea</i> (Beldroega)	S	S	S	-	-	T	-	-	S	-
<i>Raphanus raphanistrum</i> (Nabiça)	S	T	S	S	S	T	-	S	M	S
<i>Richardia brasiliensis</i> (Poaia-branca)	M	T	T	M	-	T	T	T	-	-
<i>Senna obtusifolia</i> (Fedegoso)	T	T	T	-	-	T	-	T	T	-
<i>Sida rhombifolia</i> (Guanxuma)	T	M	S	S	-	T	S	-	M	S
<i>Solanum americanum</i> (Maria-pretinha)	S	T	T	-	-	T	-	-	-	-
<i>Sorghum halepense</i> (Capim-massambará)	T	T	T	-	-	S	-	-	T	-
<i>Spermacoce latifolia</i> (Erva-quente)	-	-	-	M	-	-	-	-	-	-
<i>Tagetes minuta</i> (Cravo de defunto)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Vigna unguiculata</i> (Feijão-miúdo)	-	-	-	-	S	-	-	-	-	-
<i>Zea mays</i> (Milho voluntário)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

Continua...

... Continuação Tabela 9.1

	Fenoxaprop-p-ethyl	Fluazifop-p-butyl <sup>7</sup>	Fluazifop-p-butyl+Fomesafen <sup>8</sup>	Fluazifop+Fomesafen <sup>9</sup>	Flumetsulan	Flumiclorac pentil	Flumioxazin	Fomesafen	Imazaquin	Imazethapyr	Lactofen	S-metolachlor
<i>Acanthospermum australe</i> (Carrapicho-rasteiro)	-	T	-	-	-	-	-	S	M	-	-	-
<i>Acanthospermum hispidum</i> (Carrapicho-de-carneiro)	-	T	-	-	S	-	-	S	S	S	S	-
<i>Amaranthus hybridus</i> (Caruru)	-	T	-	-	-	-	-	S	S	S	S	-
<i>Amaranthus viridis</i> (Caruru-de-mancha)	-	T	-	-	-	-	-	S	S	-	S	-
<i>Bidens pilosa</i> (Picão-preto)	-	T	S	-	S	S	-	S	S	S	S	-
<i>Brachiaria plantaginea</i> (Capim-marmelada)	S	S	S	-	-	-	-	T	-	M <sup>0</sup>	T	-
<i>Cenchrus echinatus</i> (Capim-carrapicho)	S	S	-	-	-	-	-	T	-	-	T	-
<i>Commelina benghalensis</i> (Trapoeraba)	-	T	-	-	-	S	-	-	S	S	S	-
<i>Cyperus rotundus</i> (Tiririca)	-	T	-	-	-	-	-	T	-	-	T	-
<i>Desmodium tortuosum</i> (Carrapicho beijo-de-boi)	-	-	-	-	-	-	S	-	-	-	-	-
<i>Digitaria horizontalis</i> (Capim-colchão)	S	S	-	S	-	-	-	T	-	M	T	S
<i>Echinochloa crusgalli</i> (Capim-arroz)	-	S	-	-	-	-	-	T	-	-	T	-
<i>Eleusine indica</i> (Capim pé-de-galinha)	-	S	-	-	-	-	-	T	-	T	T	-
<i>Emilia sonchifolia</i> (Falsa-serralha)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Euphorbia heterophylla</i> (Amendoim-bravo)	-	T	M	S	S <sup>5</sup>	S	-	M	S <sup>3</sup>	S	M	-
<i>Galinsoga parviflora</i> (Picão-branco)	-	T	-	-	-	-	-	S	-	M	S	-
<i>Ipomoea grandifolia</i> (Corda-de-viola)	-	T	-	-	-	-	-	M	S	S	-	-
<i>Parthenium hysterophorus</i> (Losna branca)	-	-	-	-	-	-	-	-	S	-	-	-
<i>Portulaca oleracea</i> (Beldroega)	-	T	-	-	-	-	-	S	S <sup>3</sup>	-	S	-
<i>Raphanus raphanistrum</i> (Nabiça)	-	T	-	-	S	-	-	S	S	S	S	-
<i>Richardia brasiliensis</i> (Poaia-branca)	-	T	-	-	-	-	S	-	S	M	-	-
<i>Senna obtusifolia</i> (Fedegoso)	-	T	-	-	-	-	-	M	-	T	M	-
<i>Sida rhombifolia</i> (Guanxuma)	-	T	-	-	-	S	S	T	S	S	M	-
<i>Solanum americanum</i> (Maria-pretinha)	-	T	-	-	-	-	-	S	-	-	S	-
<i>Sorghum halepense</i> (Capim-massarabá)	-	S <sup>4</sup>	-	-	-	-	-	T	-	-	T	-
<i>Spermacoce latifolia</i> (Erva-quente)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tagetes minuta</i> (Cravo de defunto)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Vigna unguiculata</i> (Feijão-miúdo)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Zea mays</i> (Milho voluntário)	-	-	-	S	-	-	-	-	-	-	-	-

Continua...

... Continuação Tabela 9.1

	Metribuzin	Oxasulfuron	Pendimethalin	Pendimethalin+Imazaquin	Propaquizafop	Quizalofop-p-ethyl	Sethoxydim	Sulfentrazone	Tepraloxymidim	Trifluralin
<i>Acanthospermum australe</i> (Carrapicho-rasteiro)	M	-	T	-	-	-	T	-	-	T
<i>Acanthospermum hispidum</i> (Carrapicho-de-carneiro)	T	S	T	-	-	-	T	S	-	T
<i>Amaranthus hybridus</i> (Caruru)	S	S	S	-	-	-	T	S	-	S
<i>Amaranthus viridis</i> (Caruru-de-mancha)	S	-	S	-	-	-	T	-	-	S
<i>Bidens pilosa</i> (Picão-preto)	S	S	T	S	-	-	T	M	-	T
<i>Brachiaria plantaginea</i> (Capim-marmelada)	T	-	S	S	S <sup>6</sup>	S	S	S	S	S
<i>Cenchrus echinatus</i> (Capim-carrapicho)	T	-	M	-	S	S	S	-	S	S
<i>Commelina benghalensis</i> (Traçoeraba)	T	-	T	-	-	-	T	S	-	T
<i>Cyperus rotundus</i> (Tiririca)	T	-	T	-	-	-	T	-	-	T
<i>Desmodium tortuosum</i> (Carrapicho beijo-de-boi)	-	S	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Digitaria horizontalis</i> (Capim-colchão)	T	-	S	-	S	S	S	-	S	S
<i>Echinochloa crusgalli</i> (Capim-arroz)	T	-	S	-	-	-	S	-	-	S
<i>Eleusine indica</i> (Capim pé-de-galinha)	T	-	S	-	S	-	S	-	-	M
<i>Emilia sonchifolia</i> (Falsa-serralha)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Euphorbia heterophylla</i> (Amendoim-bravo)	T	-	T	-	-	-	T	S	-	T
<i>Galinsoga parviflora</i> (Picão-branco)	S	-	T	-	-	-	T	-	-	T
<i>Ipomoea grandifolia</i> (Corda-de-viola)	M	-	T	-	-	-	T	S	-	T
<i>Parthenium hysterophorus</i> (Losna branca)	-	-	-	-	-	-	-	S	-	-
<i>Portulaca oleracea</i> (Beldroega)	S	-	S	-	-	-	T	-	-	M
<i>Raphanus raphanistrum</i> (Nabiça)	S	S	M	-	-	-	T	-	-	T
<i>Richardia brasiliensis</i> (Poaia-branca)	T	-	T	-	-	-	T	-	-	T
<i>Senna obtusifolia</i> (Fedegoso)	T	-	T	-	-	-	T	-	-	T
<i>Sida rhombifolia</i> (Guanxuma)	S	-	T	-	-	-	T	S	-	T
<i>Solanum americanum</i> (Maria-pretinha)	T	-	T	-	-	-	T	-	-	T
<i>Sorghum halepense</i> (Capim-massambará)	T	-	S <sup>4</sup>	-	-	-	-	-	-	S <sup>4</sup>
<i>Spermacoce latifolia</i> (Erva-quente)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Tagetes minuta</i> (Cravo de defunto)	-	S	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Vigna unguiculata</i> (Feijão-miúdo)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<i>Zea mays</i> (Milho voluntário)	-	-	-	-	-	-	-	-	S	-

Continua...

...Continuação Tabela 9.1

---

- <sup>1</sup> S = Suscetível (controle de 81 a 100%); M = Medianamente suscetível (controle de 60 a 80%); T = Tolerante (controle inferior a 60%); – = Sem informação.
- <sup>2</sup> Juntar adjuvante indicado de acordo com seu registro.
- <sup>3</sup> Em alta infestação, aplicar em PPI.
- <sup>4</sup> Controla apenas plantas provenientes de sementes.
- <sup>5</sup> Não utilizar em áreas de alta infestação.
- <sup>6</sup> Em alta infestação de capim marmelada este produto deverá ser utilizado em aplicação seqüencial nas doses de 0,7 L/ha, com as gramíneas com até dois perfilhos e a segunda aplicação de 0,55 L/ha, cerca de 10 a 15 dias após a primeira aplicação.
- <sup>7</sup> Marca comercial Fusilade 125 CE.
- <sup>8</sup> Marca comercial Flusiflex (125 + 125 g i.a./L, de Fluazifop + Fomesafen, respectivamente).
- <sup>9</sup> Marca comercial Robust (250 + 200 g.i.a./L, de Fluazifop + Fomesafen, respectivamente).
- <sup>10</sup> Aplicar com 1 a 4 folhas, antes do perfilhamento (Pós/inicial).

**Obs.:** Esta tabela é baseada em publicações anteriores da Série Documentos da Embrapa Soja e atualizada pelos experimentos das instituições que compõem o Sistema de Pesquisa Agropecuária Brasileira e pelas informações pessoais de pesquisadores.

**Tabela 9.2.** Alternativas para o controle químico\* de plantas daninhas na cultura da soja. Comissão de Plantas Daninhas da Região Central do Brasil, 2003.

Nome comum	Nome comercial <sup>1</sup>	Concentração (g/L ou g/kg)	Dose <sup>2</sup>		Aplicação <sup>3</sup>	Classe toxicológica <sup>4</sup>	Observações
			i.a. <sup>3</sup> kg/ha	Comercial kg ou L/ha			
Acifluorfen-sódio <sup>5</sup>	Blazer Sol Tackle 170	170	0,17 a 0,255	1,0 a 1,5	PÓS	I	Para pressão superior a 60 lb/po <sup>2</sup> , utilizar bico cônico. Não aplicar com baixa umidade relativa do ar.
		170	0,17 a 0,255	1,0 a 1,5	PÓS		
Alachlor	Laço	480	2,4 a 3,36	5,0 a 7,0	PRÉ	I	Pouco eficaz em condições de alta infestação de capim marmelada. Aplicar em solo úmido bem preparado. No sistema convencional, se não chover, incorporar superficialmente
Bentazon	Basagran 600	600	0,72	1,2	PÓS	II	Aplicar com plantas daninhas no estágio 2-6 folhas conforme a espécie. Para carrapicho ras-teiro, utilizar 2,0 L/ha com óleo mineral emulsionável. Intervalo de segurança - 90 dias.
Bentazon + Acifluorfen-sódio	Volt	400 + 170	480 + 204	1,2	PÓS	I	
Chlorimuron-ethyl <sup>5</sup>	Classic	250	0,015 a 0,02	0,06 a 0,08	PÓS	III	Aplicar com a soja no estágio de 3 <sup>a</sup> folha trifoliolada e as plantas daninhas com 2 a 4 folhas, conforme a espécie. Pode-se utilizar aplicações terrestres, com volume de aplicação de até 100 L/ha de calda, utilizando-se bicos e tecnologia específicos.
Clethodim <sup>5</sup>	Select 240	240	0,084 a 0,108	0,35 a 0,45	PÓS	III	Aplicar com as gramíneas no estágio de 2 a 4 perfilhos ou 21 a 40 dias após a semeadura, utilizar adjuvante Lanzar 0,5% v/v (aplicações terrestres) e 1% v/v (aplicações aéreas).
Clomazone	Gamit	500	0,8 a 1,0	1,6 a 2,0	PRÉ	II	Observar intervalo mínimo de 150 dias entre a aplicação do produto e a semeadura da cultura de inverno. Cruzamento de barra pode provocar fitotoxicidade. Para as espécies <i>Brachiaria</i> spp. e <i>Sida</i> spp., utilizar a dose mais elevada.
Cloransulam-methyl	Pacto	840	0,04	0,047	PÓS	III	Utilizar Agral 0,2% v/v.
Cyanazine	Bladex 500	500	1,25 a 1,5	2,5 a 3,0	PRÉ	II	Para controle de plantas daninhas de folha larga. Não utilizar em solos com menos de 40% de argila ou com matéria orgânica inferior a 2%. Pode ser utilizado em pré-emergência ou incorporado.

Continua...

Nome comum	Nome comercial <sup>1</sup>	Concentração (g/L ou g/kg)	Dose <sup>2</sup>		Aplicação <sup>3</sup>	Classe toxicológica <sup>4</sup>	Observações
			i.a. <sup>3</sup> kg/ha	Comercial kg ou L/ha			
..Continuação Tabela 9.2							
Diclosulam	Spider 840 GRDA	840	0,02 a 0,035	0,024 a 0,0420	PPI	II	Não plantar no outono (safinha) milho e sorgo não recomendados pelo fabricante; brassicas e girassol somente após 18 meses.
Dimethenamide	Zeta 900	900	1,125	1,25	PRÉ	I	Por recomendação do fabricante, utilizar somente em solos com CTC até 8 cmol <sub>d</sub> /dm <sup>3</sup> . Eficiente no controle de milheto.
Fenoxaprop-p-ethyl +Clethodim <sup>5</sup>	Podium S	50 +50	0,04 a 0,05 +0,04 a 0,05	0,8 a 1,0	PÓS	II	Para <i>Brachiaria plantaginea</i> utilizar a dose menor. Para <i>Eleusine indica</i> , utilizar a dose maior. Utilizar óleo mineral na dosagem de 1,0 L/ha.
Fenoxaprop-p-ethyl	Podium	110	0,069 a 0,096	0,625 a 0,875	PÓS	III	Aplicar com gramíneas no estádio de 2 a 4 perfilhos, conforme a espécie.
Fluazifop-p-butyl <sup>5</sup>	Fusilade 125	125	0,188	1,5	PÓS	II	Aplicar com as gramíneas no estádio de 2 a 4 perfilhos, conforme as espécies <i>Digitaria</i> spp. e <i>Echinochloa</i> spp. com até 2 perfilhos. Controla culturas voluntárias de aveia e milho.
Fluazifop-p-butyl + Fomesafen	Fusiflex	125 + 125	0,20 + 0,25	1,6 a 2,0	PÓS	I	Aplicar no estádio recomendado para o controle de folhas largas (2 a 4 folhas). Controla culturas voluntárias de aveia e milho. Intervalo de segurança - 95 dias. Para amendoim-bravo (2 a 4 folhas) pode ser utilizado sequencial de 0,8 + 0,8 L/ha com intervalo de 7 dias.
Fluazifop-p-butyl + Fomesafen	Robust	250 + 200	0,25 + 0,20	1,0	PÓS	III	Aplicar no estádio recomendado para o controle de folhas largas (2-4 folhas). Controla milho voluntário. Intervalo segurança 60 dias.
Flumetsulan	Scorpion	120	0,105 a 0,140	0,875 a 1,167	PRÉ	IV	Pode ser utilizado também em sistema de plantio direto.
Flumiclorac-pentyl <sup>5</sup>	Radiant 100	100	0,06	0,6	PÓS	I	Aplicar em plantas daninhas no estádio de 2 a 4 folhas com a cultura da soja a partir da segunda folha trifoliolada. Adicionar 0,2% v/v de Assist.
Flumioxazin	Flumizin 500 Sumisoya	500 500	0,045 a 0,06 0,045 a 0,06	0,09-0,12 0,09-0,12	PRÉ PRÉ	III III	Aplicar logo após a semeadura, podendo-se estender a aplicação até dois dias da semeadura. Continua...

Nome comum	Nome comercial <sup>1</sup>	Concentração (g/L ou g/kg)	Dose <sup>2</sup>		Aplicação <sup>3</sup>	Classe toxicológica <sup>4</sup>	Observações
			i.a. <sup>3</sup> kg/ha	Comercial kg ou L/ha			
...Continuação Tabela 9.2							
Flumioxazin	Flumizin 500 Sumisoya	500 500	0,025 0,025	0,05 0,05	PÓS PÓS	III III	Aplicar no estágio de 2 a 4 folhas das plantas daninhas e com a soja com 2 a 3 folhas trifolioladas. Não usar adjuvante e não misturar com gramínicidas.
Fomesafen <sup>5</sup>	Flex	250	0,250	1,0	PÓS	I	Aplicar com as plantas daninhas no estágio de 2 a 6 folhas conforme as espécies. Para corta-de-viola até 4 folhas. Para amendoim bravo (2 a 4 folhas) pode ser utilizado sequencial de 0,4 + 0,4 (baixa infestação) ou 0,5 + 0,5 com intervalo de 7 dias.
Haloxifop-R, éster metílico <sup>5</sup>	Verdict-R	120	0,048 a 0,06	0,4 a 0,5	PÓS	II	Aplicar dos 15 aos 40 dias após a semeadura de soja. Intervalo de segurança - 98 dias.
Imazaquin	Scepter ou Topgan Scepter 70 DG	150 700	0,15 0,14	1,0 0,200	PPI/PRÉ PPI/PRÉ	IV III	Até que se disponha de mais informações, o terreno tratado com imazaquin não deve ser cultivado com outras culturas que não o trigo, aveia ou cevada no inverno e a soja no verão seguinte. Plantar milho somente 300 dias após aplicação do produto.
Imazethapyr	Pivot ou Vezir	100	0,10	1,0	PÓSi	III	Aplicar em PÓS precoce até 4 folhas ou 5 a 15 dias após a semeadura da soja. Não utilizar milho de safinina em sucessão. Intervalo de segurança - 100 dias.
Lactofen	Cobra	240	0,15 a 0,18	0,625 a 0,75	PÓS	I	Não juntar adjuvante. Aplicar com as plantas daninhas no estágio de 2 a 6 folhas conforme as espécies. Intervalo de segurança - 84 dias.
S-metolachlor	Dual Gold	960	1,44 a 1,92	1,5 a 2,0	PRÉ	I	Pouco eficaz em condições de alta infestação de capim marmelada.
Metribuzin	Sencor 480	480	0,35 a 0,49	0,75 a 1,0	PPI/PRÉ	III	Não utilizar em solos arenosos com teor de matéria orgânica inferior a 2%.
Oxasulfuron	Chart	750	0,06	0,08	PÓS	II	Aplicar no estágio de 2 a 4 folhas. Adicionar Extraxon ou outro adjuvante não iônico 0,2% viv. Continua...

Nome comum	Nome comercial <sup>1</sup>	Concentração (g/L ou g/kg)	Dose <sup>2</sup>		Aplicação <sup>3</sup>	Classe toxicológica <sup>4</sup>	Observações
			i.a. <sup>3</sup> kg/ha	Comercial kg ou L/ha			
...Continuação Tabela 9.2							
Pendimethalin	Herbadox	500	0,75 a 1,5	1,5 a 3,0	PPI	II	Pouco eficaz em condições de alta infestação de capim-marmelada. No sistema convencional, deve ser incorporado ou utilizado de forma aplique-plante. Na semeadura direta, só na forma aplique-plante.
Pendimethalin + Imazaquin	Squadron	240 +30	1,2 +0,150	5,0	PPI	III	
Propaquizafop <sup>5</sup>	Shogum CE	100	0,125	1,25	PÓS	III	Em dose única, aplicar até 4 perfilhos. Controla resteva de milho, trigo, aveia, cevada e avevém. Para milho pode ser utilizado dose de 0,7 a 1,0 l/ha comercial com 4 a 8 folhas. Não aplicar em mistura com latifoliciadas.
Quizalofop-p-ethyl	Targa 50 CE	50	0,075 a 0,1	1,5 a 2,0	PÓS	I	Aplicar com as plantas daninhas no estádio de até 4 perfilhos. Não há necessidade de adição de surfactante.
Quizalofop-p-teturi	Panther	120	0,072	0,6	PÓS	I	
Sethoxydim <sup>5</sup>	Poast BASF	184	0,23	1,25	PÓS	II	Aplicar com as gramíneas no estádio de 2 a 4 perfilhos, conforme as espécies.
Sulfentrazone	Boral 500 SC	500	0,60	1,2	PRÉ	IV	Aplicar antes da emergência da cultura e das plantas daninhas, se possível, imediatamente após a semeadura.
Tepraloxdim	Aramo	200	0,075 a 0,100	0,375 a 0,5	PÓS	I	Utilizar o adjuvante Dash na dose de 0,5% v/v.
Trifluralin	Vários	445 480	0,53 a 1,07 0,72 a 0,96	1,2 a 2,4 1,5 a 2,0	PPI PPI	II	Para o controle de gramíneas, incorporar 5 a 7 cm de profundidade até 8 horas após aplicação. Não aplicar com solo úmido.
Trifluralin	Premetlin 600 CE	600	1,8 a 2,4	3,0 a 4,0	PRÉ	II	No sistema convencional, se não chover 5 a 7 dias depois da aplicação, proceder a incorporação superficial.

Continua...

...Continuação Tabela 9.2

- <sup>1</sup> A escolha do produto deve ser feita de acordo com cada situação. É importante conhecer as especificações dos produtos escolhidos.
  - <sup>2</sup> A escolha da dose depende da espécie e do tamanho das invasoras para os herbicidas de pós-emergência e da textura do solo para os de pré-emergência. Para solos arenosos e de baixo teor de matéria orgânica, utilizar doses menores. As doses maiores são utilizadas em solos pesados e com alto teor de matéria orgânica.
  - <sup>3</sup> PPI = pré-plantio incorporado; PRÉ = pré-emergência; PÓS = pós-emergência; PÓSi = pós emergência inicial; i.a. = ingrediente ativo.
  - <sup>4</sup> Classe toxicológica: I = extremamente tóxico (DL<sub>50</sub> oral = até 50); II = altamente tóxico (DL<sub>50</sub> oral = 50-500); III = medianamente tóxico (DL<sub>50</sub> oral = 500-5000); IV = pouco tóxico (DL<sub>50</sub> oral = > 5000 mg/kg).
  - <sup>5</sup> Juntar adjuvante recomendado pelo fabricante. No caso de Blazer e Tackle a 170 g/L, dispensa o uso de adjuvante, mantendo-se a dose por hectare.
- \* Antes de emitir recomendação e/ou receituário agrônomo, consultar relação de defensivos registrados no Ministério da Agricultura e cadastrados na Secretaria de Agricultura do estado (onde houver legislação pertinente).
- Obs.:** Aplicar herbicidas PRÉ logo após a última gradagem, com o solo em boas condições de umidade. Não aplicar herbicidas PÓS durante períodos de seca, em que as plantas estejam em déficit hídrico.

## Informações importantes

- a) não aplicar herbicidas pós-emergentes na presença de muito orvalho e/ou imediatamente após chuva;
- b) não aplicar na presença de ventos fortes (>8 km/h), mesmo utilizando bicos específicos para redução de deriva;
- c) pode-se utilizar baixo volume de calda (mínimo de 100 L ha<sup>-1</sup>) quando as condições climáticas forem favoráveis e desde que sejam observadas as indicações do fabricante (tipo de bico, produtos);
- d) a aplicação de herbicidas deve ser realizada em ambiente com umidade relativa superior a 60%. Além disso, deve-se utilizar água limpa;
- e) não aplicar quando as plantas, da cultura e invasoras, estiverem sob estresse hídrico;
- f) para facilitar a mistura do herbicida trifluralin com o solo e evitar perdas por volatilização e fotodecomposição, o solo deve estar livre de torrões e preferencialmente, com baixa umidade;
- g) para cada tipo de aplicação, existem várias alternativas de bicos, os quais devem ser utilizados conforme indicação do fabricante. Verificar a uniformidade de volume de pulverização, tolerando variações máximas de 10% entre bicos;
- h) aplicações seqüenciais podem trazer benefícios em casos específicos, melhorando o desempenho dos produtos pós-emergentes e podendo, em certas situações, reduzir custos. Consiste em duas aplicações com intervalos de cinco a 15 dias, com o parcelamento da dose total;
- i) em solos de arenito, (baixos teores de argila), indica-se precaução na utilização de herbicidas pré-emergentes, pois podem provocar fitotoxicidade na soja. Para tais situações, recomenda-se reduzir as doses ou não utilizá-los;
- j) o uso de equipamento de proteção individual é indispensável em qualquer pulverização.

## Semeadura direta

O manejo de entressafra das invasoras requer a utilização de produtos a base de paraquat, paraquat + diuron, glyphosate, 2-4-D, chlorimuron, carfentrazone ou a mistura formulada de glyphosate + imazethapyr. O número de aplicações e as doses a serem utilizadas irão variar, em função da comunidade presente na área e seu estágio de desenvolvimento. Paraquat requer a mistura com surfactante não iônico na base de 0,1% a 0,2% v/v.

Aplicações seqüenciais na entressafra têm proporcionado excelentes resultados, principalmente quando se trata de espécies de difícil controle. A primeira aplicação geralmente ocorre cerca de 15 a 20 dias após a colheita da cultura comercial ou espécie cultivada para cobertura do solo.

No caso de espécies perenizadas, como o capim-amargoso e o capim-brachiaria, a dose de glyphosate poderá chegar a 5 L ha<sup>-1</sup>. Nessa situação, recomenda-se inicialmente o manejo mecânico (roçadeira, triturador) visando remover a folhagem velha e forçando a rebrota intensa, que deverá ter pelo menos 30 cm de altura no momento da dessecação.

O 2,4-D, indicado para o controle de folhas largas, deve ser utilizado na formulação amina, com intervalo de 10 dias de carência entre a aplicação e a semeadura da soja. Aplicações que não obedecem as recomendações técnicas podem provocar danos às culturas suscetíveis, como videira, algodão, feijão, café e a própria soja.

A utilização de espécies de inverno para cobertura morta é uma alternativa que tem possibilitado a substituição ou a redução no uso de herbicidas em semeadura direta.

O controle de plantas daninhas em culturas de safrinha e em períodos de pouso (entressafra) é uma forma importante de reduzir a densidade de espécies como amendoim-bravo, picão-preto e outras, as quais podem infestar a soja cultivada posteriormente. Também neste período, é importante promover o controle da soja voluntária, a qual poderá se tornar hospedeira de ferrugem e outras doenças e pragas que irão se potencializar na safra seguinte.

Em semeadura direta sobre pastagem, na integração lavoura-pecuária o período entre a dessecação e a semeadura da soja irá variar de 30 a 40 dias. Para as espécies como a *Brachiaria decumbens*, *B. brizantha* e *Panicum*

*maximum cv tanzânia* 30 dias de antecedência podem ser suficientes com glyphosate, na dose de 4-5 L/ha do produto comercial (formulação 360 g de e.a). Para *Paspalum notatum*, conhecida como grama matogrosso, *B. humidicola* e *Panicum maximum cv mombassa* o período irá variar de 30 a 40 dias, com glyphosate na dose de 5 a 6 L/ha.

As áreas que utilizaram o herbicida Tordon para o controle das plantas daninhas da pastagem podem apresentar resíduos que prejudicam a soja, podendo, até, causar morte das plantas. Poderá ser necessário um período de dois anos para que os resíduos sejam degradados e viabilizada a implantação da cultura. Recomenda-se monitorar a área.

## **Manejo de plantas daninhas na soja RR (Roundup Ready)**

O desenvolvimento da tecnologia da soja geneticamente modificada (transgênica) para resistência ao herbicida glyphosate (soja RR) trouxe profundas mudanças no manejo de espécies daninhas, pois onde antes se utilizavam outros herbicidas e misturas formuladas, agora poderá ser aplicado esse ingrediente ativo.

Trata-se de um herbicida de amplo espectro de ação, que pode ser utilizado em diferentes estádios de desenvolvimento das plantas daninhas.

Entretanto, seu uso em pós-emergência na cultura da soja transgênica deve estar associado às informações já conhecidas sobre mato-interferência, estádios de desenvolvimento da cultura e de registro e cadastro estadual.

A operação de controle das plantas que germinam antes da semeadura (dessecação de manejo), normalmente recomendada para soja convencional, deve ser mantida, observando os critérios já estabelecidos e, apenas em casos raros, esta prática poderá ser alterada.

A utilização do glyphosate em pós-emergência da cultura e das espécies infestantes poderá ser feita em aplicação única ou seqüencial.

Atenção especial (estádio de desenvolvimento da planta daninha, densidade de infestação, dose, época de aplicação, etc.) deve ser dada às espécies

tolerantes a esse herbicida como trapoeraba, erva-quente e erva-de-touro. Outras espécies de difícil controle, tais como erva-de-santa-luzia, poaia-branca, agriãozinho, capim-barbicha-de-alemão e corda-de-viola, podem ser selecionadas em função do uso continuado desse produto. Biotipos de buva e azevém resistentes ao glyphosate foram encontrados nos Estados do Rio Grande do Sul e Paraná, o que justifica ainda mais o manejo adequado dessas espécies, principalmente no período de entressafra.

Desse modo, com o intuito de evitar a seleção de espécies tolerantes e resistentes ao glyphosate é importante rotacionar soja convencional e transgênica (soja RR) e/ou herbicidas de diferentes mecanismos de ação.

Assim, é necessário ter em mente que a utilização do glyphosate em soja RR constitui-se em mais uma ferramenta no controle das plantas daninhas e que as práticas de manejo integrado dessas espécies devem continuar sempre sendo priorizadas.

## Disseminação

Qualquer que seja o sistema de semeadura e a região em que se está cultivando a soja, cuidados especiais devem ser tomados quanto à disseminação das plantas daninhas. Tem-se observado aumento de infestação de algumas espécies de difícil controle químico, (*Cardiospermum halicabum*) o balãozinho, por exemplo.

As práticas sugeridas (Gazziero et al., 1989) para evitar a disseminação de plantas daninhas incluem o uso de sementes de boa procedência, limpeza rigorosa de máquinas e implementos e a eliminação dos primeiros focos de infestação, visando impedir a formação de disseminulos.

## Resistência

Tem sido constatada a resistência de certas plantas daninhas como *Brachiaria plantaginea* e *Digitaria ciliaris*, resistentes aos herbicidas inibidores

da ACCase, e *Bidens pilosa*, *Bidens subalternans* e *Euphorbia heterophylla*, resistentes aos herbicidas inibidores da enzima ALS.

No entanto, é comum confundir-se falta de controle com resistência. A maioria dos casos de seleção e de resistência podem ser esperados quando se utiliza o mesmo herbicida, ou herbicidas com o mesmo mecanismo de ação, consecutivamente. Erros na dose e na aplicação são as causas da maioria dos casos de falta de controle.

Prevenir a disseminação e a seleção de espécies resistentes são estratégias fundamentais para evitar-se esse tipo de problema. A utilização e a rotação de produtos com diferentes mecanismos de ação e a adoção do manejo integrado (rotação de culturas, uso de vários métodos de controle, etc) fazem parte do conjunto de indicações para um eficiente controle das invasoras.

## Dessecação em pré-colheita da soja

A dessecação da soja é uma prática que pode ser utilizada somente em área de produção de grãos, com o objetivo de controlar as plantas daninhas ou uniformizar as plantas com problemas de haste verde/retenção foliar.

Sendo necessária a dessecação em pré-colheita, é importante observar a época apropriada para executá-la. Aplicações realizadas antes da cultura atingir o estágio reprodutivo “R7”, provocam perdas no rendimento. Esse estágio é caracterizado pelo início da maturação (apresenta uma vagem amarronzada ou bronzeada na haste principal - Fehr & Caviness, 1981). Os produtos utilizados são o paraquat (Gramoxone, na dose de 1,5-2,0 L ha<sup>-1</sup> do produto comercial, classe toxicológica II) ou diquat (Reglone, na dose de 1,5-2,0 L ha<sup>-1</sup> do produto comercial, classe toxicológica II). Doses mais elevadas devem ser utilizadas em áreas com maior massa foliar. No caso de predominância de gramíneas, utilizar o Gramoxone. Quando houver predominância de folhas largas, principalmente corda-de-viola (*Ipomoea grandifolia*), utilizar o Reglone.

A dessecação em pré-colheita de campos de sementes de soja convencional (não RR) com glyphosate não deve ser realizada, uma vez que essa prática acarreta redução de qualidade de semente, reduzindo seu vigor

e germinação, devido ao não desenvolvimento dos radiculos secundários das plântulas.

Para evitar que ocorram resíduos no grão colhido, deve observar-se o intervalo mínimo de sete dias entre a aplicação do produto e a colheita.

## **Manuseio de herbicidas e descarte de embalagens**

- ♦ Utilizar herbicidas devidamente registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e cadastrados na Secretaria de Agricultura dos estados que adotam este procedimento para uso na cultura da soja e para a espécie de planta daninha que deseja controlar. O número do registro consta no rótulo do produto.
- ♦ Usar equipamento de proteção individual (EPI) apropriado, em todas as etapas de manuseio de agrotóxicos (abastecimento do pulverizador, aplicação e lavagem de equipamentos e embalagens), a fim de evitar possíveis intoxicações.
- ♦ Não fazer mistura em tanque, de dois herbicidas, ou de herbicida(s) com outro(s) agrotóxico(s), procedimento proibido por lei (Instrução Normativa do MAPA nº 46, de 07/ 2002). Somente são permitidas a utilização de misturas formuladas.
- ♦ Em aplicação de herbicidas em condições de pós-emergência, respeitar o período de carência do produto (entre a data de aplicação e a colheita da soja). Na dessecação em pré-colheita, observar, obrigatoriamente, o intervalo mínimo de sete dias entre a pulverização do herbicida e a colheita, para evitar resíduos do herbicida nos grãos colhidos.
- ♦ Ler com atenção o rótulo e a bula do produto e seguir todas as orientações e os cuidados com o descarte das embalagens.
- ♦ Devolver as embalagens vazias (após a tríplice lavagem das embalagens de produtos líquidos), no prazo de um ano após a compra do produto, ao posto de recebimento indicado na nota fiscal de compra, conforme legislação do MAPA (Lei 9.974, de 06/06/2000 e Decreto 4.074, de 04/01/2002).



A cultura da soja está, praticamente durante todo seu ciclo, sujeita ao ataque de insetos. Logo após a emergência, insetos como a “lagarta rosca” e a “broca do colo” podem atacar as plântulas. Posteriormente, a “lagarta da soja”, a “falsa medideira” e a “broca das axilas” atacam as plantas durante a fase vegetativa e, em alguns casos, até a floração. Com o início da fase reprodutiva, surgem os percevejos, que causam danos desde a formação das vagens até o final do desenvolvimento das sementes. Além destas, a soja é suscetível ao ataque de outras espécies de insetos, em geral menos importantes do que as referidas. Porém, quando atingem populações elevadas, capazes de causar perdas significativas no rendimento da cultura, essas espécies necessitam ser controladas.

## 10.1 Definição

Para o controle das principais pragas da soja, indica-se a utilização do “Manejo de Pragas”. É uma tecnologia que consiste, basicamente, de inspeções regulares à lavoura, verificando se o nível de ataque, com base na desfolha e no número e tamanho das pragas. Nos casos específicos de lagartas desfolhadoras e percevejos, as amostragens devem ser realizadas com um pano de batida, preferencialmente de cor branca, preso em duas varas, com 1 m de comprimento, o qual deve ser usado em duas (lagartas) ou uma (percevejo) fileira de soja. As plantas da área compreendida pelo pano devem ser sacudidas vigorosamente sobre ele havendo, assim, a queda das pragas que deverão ser contadas. Este procedimento deve ser repetido em vários pontos da lavoura, considerando-se, como resultado, a média de todos os pontos amostrados. O controle deve ser executado somente quando forem atingidos os níveis críticos (Tabela 10.1).

**Tabela 10.1.** Níveis de ação de controle para as principais pragas da soja.

Emergência	Período vegetativo	Floração	Formação de vagens	Enchimento de vagens	Maturação
30% de desfolha ou 40 lagartas/2m*		15% de desfolha ou 40 lagartas/2m*			
Lavouras para consumo			2 percevejos/m**		
Lavouras para semente			1 percevejo/m**		
Broca-das-axilas: a partir de 25% - 30% de plantas com ponteiros atacados					
Tamanduá-da-soja: até V3: 1 adulto/m linear de V4 a V6: 2 adultos/m linear					
			Lagartas-das-vagens: a partir de 10% de vagens atacadas		

\* Maiores de 1,5cm e considerando a batida de 2 fileiras de soja sobre o pano.

\*\* Maiores de 0,5cm e considerando a batida de apenas 1 fileira de soja sobre o pano.

## 10.2 Pragas principais

A lagarta da soja deve ser controlada quando forem encontradas, em média, 40 lagartas grandes por 2 m ou se a desfolha atingir 30% antes do florescimento e 15% tão logo apareçam as primeiras flores. Utilizando-se o *Baculovirus anticarsia*, devem ser considerados outros índices citados em parágrafo posterior.

O controle de percevejos deve ser iniciado quando forem encontrados 2 percevejos adultos ou ninfas com mais de 0,5 cm por metro linear e, para o caso de campos de produção de sementes, este nível deve ser reduzido para 1 percevejo/metro linear.

Os produtos indicados para o controle das principais pragas anteriormente referidas encontram-se nas Tabelas 10.2, 10.3, 10.4, 10.5 e 10.6. Na escolha do produto, deve-se levar em consideração a sua toxicidade, efeitos sobre inimigos naturais e o custo por hectare.

**Tabela 10.2.** Inseticidas indicados\* para o controle de *Anticarsia gemmatilis* (lagarta-da-soja), para a safra 2006/07. Comissão de Entomologia da XXVIII Reunião de Pesquisa de Soja da Região Central do Brasil, realizada em Uberaba, MG. Embrapa Soja. Londrina, PR. 2006.

Nome técnico	Dose (g i.a./ha)	Nome comercial	Formulação	Concentração (g i.a./kg ou l)	Dose produto comercial (kg ou l/ha)	Classe toxicológica <sup>3</sup>	Nº registro MAPA
<i>Baculovirus anticarsia</i> <sup>1</sup>	50		LE <sup>2</sup>				
<i>Bacillus thuringiensis</i>	-	Dipel PM	PM	16 x 10 <sup>9</sup> U.I.	0,500	IV	008589
	-	Thuricide	PM	16 x 10 <sup>9</sup> U.I.	0,500	IV	016084-90
Beta-ciflutrina	2,5	Bulldock 125 SC	SC	125	0,020	II	001192-00
Beta-cipermetrina	6	Akito	EC	100	0,060	II	017703
Carbaril	192	Sevin 480 SC	SC	480	0,400	III	009186-00
	192	Carbaryl Fersol 480 SC	SC	480	0,400	III	026183-88
Clorfluazurom	5	Atabron 50 CE	EC	50	0,100	I	006894
Clorpirifós	120	Lorsban 480 BR	EC	480	0,250	II	022985
Diflubenzurom	7,5	Dimilin	PM	250	0,030	IV	018485-91
Etofenproxi	12	Trebon 300 CE	EC	300	0,040	III	000695
Endossulfam <sup>4</sup>	87,5	Dissulfan CE	EC	350	0,250	I	022087-89
	87,5	Thiodan EC	EC	350	0,250	II	010487
Lufenurom	7,5	Match CE	EC	50	0,150	IV	009195
Metoxifenoziada	21,6	Intrepid 240 SC	SC	240	0,090	IV	006999
		Vallient	SC	240	0,090	IV	019999
Novalurom	5	Rimon 100 EC	EC	100	0,050	IV	039000
Permetrina SC	12,5	Tifon 250 SC	SC	250	0,050	III	009189

Continua...

Nome técnico	Dose (g i.a./ha)	Nome comercial	Formulação	Concentração (gb i.a./kg ou l)	Dose produto comercial (kg ou l/ha)	Classe toxicológica <sup>3</sup>	Nº registro MAPA
...Continuação Tabela 10.2							
Profenofós <sup>5</sup>	80	Curacron 500	EC	500	0,160	II	008686-88
Tebufenozida	30	Mirmic 240 SC	SC	240	0,125	IV	007796
Teflubenzurom	7,5	Nomolt 150 SC	SC	150	0,050	IV	001393
Tiodicarbe	56	Larvin 800 WG	GrDA	800	0,070	II	04099
Triclorfom	400	Dipterex 500	CS	500	0,800	II	005286-88
	400	Triclorfon 500 Defesa	CS	500	0,800	II	004985-89
Triflumurom	15	Alsystin 250 PM	PM	250	0,060	IV	000792-99
	14,4	Alsystin 480 SC	SC	480	0,030	IV	03899
	14,4	Certero	SC	480	0,030	IV	04899
	14,4	Libre	SC	480	0,030	IV	05399

<sup>1</sup> Produto preferencial. Para maiores esclarecimentos sobre seu uso, consultar o Folder nº 02/2001, da Embrapa Soja.

<sup>2</sup> Lagartas-equivalentes (igual a 50 lagartas mortas por *Baculovirus*).

<sup>3</sup> I = extremamente tóxico (DL<sub>50</sub> oral = até 50); II = altamente tóxico (DL<sub>50</sub> Oral = 50-500); III = medianamente tóxico (DL<sub>50</sub> Oral = 500-5000); IV = pouco tóxico (DL<sub>50</sub> Oral = > 5000 mg/kg).

<sup>4</sup> Este produto pode ser utilizado em dose reduzida 35g i.a./ha) misturado com *Baculovirus*, quando a população de lagartas grandes for superior a 10 e inferior a 40 lagartas/pano de batida.

<sup>5</sup> Este produto pode ser utilizado em dose reduzida (30g i.a./ha) misturado com *Baculovirus*, quando a população de lagartas grandes for superior a 10 e inferior a 40 lagartas/pano de batida.

\* Antes de emitir indicação e/ou receituário agrônômico, consultar relação de defensivos registrados no MAPA e cadastrados na Secretaria da Agricultura do estado.

**Tabela 10.3.** Inseticidas indicados\* para o controle do percevejo verde (*Nezara viridula*)\*\*, para a safra 2006/07. Comissão de Entomologia da XXVIII Reunião de Pesquisa de Soja da Região Central do Brasil, realizada em Uberaba, MG. Embrapa Soja. Londrina, PR: 2006.

Nome técnico	Dose (g i.a./ha)	Nome comercial	Formulação	Concentração (g i.a./kg ou l)	Dose produto comercial (kg ou l/ha)	Classe toxicológica <sup>1</sup>	Nº registro MAPA
Acefato	225	Orthene 750 BR	PS	750	0,300	IV	02788394
Endossulfam	437,5	Dissulfan CE	EC	350	1,250	I	022087-89
	437,5	Thiodan EC	EC	350	1,250	II	010487
Endossulfam SC	500	Endozol	SC	500	1,000	II	013488
Fenitrothion	500	Sumithion 500 CE	EC	500	1,000	III	5183
Imidacloprido + beta-ciflutrina	75 + 9,375	Connect	SC	100 + 12,5	0,750	II	04804
Metamidofós	300	Tamaron BR	CS	600	0,500	II	4983
	300	Hamidop 600	CS	600	0,500	I	035082
	300	Metafós	CS	600	0,500	II	000989
	300	Faro	CS	600	0,500	II	01296
Monocrotofos	150	Azodrin 400	CS	400	0,375	I	10187
Parationa metilica	480	Folidol 600	EC	600	0,800	I	3984
	21,2 + 15,9	Engeo Pleno	SC	141 + 106	0,150	III	06105
Triclorfom	800	Dipterex 500	CS	500	1,600	II	005286-88
	800	Triclorfon 500 Defesa	CS	500	1,600	II	004985-89

<sup>1</sup> I = extremamente tóxico (DL<sub>50</sub> oral = até 50); II = altamente tóxico (DL<sub>50</sub> Oral = 50-500); III = medianamente tóxico (DL<sub>50</sub> Oral = 500-5000); IV = pouco tóxico (DL<sub>50</sub> Oral = > 5000 mg/kg).

\* Antes de emitir indicação e/ou receituário agrônômico, consultar relação de defensivos registrados no MAPA e cadastrados na Secretaria da Agricultura do estado.

\*\* Para o controle do percevejo verde poderão ser utilizados os inseticidas indicados em doses reduzidas pela metade e misturadas com 0,5% de sal de cozinha refinado (500 g sal/100 l de água) em aplicação terrestre. Recomenda-se lavar bem o equipamento com detergente comum ou óleo mineral, após o uso, para diminuir o problema da corrosão pelo sal.

**Tabela 10.4.** Inseticidas indicados\* para o controle do percevejo verde-pequeno (*Piezodorus guildinii*)\*\*, para a safra 2006/07. Comissão de Entomologia da XXVIII Reunião de Pesquisa de Soja da Região Central do Brasil, realizada em Uberaba, MG. Embrapa Soja. Londrina, PR. 2006.

Nome técnico	Dose (g i.a./ha)	Nome comercial	Formu- lação	Concentração (g i.a./kg ou l)	Dose produto comercial (kg ou l/ha)	Classe toxico- lógica <sup>1</sup>	Nº registro MAPA
Acefato	225	Orthene 750 BR	PS	750	0,300	IV	02788394
Carbaril	800	Carbaryl Fersol 480 SC	SC	480	1,666	III	26183
	800	Sevin 480 SC	SC	480	1,666	II	9186
Endossulfam	437,5	Dissulfan CE	EC	350	1,250	I	022087-89
	437,5	Thiodan EC	EC	350	1,250	II	010487
Endossulfam SC	500	Endozol	SC	500	1,000	II	013488
Metamidofós	300	Tamaron BR	CS	600	0,500	II	4983
	300	Hamidop 600	CS	600	0,500	I	035082
	300	Metafós	CS	600	0,500	II	000989
	300	Faro	CS	600	0,500	II	01296
Monocrotófos	150	Azodrin 400	CS	400	0,375	I	10187
Tiametoxam + lambda-cialotrina	25,38 + 19	Engeo Pleno	SC	141 + 106	0,180	III	06105
	800	Dipterex 500	CS	500	1,600	II	005286-88
Triclorform	800	Triclorfon 500 Defesa	CS	500	1,600	II	004985-89

<sup>1</sup> I = extremamente tóxico (DL<sub>50</sub> oral = até 50); II = altamente tóxico (DL<sub>50</sub> Oral = 50-500); III = medianamente tóxico (DL<sub>50</sub> Oral = 500-5000); IV = pouco tóxico (DL<sub>50</sub> Oral = > 5000 mg/kg).

\* Antes de emitir indicação e/ou receituário agrônomo, consultar relação de defensivos registrados no MAPA e cadastrados na Secretaria da Agricultura do estado.

\*\* Para o controle do percevejo verde-pequeno poderão ser utilizados os inseticidas indicados em doses reduzidas pela metade e misturadas com 0,5% de sal de cozinha refinado (500 g sal/100 l de água) em aplicação terrestre. Recomenda-se lavar bem o equipamento com detergente comum ou óleo mineral, após o uso, para diminuir o problema da corrosão pelo sal.

**Tabela 10.5.** Inseticidas indicados\* para o controle do percevejo marrom (*Euschistus heros*)\*\*, para a safra 2006/07. Comissão de Entomologia da XXVIII Reunião de Pesquisa de Soja da Região Central do Brasil, realizada em Uberaba, MG. Embrapa Soja. Londrina, PR. 2006.

Nome técnico	Dose (g i.a./ha)	Nome comercial	Formulação	Concentração (g i.a./kg ou l)	Dose produto comercial (kg ou l/ha)	Classe toxicológica <sup>1</sup>	Nº registro MAPA
Acefato	225	Orthene 750 BR	PS	750	0,300	IV	02788394
	800	Sevin 480 SC	SC	480	1,666	II	9186
Endossulfam SC	500	Endozol	SC	500	1,000	II	013488
Endossulfam	350	Dissulfan CE	EC	350	1,000	I	022087-89
	350	Thiodan EC	EC	350	1,000	II	010487
Fenitroiona + esfenvarelato	280 + 14	Pirephos EC	EC	800 + 40	0,350	II	010598
	75 + 9,375	Connect	SC	100 + 12,5	0,750	II	04804
Metamidofós	300	Tamaron BR	CS	600	0,500	II	4983
	300	Hamidop 600	CS	600	0,500	I	035082
	300	Metafós	CS	600	0,500	II	000989
	300	Fato	CS	600	0,500	II	01296
Monocrotófos	150	Azodrin 400	CS	400	0,375	I	10187
Parationa metilica	480	Folidol 600	EC	600	0,800	I	3984
Tiametoxam + lambda-cialotrina	28,2 + 21,2	Engeo Pleno	SC	141 + 106	0,200	III	06105
	800	Dipterex 500	CS	500	1,600	II	005286-88
Triclorfom	800	Triclorfon 500 Defesa	CS	500	1,600	II	004985-89

<sup>1</sup> I = extremamente tóxico (DL<sub>50</sub> oral = até 50); II = altamente tóxico (DL<sub>50</sub> Oral = 50-500); III = medianamente tóxico (DL<sub>50</sub> Oral = 500-5000); IV = pouco tóxico (DL<sub>50</sub> Oral = > 5000 mg/kg).

\* Antes de emitir indicação e/ou receituário agrônômico, consultar relação de defensivos registrados no MAPA e cadastrados na Secretaria da Agricultura do estado.

\*\* Para o controle do percevejo marrom poderão ser utilizados os inseticidas indicados em doses reduzidas pela metade e misturadas com 0,5% de sal de cozinha refinado (500 g sal/100 l de água) em aplicação terrestre. Recomenda-se lavar bem o equipamento com detergente comum ou óleo mineral, após o uso, para diminuir o problema da corrosão pelo sal.

**Tabela 10.6.** Efeito sobre predadores, toxicidade para animais de sangue quente, índice de segurança e período de carência dos inseticidas indicados para o Programa de Manejo Integrado de Pragas, safra 2006/07.

Inseticida	Dose (g i.a./ha)	Efeito <sup>1</sup> sobre predadores	Toxicidade DL <sub>50</sub>		Índice de segurança <sup>2</sup>		Carência (dias)
			Oral	Dermal	Oral	Dermal	
1) <i>Anticarsia gemmatilis</i> .....							
<i>Baculovirus anticarsia</i>	50 <sup>3</sup>	1	-	-	-	-	Sem restrições
<i>Bacillus thuringiensis</i>	500 <sup>4</sup>	1	-	-	-	-	Sem restrições
Beta-ciflutrina	2,5	2	655	>5000	>10000	>10000	20
Beta-cipermetrina	6	2	625	>5000	>10000	>10000	14
Carbaryl	200	1	590	2166	295	1083	3
Clorfluazurom	5	1	>6000	>12000	>10000	>10000	14
Clorpirifós	120	2	437	1400	364	1167	21
Diflubenzurom	7,5	1	4640	2000	>10000	>10000	21
Endossulfam <sup>5</sup>	87,5	1	173	368	198	421	30
Etifenproxi	12	1	1520	>5000	>10000	>10000	15
Lufenuron	7,5	1	>4000	>4000	>10000	>10000	15
Metoxifenozíde	21,6	1	>5000	>2000	>10000	>9259	7
Novalurom	5	1	>5000	>2000	>10000	>10000	53
Permetrina SC <sup>6</sup>	12,5	1	>4000	>4000	>10000	>10000	60
Profenofós <sup>7</sup>	80	1	358	3300	447,5	4125	21
Tebufenozíde	30	1	>5000	>5000	>10000	>10000	14

Continua...

Inseticida	Dose (g i.a./ha)	Efeito <sup>1</sup> sobre predadores	Toxicidade DL <sub>50</sub>		Índice de segurança <sup>2</sup>		Carência (dias)
			Oral	Dermal	Oral	Dermal	
...Continuação Tabela 10.6							
Teflubenzurom	7,5	1	>6000	>8000	>10000	>10000	30
Tiodicarbe	56	1	129	>2000	230	>3571	14
Triclorfom	400	1	580	2266	145	567	7
Triflumuro	15	1	>5000	>5000	>10000	>10000	28
2) <i>Nezara viridula</i> .....							
Acefato	225	2	1494	10450	664	4644	14
Endossulfam	437,5	2	173	368	40	84	30
Endossulfam SC	500	3	392	589	78	118	30
Fenitrotiona	500	3	384	2233	77	447	7
Imidacloprido + beta-ciflutrina	750 <sup>4</sup>	3	2500	>4000	333	>533	21
Metamidofós	300	3	25	115	8	38	23
Monocrotofos	150	3	14	336	9	224	21
Paratona metilica	480	3	15	67	3	14	15
Tiametoxam + lambda-cialotrina	150 <sup>4</sup>	3	310	>2000	207	>1333	30
Triclorfom	800	1	580	2266	73	283	7
3) <i>Piezodorus guildinii</i> .....							
Acefato	225	2	1494	10450	664	4644	14
Carbaril	800	1	590	2166	74	271	3

Continua...

Inseticida	Dose (g i.a./ha)	Efeito <sup>1</sup> sobre predadores	Toxicidade DL <sub>50</sub>		Índice de segurança <sup>2</sup>		Carência (dias)
			Oral	Dermal	Oral	Dermal	
...Continuação Tabela 10.6							
Endossulfam	437,5	2	173	368	40	84	30
Endossulfam SC	500	3	392	589	78	118	30
Metamidofós	300	3	25	115	8	38	23
Monocrotofós	150	3	14	336	9	224	21
Tiametoxam + lambda-cialotrina	180 <sup>4</sup>	3	310	>2000	172	>1111	30
Triclorfom	800	1	580	2266	73	283	7
4) <i>Euschistus heros</i> .....							
Acefato	225	2	1494	10450	664	4644	14
Endossulfam	350	1	173	368	49	105	30
Endossulfam SC	500	3	392	589	78	118	30
Fenitrotiona + esfenvarrelato	350 <sup>4</sup>	2	194	>2000	55	>571	7
Imidacloprido + beta-ciflutrina	750 <sup>4</sup>	3	2500	>4000	333	>533	21
Metamidofós	300	3	25	115	8	38	23
Monocrotofós	150	3	14	336	9	224	21
Parationa metílica	480	3	15	67	3	14	15
Tiametoxam + lambda-cialotrina	200 <sup>4</sup>	3	310	>2000	155	>1000	30
Triclorfom	800	1	580	2266	73	283	7

Continua...

Inseticida	Dose (g i.a./ha)	Efeito <sup>1</sup> sobre predadores	Toxicidade DL <sub>50</sub>		Índice de segurança <sup>2</sup>		Carência (dias)
			Oral	Dermal	Oral	Dermal	

...Continuação Tabela 10.6

- <sup>1</sup> 1 = 0 - 20%; 2 = 21 - 40%; 3 = 41 - 60%; 4 = 61 - 100% de redução populacional de predadores.
- <sup>2</sup> Índice de segurança (I.S.) =  $100 \times DL_{50}/\text{dose de i.a.}$ ; considera o risco de intoxicação em função da formulação e da quantidade de produto a ser manipulado; quanto menor o índice, menor a segurança.
- <sup>3</sup> Lagartas equivalentes (igual a 50 lagartas, mortas por *Baculovirus*). Para aplicação aérea, seguir as orientações contidas no texto deste documento.
- <sup>4</sup> Dose do produto comercial.
- <sup>5</sup> Este produto pode ser utilizado em dose reduzida (35g i.a./ha), misturado com *Baculovirus*, quando a população de lagartas grandes for superior a 10 e inferior a 40 lagartas/pano de batida.
- <sup>6</sup> Inseticida indicado apenas na formulação Suspensão Concentrada.
- <sup>7</sup> Este produto pode ser utilizado em dose reduzida (30g i.a./ha), misturado com *Baculovirus*, quando a população de lagartas grandes for superior a 10 e inferior a 40 lagartas/pano de batida.
- \* Antes de emitir indicação e/ou receituário agrônômico, consultar a relação de defensivos registrados no MAPA e cadastrados na Secretaria da Agricultura do estado.

Para o controle da lagarta-da-soja, *Anticarsia gemmatalis*, deve se dar preferência à utilização do vírus *Baculovirus anticarsia*, o qual pode ser usado também em aplicação aérea.

Nesse caso, pode se empregar a água como veículo, na quantidade de 15 l/ha. Caso a aplicação tenha início pela manhã, o preparo do material pode ser realizado durante a noite. Ajustar o ângulo da pá do “micronair” para 45 a 50 graus, estabelecer a largura da faixa de deposição em 18 m e voar a uma altura de 3 5 m, a 105 milhas/hora, com velocidade do vento não superior a 10 km/h (detalhes no folder “Controle da lagarta da soja por Baculovirus”, em Moscardi (1993) e em Gomez & Gazzoni (2000).

Ao se utilizar *B. anticarsia* devem ser consideradas 40 lagartas pequenas ou 30 lagartas pequenas e 10 lagartas grandes por 2 m. Quando ocorrerem ataques da lagarta da soja no início do desenvolvimento da cultura (plantas até o estágio V4, com três folhas trifolioladas), e associados com períodos de seca, o controle da praga poderá ser realizado com outros produtos seletivos e indicados, visto que, nestas condições, poderá ocorrer desfolha que prejudicará o desenvolvimento das plantas.

No caso dos percevejos, em muitas situações, o seu controle pode ser efetuado apenas nas bordas da lavoura, sem necessidade de aplicação de inseticida na totalidade da área. Isto porque o ataque desses insetos inicia se pelas áreas marginais, aí ocorrendo as maiores populações. Para detectar essas infestações maiores nas bordas da lavoura é necessário fazer batidas de pano ao longo das mesmas, comparando-se os números de percevejos encontrados com os números de percevejos presentes na parte mais central da lavoura. Essas amostragens devem ser realizadas semanalmente, nas primeiras horas da manhã (até 10 horas), quando os insetos se localizam nas partes superiores das plantas e são mais facilmente visualizados. As vistorias para avaliar a ocorrência dos percevejos devem ser executadas do início de formação de vagens (R3) até a maturação fisiológica (R7). **A simples observação visual não expressa a população real presente na lavoura.**

Uma alternativa econômica de controle dos percevejos é a mistura de sal de cozinha (cloreto de sódio) com a metade da dose de qualquer um dos inseticidas indicados nas Tabelas 10.3, 10.4 e 10.5 (ver observação no rodapé).

### 10.3 Outras pragas

**“Lagarta falsa-medideira” (*Pseudoplusia includens*)** - nos últimos anos, esta lagarta tem aumentado sua freqüência nas lavouras de soja de todo o País, causando danos significativos às plantas e exigindo ações de controle, por parte dos agricultores atingidos. Os adultos são mariposas, de hábito noturno, que possuem a coloração geral acinzentada com duas manchas prateadas no primeiro par de asas. A lagarta possui cor verde-clara, com listras longitudinais brancas no dorso, podendo ter pontuações escuras espalhadas por todo o corpo, e movimenta-se arqueando o corpo como se estivesse “medindo palmos”. O ciclo da falsa-medideira dura em média 15 dias e, completamente desenvolvida, a lagarta pode atingir cerca de 4 cm de comprimento. Alimenta-se dos folíolos, não consumindo as nervuras, dando um aspecto rendilhado característico à folhagem danificada.

O seu controle é mais difícil do que o da lagarta-da-soja porque ela é menos suscetível aos produtos químicos em geral, demandando doses maiores para intoxicá-la. Além disso, ela ocorre em soja mais desenvolvida, geralmente durante e após a época de floração, quando a soja já está fechada. Esta praga tem o hábito de permanecer mais concentrada nos terço inferior e médio das plantas, fazendo com que haja menor probabilidade de ser atingida pelas gotas das pulverizações, as quais ficam retidas nas folhas do terço superior. Por isso, é necessário que o agricultor aplique adequadamente os inseticidas para efetivar o seu controle, adotando tecnologia de aplicação, com volume de calda e bicos (pontas) adequados.

A lagarta “falsa-medideira” (ocorrendo sozinha ou associada com a lagarta-da-soja) deve ser controlada quando forem encontradas, em média, 40 lagartas grandes por 2 m ou se a desfolha atingir 30% antes do florescimento e 15% tão logo apareçam as primeiras flores.

Para a broca-das-axilas, o nível crítico está em torno de 25% a 30% de plantas com ponteiros atacados.

No caso das lagartas-das-vagens, indica-se a aplicação de inseticidas somente quando houver um ataque de, pelo menos, 10% das vagens das plantas, na média dos diferentes pontos de amostragem.

O controle dessas pragas pode ser feito com os inseticidas relacionados na Tabela 10.7.

**Tabela 10.7.** Inseticidas indicados\* para o controle de outras pragas da soja, para a safra 2006/07.

Inseto-praga	Nome técnico	Dose (g i.a./ha)
<i>Crociosema aporema</i> (broca-das-axilas)	Metamidofós	300
	Parationa metílica	480
<i>Pseudoplusia includens</i> (lagarta falsa-medideira)	Ciflutrina <sup>1</sup>	7,5
	Carbaril	320
	Endossulfam	437,5
	Metamidofós	300
	Metomil <sup>2</sup>	172
<i>Spodoptera latifascia</i> e <i>Spodoptera eridania</i> (lagarta-das-vagens)	Clorpirifós	480
<i>Sternechus subsignatus</i> (tamanduá-da-soja)	Metamidofós	480
	Fipronil <sup>3</sup>	50 <sup>4</sup>

<sup>1</sup> Nome comercial: Baytroid CE; formulação e concentração: CE - 50 g i.a./l; nº registro no MAPA: 011588; classe toxicológica: I (LD<sub>50</sub> oral = 1.410 e LD<sub>50</sub> dermal = 5.000 mg/kg); carência: 20 dias.

<sup>2</sup> Nome comercial: Lannate BR; formulação e concentração: CS - 215 g i.a./l; nº registro no MAPA: 1238603; classe toxicológica: I (DL<sub>50</sub> oral = 130 e DL<sub>50</sub> dermal = >1500 mg/kg); carência: 14 dias.

<sup>3</sup> Nome comercial: Standak 250 FS; formulação e concentração: SC-250 g i.a./l; nº registro no MAPA: 01099; classe toxicológica: IV (LD<sub>50</sub> oral = 660 e LD<sub>50</sub> dermal = 911 mg/kg); carência: sem restrições. Em áreas de rotação de culturas com planta não-hospedeira, podem-se utilizar as sementes tratadas com este inseticida somente na bordadura da lavoura, numa faixa de 40 a 50 m.

<sup>4</sup> Dose em g i.a./100 kg de semente, correspondente a 200 ml do produto comercial/100 kg de semente.

\* Antes de emitir indicação e/ou receituário agrônômico, consultar relação de defensivos registrados no MAPA e cadastrados na Secretaria da Agricultura do estado.

Os tripses ocorrem em praticamente todo o estado e, em anos secos, geralmente em altas populações. Porém, por si só, o dano causado por esses insetos às plantas, em decorrência do processo de sua alimentação, não é problemático à soja. Assim, o controle químico desses insetos não se justifica. Embora vários produtos como acefato (400 g i.a./ha), malatim

(800 g i.a./ha) e metamidofós (450 g i.a./ha) sejam eficientes contra os tripses, em áreas onde a ocorrência da virose “queima do broto” é comum (região Centro Sul do Paraná), estes inseticidas não têm evitado a incidência e a disseminação da doença, mesmo quando aplicados várias vezes sobre a cultura.

Outro inseto que vem ocorrendo em lavouras de soja, principalmente onde é realizado o cultivo mínimo e a semeadura direta, é o “tamanduá-da-soja” ou “bicudo-da-soja”.

Os danos são causados, tanto pelos adultos, que raspam o caule e desfiam os tecidos, como pelas larvas, broqueando e provocando o surgimento de galha.

A rotação de culturas é a técnica mais eficiente para o manejo adequado do tamanduá-da-soja, mas sempre associada a outras estratégias, como plantas-isca e controle químico na bordadura da lavoura. Nos locais em que, na safra anterior, foram observados ataques severos do inseto, antes de planejar o cultivo da safra de verão seguinte, deve ser avaliado o grau de infestação na entressafra, entre maio e setembro. Para cada 10 ha, devem ser retiradas quatro amostras de solo, centradas nas antigas fileiras de soja, com 1m de comprimento, e largura e profundidade de uma pá-de-corte. Após a observação cuidadosa da amostra, realizar a contagem do número de larvas hibernantes. Se, na média, forem encontradas de três a seis larvas/amostra, existe a possibilidade de, no mínimo, uma ou duas atingirem o estágio adulto, podendo causar uma quebra de sete a 14 sacas de soja por hectare, na safra seguinte. Nesse local, a soja deve ser substituída por uma espécie não hospedeira (por exemplo, milho, milheto, sorgo ou girassol), na qual o inseto não se alimenta e, conseqüentemente, interrompe o seu ciclo biológico.

Resultados de pesquisa mostraram que, no final do período de rotação soja-milho-soja, o percentual de plantas mortas e danificadas é significativamente menor, e a produtividade maior, quando comparado ao monocultivo soja-soja-soja. Adicionalmente, nas áreas com milho, existe a vantagem de se reduzir, drasticamente, a população de larvas hibernantes. Portanto, essa técnica é altamente indicada para sistemas equilibrados de produção de soja e essencial em áreas com ataques freqüentes da praga.

Entretanto, têm sido observados danos significativos, concentrados nas áreas onde a planta não-hospedeira limita com a soja (bordaduras), as quais servem com primeira fonte alimentar do inseto. Para evitar que ele infeste toda a lavoura de soja, as sementes podem ser tratadas com o inseticida fipronil e semeadas numa bordadura que deve medir entre 40 e 50 m de largura. O controle do inseto se justifica quando, no exame de plantas com duas folhas trifolioladas, for encontrado um adulto por metro de fileira, incluindo a face inferior das folhas e o caule. Com cinco folhas trifolioladas (próximo à floração), a soja tolera até dois adultos por metro linear. As pulverizações noturnas, entre as 22 h e as 2 h, são mais eficientes, pois a maioria dos adultos, neste período, encontra-se na parte superior das plantas, em acasalamento.

O complexo de corós é outro grupo de insetos que vem causando danos à soja no Paraná, especialmente na região centro-oeste, onde predomina a espécie *Phyllophaga cuyabana*. Os danos são causados pelas larvas, principalmente a partir do 2º instar, as quais consomem raízes. Os sintomas de ataque vão desde o amarelecimento das folhas e redução no crescimento da planta, até a morte de plantas, quando o ataque ocorre no início do desenvolvimento da lavoura.

O manejo de corós, em soja, deve ser baseado em um conjunto de medidas que possam permitir a convivência da cultura com o inseto. O cultivo de milho ou outra cultura em safrinha nos talhões infestados por corós deve ser evitado, pois esta prática aumenta a população na safra seguinte. Na região centro-oeste do Paraná, a semeadura da soja em outubro, ou no início de novembro, pode evitar a sincronia dos estádios mais suscetíveis da cultura, com os instares mais vorazes das larvas, diminuindo, o potencial de danos à lavoura.

O controle químico só é viável quando a semeadura é feita na presença de larvas com 1 cm ou mais. Entretanto, a proteção das plantas, em geral, é apenas inicial. Os adultos são mais sensíveis a inseticidas do que as larvas, mas seu controle com produtos químicos também é difícil, em função do seu comportamento. A aração do solo nas horas mais quentes do dia, com implementos que atingem maior profundidade, pode diminuir a população de corós, através do dano mecânico às larvas, da sua exposição a aves

e a outros predadores e do deslocamento de larvas em diáspora e pupas para camadas do solo mais superficiais. Porém, **o revolvimento do solo em áreas de semeadura direta, única e exclusivamente com objetivo de controlar esse inseto, não é indicado.** Qualquer medida que favoreça o desenvolvimento radicular da planta, como evitar a formação de camadas compactadas e corrigir a fertilidade e acidez do solo, também aumentará a tolerância da soja aos corós, assim como a insetos rizófagos em geral.

**“Mosca branca”**- os adultos têm o dorso amarelo-pálido e asas brancas, medem aproximadamente 1,0 mm, sendo a fêmea maior que o macho. A longevidade é variável e depende da alimentação e da temperatura. Os machos e as fêmeas vivem em média 13 e 62 dias, respectivamente. De ovo a adulto o inseto pode levar cerca de 18 dias, em temperaturas médias alta (32° C), podendo, contudo, se estender até 73 dias (15° C). Em condições de alta temperatura, é possível ocorrer de 11 a 15 gerações por ano. O acasalamento inicia-se de 12 horas a dois dias após a emergência, e cada fêmea coloca, em média, 100 a 300 ovos durante a sua vida.

A mosca branca apresenta metamorfose incompleta, passando pelas fases de ovo, ninfa (quatro estádios, sendo o último denominado de pré-pupa ou pupa) e adulto. O ovo, de coloração amarela, tem formato de pêra e mede cerca de 0,2 a 0,3 mm. As ninfas são translúcidas e apresentam coloração amarela a amarelo-pálida e locomovem-se apenas no primeiro estágio ninfal. Nos demais estádios, o inseto permanece imóvel até a emergência dos adultos.

Danos: na cultura da soja, a mosca branca causa danos diretos pela sucção da seiva provocando alterações no desenvolvimento vegetativo e reprodutivo. Durante a alimentação, a mosca branca excreta substâncias açucaradas que cobrem as folhas, resultando na formação da fumagina. O escurecimento da superfície foliar reduz o processo de fotossíntese, causa a murcha e queda das folhas, antecipando o ciclo da cultura. Todo este processo tem resultado em perdas de rendimento. Os danos indiretos são observados pela transmissão de um vírus, cujo sintoma é a necrose da haste. Dependendo do nível populacional da mosca branca, as perdas de produção podem atingir 100%. Em avaliações realizadas em diversas lavouras de soja, foi possível detectar 45% de perdas de rendimento.

Controle: diversas práticas podem ser usadas para auxiliar no controle da mosca branca. As medidas de maior efetividade são a limitação das datas de plantio e a eliminação de plantas voluntárias ou daninhas, visando impedir a manutenção da população da praga.

Com a irrigação por pivô central, houve uma ampliação nas épocas de plantio da cultura. Recentemente, além de outubro/novembro (época normal), têm sido constatados plantios de soja em abril/maio, para a produção de sementes, e em setembro, sob irrigação. Quando a soja entra na fase de maturação, a população da mosca branca desenvolvida em diferentes épocas de plantio começa o processo de migração, buscando novas plantas hospedeiras, colonizando, assim, as culturas em desenvolvimento. A limitação das datas de plantio reduz a possibilidade de migração do inseto em áreas de final de ciclo para áreas de início de desenvolvimento da cultura.

Recomenda-se a eliminação de plantas voluntárias de soja, provenientes de grãos perdidos durante a colheita, reduzindo a oferta de alimentos e a multiplicação e manutenção da praga. A eliminação de plantas voluntárias de soja pode ser realizada por processo químico (dessecação) ou através da incorporação com a grade.

No sistema de plantio direto da soja, em áreas com plantas daninhas, altamente infestadas por mosca branca, recomenda-se realizar a dessecação e o pousio por duas semanas antes da semeadura. Em outras culturas, o controle químico é realizado preventivamente, via tratamento de sementes. A cultura fica protegida durante o período residual de cada produto, controlando a população de adultos migrantes. Com o controle efetivo de adultos, o crescimento populacional da praga é menor, em função de redução na postura de ovos e, conseqüentemente, na eclosão de ninfas.

#### **10.4 Manuseio de inseticidas e descarte de embalagens**

- ♦ Utilizar inseticidas devidamente registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), para uso na cultura da soja e para a

praga-alvo que deseja controlar. O número do registro consta no rótulo do produto.

- ♦ Usar equipamento de proteção individual (EPI) apropriado, em todas as etapas de manuseio de agrotóxicos (abastecimento do pulverizador, aplicação e lavagem de equipamentos e embalagens), a fim de evitar possíveis intoxicações.
- ♦ Não fazer mistura em tanque, de dois inseticidas, ou de inseticida (s) com outro (s) agrotóxico (s), procedimento proibido por lei (Instrução Normativa do MAPA nº 46, de julho de 2002).
- ♦ Evitar aplicações em dias ou em horários com ventos fortes, visando reduzir a deriva dos jatos, tornando mais eficiente a aplicação e reduzindo possíveis contaminações de áreas vizinhas.
- ♦ Observar o período de carência do produto (período compreendido entre a data da aplicação e a colheita da soja), principalmente no controle de pragas de final de ciclo da cultura (percevejos, por exemplo).
- ♦ Ler com atenção o rótulo e a bula do produto e seguir todas as orientações e os cuidados com o descarte das embalagens.
- ♦ Devolver as embalagens vazias (após a tríple lavagem das embalagens de produtos líquidos), no prazo de um ano após a compra do produto, ao posto de recebimento indicado na nota fiscal de compra, conforme legislação do MAPA (Lei 9.974, de 06/06/2000 e Decreto 4.074, de 04/01/2002).



## 11.1 Considerações gerais

Entre os principais fatores que limitam a obtenção de altos rendimentos em soja estão as doenças. Aproximadamente 40 doenças causadas por fungos, bactérias, nematóides e vírus já foram identificadas no Brasil. Esse número continua aumentando com a expansão da soja para novas áreas e como consequência da monocultura. A importância econômica de cada doença varia de ano para ano e de região para região, dependendo das condições climáticas de cada safra. As perdas anuais de produção por doenças são estimadas em cerca de 15% a 20%, entretanto, algumas doenças podem ocasionar perdas de quase 100%.

Na safra 2001/2002 uma nova doença, a ferrugem asiática da soja causada pelo fungo *Phakopsora pachyrhizi*, foi detectada desde o Rio Grande do Sul até o Mato Grosso e na safra seguinte espalhou-se em praticamente todas regiões produtoras representando uma ameaça para a cultura em função dos prejuízos causados e do aumento de custo de produção para seu controle.

A expansão de áreas irrigadas nos Cerrados tem possibilitado o cultivo da soja no outono/inverno para a produção de sementes. Esse cultivo favorece a sobrevivência dos fungos causadores da antracnose, da ferrugem, do cancro da haste, da podridão branca da haste, da podridão vermelha da raiz e dos nematóides de galhas e do de cisto. Os cultivos do feijão, da ervilha, da melancia e do tomate, que são também realizados sob irrigação na mesma época, são afetados pela podridão branca da haste, pela podridão radicular e mela de rizoctonia (*R. solani*) e pelos nematóides de galhas e nematóide de cisto (feijão e ervilha), aumentando o potencial de inóculo desses patógenos para a safra seguinte de soja.

A maioria dos patógenos é transmitida através das sementes e, portanto, o uso de sementes sadias ou o tratamento das sementes é essencial para

a prevenção ou a redução das perdas. Os exemplos mais evidentes de doenças que são disseminadas através das sementes são a antracnose (*Colletotrichum truncatum*), a seca da haste e vagem (*Phomopsis* spp.), a mancha púrpura da semente e o crestamento foliar de cercóspera (*Cercospora kikuchii*), a mancha “olho-de-rã” (*Cercospora sojina*), a mancha parda (*Septoria glycines*) e o cancro da haste (*Diaporthe phaseolorum* f.sp. *meridionalis*).

O nematóide de cisto da soja (*Heterodera glycines*), identificado pela primeira vez na Região dos Cerrados em 1991/92, na safra 1996/97 já havia sido constatado em mais de 60 municípios brasileiros nos estados do Rio Grande do Sul, do Paraná, de São Paulo, de Goiás, de Minas Gerais, do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul. A cada safra, diversos municípios são acrescentados à lista de municípios atingidos, representando um grande desafio para a pesquisa, a assistência técnica e o produtor.

## 11.2 Doenças identificadas no Brasil

As seguintes doenças da soja foram identificadas no Brasil. Suas ocorrências podem variar de esporádicas ou restritas a incidência generalizada nacionalmente. São relacionados os nomes comuns e seus respectivos agentes para as doenças causadas por fungos, bactérias, vírus e nematóides. A identificação das doenças e a avaliação das perdas geralmente exigem treinamentos especializados.

### 11.2.1 Doenças fúngicas

#### 11.2.1.1 Doenças foliares

Crestamento foliar de cercóspera .....	<i>Cercospora kikuchii</i>
Ferrugem americana .....	<i>Phakopsora meibomiae</i>
Ferrugem asiática.....	<i>Phakopsora pachyrhizi</i>
Mancha foliar de altenária .....	<i>Alternaria</i> sp.
Mancha foliar de ascoquita.....	<i>Ascochyta sojae</i>

Mancha foliar de mirotécio .....	<i>Myrothecium roridum</i>
Mancha parda.....	<i>Septoria glycines</i>
Mancha “olho-de-rã” .....	<i>Cercospora sojina</i>
Míldio .....	<i>Peronospora manshurica</i>
Mancha foliar de filosticta .....	<i>Phyllosticta sojicola</i>
Mancha alvo .....	<i>Corynespora cassiicola</i>
Mela ou requeima da soja .....	<i>Rhizoctonia solani</i> (anamórfica); <i>Thanatephorus cucumeris</i> (teleomórfica)
Oídio.....	<i>Erysiphe diffusa</i>

### 11.2.1.2 Doenças da haste, vagem e semente

Antracnose .....	<i>Colletotrichum truncatum</i>
Cancro da haste .....	<i>Diaporthe phaseolorum</i> f.sp. <i>meridionalis</i> (teleomórfica); <i>Phomopsis</i> <i>phaseoli</i> f.sp. <i>meridionalis</i> (anamórfica)
Mancha púrpura da semente.....	<i>Cercospora kikuchii</i>
Seca da haste e da vagem.....	<i>Phomopsis</i> spp.
Seca da vagem.....	<i>Fusarium</i> spp.
Mancha de levedura .....	<i>Nematospora corily</i>
Podridão branca da haste .....	<i>Sclerotinia sclerotiorum</i>

### 11.2.1.3 Doenças radiculares

Podridão de carvão .....	<i>Macrophomina phaseolina</i>
Podridão parda da haste .....	<i>Phialophora gregata</i>
Podridão de fitóftora .....	<i>Phytophthora sojae</i>
Podridão radicular de cilindrocládio.....	<i>Cylindrocladium clavatum</i>
Tombamento de esclerócio.....	<i>Sclerotium rolfsii</i>
Murcha de esclerócio .....	<i>Sclerotium rolfsii</i>
Tombamento de rizoctonia .....	<i>Rhizoctonia solani</i>
Morte em reboleira .....	<i>Rhizoctonia solani</i>
Podridão da raiz e da base da haste.....	<i>Rhizoctonia solani</i>
Podridão vermelha da raiz (síndrome da morte súbita - PVR/SDS).....	<i>Fusarium tucumaniae</i>
Podridão radicular de rosélinia.....	<i>Rosellinia</i> sp.
Podridão radicular de corinéspora.....	<i>Corynespora cassiicola</i>

### 11.2.2 Doenças bacterianas

Crestamento bacteriano .....	<i>Pseudomonas savastanoi</i> pv. <i>glycinea</i>
Pústula bacteriana.....	<i>Xanthomonas axonopodis</i> pv. <i>glycines</i>
Fogo selvagem.....	<i>Pseudomonas syringae</i> pv. <i>tabaci</i>

### 11.2.3 Doenças causadas por vírus

Mosaico comum da soja.....	VMCS (vírus do mosaico comum da soja)
Queima do broto.....	VNBF (vírus da necrose branca do fumo)
Mosaico amarelo do feijoeiro...	VMAF (vírus do mosaico amarelo do feijoeiro)
Mosaico cálico.....	MVA (vírus do mosaico da alfafa)
Necrose da haste .....	Vírus da necrose da haste da soja (carlavírus)

### 11.2.4 Doenças causadas por nematóides

Nematóides de galhas.....	<i>Meloidogyne incognita</i>
Nematóide de galha .....	<i>Meloidogyne javanica</i>
Nematóide de galha .....	<i>Meloidogyne arenaria</i>
Nematóide de cisto da soja .....	<i>Heterodera glycines</i>
Nematóide reniforme .....	<i>Rotylenchulus reniformis</i>

### 11.2.5 Doenças de causa não definida

Necrose da base do pecíolo (pulvino)..... etiologia não definida

## 11.3 Principais doenças e medidas de controle

O controle das doenças através de resistência genética é a forma mais eficaz e econômica. Entretanto, para um grande número delas não existem cultivares resistentes (ex. podridão branca da haste, tombamento e podridão radicular de rizoctonia) ou o número de cultivares resistentes é limitado (ex. nematóides de galhas e nematóide de cisto). Portanto, a convivência

econômica com as doenças depende da ação de vários fatores de um sistema integrado de manejo da cultura.

### **Ferrugem (*Phakopsora pachyrhizi* e *P. meibomiae*)**

A ferrugem da soja é causada por duas espécies de fungo do gênero *Phakopsora*: *P. meibomiae*, causadora da ferrugem “americana”, que ocorre naturalmente em diversas leguminosas desde Porto Rico, no Caribe, ao sul do Estado do Paraná (Ponta Grossa) e *P. pachyrhizi*, causadora da ferrugem “asiática”, presente na maioria dos países que cultivam a soja e, a partir da safra 2000/01, também no Brasil e no Paraguai. A distinção das duas espécies é feita através da morfologia de teliósporos e da análise do DNA.

Ferrugem “americana” - Identificada no Brasil, em Lavras (MG), em 1979. Sua ocorrência é mais comum no final da safra, em soja “safrinha” (outono/inverno) e em soja guaxa, estando restrita às áreas de clima mais ameno. O fungo *P. meibomiae* raramente causa danos econômicos. Além da soja, o fungo infecta diversas leguminosas, sendo mais freqüentemente observado em soja perene (*Neonotonia wightii*).

Ferrugem “asiática” - Constatada pela primeira vez, no Continente Americano, no Paraguai, em 5 de março e no Estado do Paraná, em 26 de maio de 2001. Atualmente, foi identificada em praticamente todas as regiões produtoras de soja, exceto no Estado de Roraima. A doença é favorecida por chuvas bem distribuídas e longos períodos de molhamento. A temperatura ótima para o seu desenvolvimento varia entre 18° e 26,5°C. Em condições ótimas, as perdas na produtividade podem variar de 10% a 80%.

**Sintomas** - Podem aparecer em qualquer estágio de desenvolvimento da planta. Os primeiros sintomas são caracterizados por minúsculos pontos (no máximo 1 mm de diâmetro) mais escuros do que o tecido sadio da folha, com coloração esverdeada a cinza-esverdeada, com correspondente protuberância (urédia), na página inferior da folha. As urédias adquirem cor castanho-clara a castanho-escuro, abrem-se em um minúsculo poro, expelindo os esporos hialinos que se acumulam ao redor dos poros e são carregados pelo vento. O tecido da folha ao redor das urédias adquire coloração castanho-clara a castanho-avermelhada.

A ferrugem pode também ser facilmente confundida com as lesões iniciais de mancha parda (*Septoria glycines*) que forma um halo amarelo ao redor da lesão necrótica, que é angular e castanho-avermelhada. Em ambos os casos, as folhas infectadas amarelam, secam e caem prematuramente. Outras doenças com que a ferrugem pode ser confundida são o crestamento bacteriano (*Pseudomonas savastanoi* pv. *glycinea*) e a pústula bacteriana (*Xanthomonas axonopodis* pv. *glycines*). A diferenciação das doenças é feita através da observação das estruturas de reprodução do fungo (urédias), no verso da folha. No caso da pústula bacteriana, há presença de saliência, porém a mesma não apresenta abertura.

Para melhor visualização das lesões, deve-se tomar uma folha suspeita e olhá-la através do limbo foliar pela face superior (adaxial), contra um fundo claro (o céu, por exemplo). Uma vez localizado o ponto suspeito (1-2 mm de diâmetro), observar o ponto escuro pela face inferior (abaxial) da folha verificando, com uma lupa de 10x a 30x de aumento, ou sob microscópio estereoscópico, a presença de urédias.

Uma forma de facilitar a visualização da presença do fungo nas lesões, vistas pela face inferior da folha (abaxial), consiste em coletar folhas suspeitas de terem a ferrugem, colocá-las em saco plástico antes que murchem e mantê-las em incubação por um período de 12 a 24 horas sobre a mesa de trabalho. Caso a umidade do ambiente no momento da coleta seja muito baixa, borrifar um pouco de água sobre as folhas ou colocar papel umedecido para mantê-las túrgidas. Não colocar folha com excesso de umidade no saco plástico. Após o período de incubação, observar a presença de urédias com o auxílio de uma lupa.

**Modo de disseminação** - A disseminação da ferrugem é feita principalmente através da dispersão dos uredósporos pelo vento.

**Efeitos da ferrugem** - A infecção por *P. pachyrhizi* causa rápido amarelecimento ou bronzeamento e queda prematura das folhas. Quanto mais cedo ocorrer a desfolha, menor será o tamanho dos grãos e, conseqüentemente, maior a perda do rendimento e da qualidade (grãos verdes). Em casos severos, quando a doença atinge a soja na fase de formação das vagens ou no início da granação, pode causar o aborto e a queda das vagens, resultando em até perda total do rendimento. Elevadas perdas de

rendimento têm sido registradas na Austrália (80%), na Índia (90%) e em Taiwan (70%-80%). No Brasil, reduções de produtividade de até 70% têm sido observadas, quando se comparam áreas tratadas e não tratadas com fungicidas. As regiões onde a doença tem sido mais agressiva têm variado de safra para safra, em função das condições climáticas.

**Manejo** - A doença foi constatada em praticamente todas regiões produtoras, com exceção do Estado de Roraima e sua agressividade depende das condições climáticas. Para reduzir o risco de danos, sugere-se o uso de cultivares de ciclo precoce e sementeiras no início da época recomendada, para evitar a maior carga de esporos do fungo que irá iniciar a multiplicação nas primeiras sementeiras. Fungos causadores de ferrugens são classificadas como biotróficos, ou seja, necessitam do hospedeiro vivo para sobreviver e se multiplicar. Portanto a sobrevivência de *P. pachyrhizi*, na entre-safra, tem ocorrido em cultivos de soja sob irrigação no inverno, na região dos Cerrados (Mato Grosso e Tocantins) e na Região Nordeste (Maranhão), mas pode também ocorrer em hospedeiros alternativos, pois *P. pachyrhizi* infecta 95 espécies de plantas, em mais de 42 gêneros. O monitoramento da doença e sua identificação nos estádios iniciais são essenciais para a utilização eficiente do controle químico, devendo ser realizada a vistoria freqüente da lavoura. A Tabela 11.3 apresenta os fungicidas registrados para controle, aprovados na Reunião de Pesquisa de Soja da Região Central do Brasil realizada em Uberaba, MG, 2006. A coluna de agrupamento acrescentada na tabela foi realizada com base nos ensaios em rede durante as safras 2003/04, 2004/05 e 2005/06 por instituições de pesquisa públicas e privadas, universidades, fundações e cooperativas.

Embora os produtos tenham sido agrupados por eficiência, através da análise conjunta dos resultados em diferentes locais, é importante salientar que os mesmos podem ter eficiência semelhante no campo quando houver baixa pressão da doença. A diferença de eficiência dos produtos é mais fácil de ser observada em situações onde a doença é mais agressiva.

A aplicação deve ser feita após os sintomas iniciais da doença, no terço inferior das plantas (traços da doença) na lavoura ou preventivamente. A decisão sobre o momento de aplicação (sintomas iniciais ou preventiva) deve ser técnica e baseada na presença da ferrugem na região, no estádio

fenológico da cultura, nas condições climáticas e na logística de aplicação (disponibilidade de equipamentos e no tamanho da propriedade). Após a constatação do fungo na região, a orientação é que o produtor utilize produtos registrados que apresentaram controle superior a 80%, nos ensaios em rede realizados no Brasil (produtos discriminados como \*\* e \*\*\* no agrupamento). A formação de três grupos, no caso da ferrugem, não implica em flexibilidade na sua aplicação para o controle. O atraso na aplicação, após constatados os sintomas iniciais, pode acarretar em redução de produtividade, caso a condição climática favoreça o progresso da doença.

Para realizar o monitoramento, deve-se considerar que a doença se inicia pelas folhas inferiores da planta, devendo o monitoramento sempre ser realizado a partir do terço inferior das plantas. O número e a necessidade das re-aplicações vão ser determinados pelo estágio inicial em que for identificada a doença na lavoura, pelo residual dos produtos e pelas condições climáticas. O monitoramento das lavouras é recomendado a partir da emissão das primeiras folhas no estágio vegetativo, uma vez que a doença pode ocorrer em qualquer estágio fenológico da cultura, (o monitoramento deve ser intensificado e quase diário, nas semeaduras mais tardias e uma vez detectada a ferrugem na região).

Até o momento, não há cultivares resistentes à esta doença.

### **Doenças de final de ciclo (*Septoria glycines* e *Cercospora kikuchii*)**

Sob condições favoráveis, as doenças foliares de final de ciclo, causadas por *Septoria glycines* (mancha parda) e *Cercospora kikuchii* (crestamento foliar de cercóspora), podem causar reduções de rendimento em mais de 20%. Ambas ocorrem na mesma época e, devido às dificuldades para avaliá-las individualmente, são consideradas como o “complexo de doenças de final de ciclo”. O fungo *C. kikuchii* também causa a mancha púrpura na semente, reduzindo a qualidade e a germinação. As perdas serão maiores se forem associados aos danos causados por outras doenças (ex. cancro da haste, antracnose, nematóides de galhas, nematóide de cisto, podridão branca da haste).

A incidência dessas doenças pode ser reduzida através da integração do tratamento químico das sementes e a rotação da soja com espécies não suscetíveis, como o milho e a sucessão com o milheto. Desequilíbrios nutricionais e baixa fertilidade do solo tornam as plantas mais suscetíveis, podendo ocorrer severa desfolha antes mesmo de a soja atingir a meia grana (estádio de desenvolvimento R5.4) (Tabela 11.2). A Tabela 11.4 apresenta os fungicidas recomendados para controle. A aplicação deve ser feita entre os estádios R5.1 e R5.3 se as condições climáticas estiverem favoráveis à ocorrência das doenças, isto é, chuvas freqüentes e temperaturas variando de 22° a 30°C. A ocorrência de veranico durante o ciclo da cultura reduz a incidência, tornando desnecessária a aplicação de fungicidas.

### **Mancha “olho-de-rã” (*Cercospora sojina*)**

Identificada pela primeira vez em 1971, a mancha “olho-de-rã” chegou a causar grandes prejuízos na Região Sul e nos Cerrados. No momento, está sob controle devido ao uso de cultivares resistentes (Tabela 11.1), sendo raramente observada. Devido à capacidade do fungo em desenvolver raças (25 raças já foram identificadas no Brasil), é importante que, além do uso de cultivares resistentes, haja também a diversificação regional de cultivares, com fontes de resistência distintas.

O uso de cultivares resistentes e o tratamento de sementes com fungicidas, de forma sistemática, são fundamentais para o controle da doença e para evitar a introdução do fungo ou de uma nova raça de *C. sojina* em áreas onde ela não esteja presente.

### **Oídio (*Erysiphe diffusa*)**

O oídio é uma doença que, a partir da safra 1996/97, tem apresentado severa incidência em diversas cultivares em todas as regiões produtoras, desde os Cerrados ao Rio Grande do Sul. As lavouras mais atingidas podem ter perdas de rendimento de até 40%.

Esse fungo infecta diversas espécies de leguminosas. É um parasita obrigatório que se desenvolve em toda a parte aérea da soja, como folhas,

hastes, pecíolos e vagens (raramente observada). O sintoma é expresso pela presença do fungo nas partes atacadas e por uma cobertura representada por uma fina camada de micélio e esporos (conídios) pulverulentos que podem ser pequenos pontos brancos ou cobrir toda a parte aérea da planta, com menor severidade nas vagens. Nas folhas, com o passar dos dias, a coloração branca do fungo muda para castanho-acinzentada, dando a aparência de sujeira em ambas as faces. Sob condição de infecção severa, a cobertura de micélio e a frutificação do fungo, além do dano direto ao tecido das plantas, diminui a fotossíntese. As folhas secam e caem prematuramente, dando à lavoura aparência de soja dessecada por herbicida, ficando com uma coloração castanho-acinzentada a bronzeada. Na haste e nos pecíolos, as estruturas do fungo adquirem coloração que varia de branca a bege, contrastando com a epiderme da planta, que adquire coloração arroxeada a negra. Em situação severa e em cultivares altamente suscetíveis, a colonização das células da epiderme das hastes impede a expansão do tecido cortical e, simultaneamente, causa o engrossamento do lenho, rachadura das hastes e cicatrizes superficiais.

A infecção pode ocorrer em qualquer estágio de desenvolvimento da planta, porém, é mais visível por ocasião do início da floração, sendo comum em região com temperaturas amenas. Em condições controladas, temperaturas entre 18° e 24°C favorecem a doença.

As reações das cultivares indicadas no Brasil estão apresentadas na Tabela 11.1. Houve grande variação na reação de algumas cultivares entre as localidades onde foram feitas as avaliações. Essas variações podem indicar a existência de variabilidade (raças fisiológicas) entre as populações do fungo de diferentes localidades.

O método mais eficiente de controle do oídio é através do uso de cultivares resistentes. Devem ser utilizadas as cultivares que sejam resistentes (R) a moderadamente resistentes (MR) ao fungo. Outra forma de evitar perdas por oídio é não semear cultivares suscetíveis nas épocas mais favoráveis à ocorrência da doença, tais como semeaduras tardias ou safrinha e cultivo sob irrigação no inverno. O controle químico, através da aplicação de fungicidas foliares (Tabela 11.5) poderá ser utilizado. Na tabela de fungicidas para controle do oídio foi acrescentada a coluna de agrupamento, baseada em ensaios realizados durante as safras 2003/04 e 2004/05, por

instituições de pesquisa públicas e privadas, universidades, fundações e cooperativas. Para o controle de oídio nos estádios iniciais indica-se usar preferencialmente o enxofre (2 kg i.a./ha). O momento da aplicação depende do nível de infecção e do estágio de desenvolvimento da soja. A aplicação deve ser feita quando o nível de infecção atingir de 40% a 50% da área foliar da planta como um todo.

### **Mela da soja (*Rhizoctonia solani* AG1)**

A “mela da soja” ocorre principalmente nos estados do Mato Grosso, do Maranhão, de Tocantins e de Roraima, causando reduções médias de produtividade de 30%, podendo chegar a 60%, em situações de extrema favorabilidade climática.

A doença se desenvolve bem em condições de temperatura entre 25°C e 30°C e umidade relativa do ar acima de 80%. Condição de clima chuvoso e a frequência e a distribuição das chuvas durante o ciclo da cultura são fatores determinantes para o desenvolvimento da doença. O fungo sobrevive no solo através de esclerócios, saprofiticamente em restos de cultura, e em hospedeiros alternativos ou eventuais. A disseminação, a partir do inóculo primário, ocorre principalmente através de respingos de chuva, carreando fragmentos de micélio ou esclerócios para folhas e pecíolos de plantas jovens, antes do fechamento das entrelinhas na lavoura. Inóculo secundário é formado pelo crescimento micelial e pela formação de microesclerócios, com disseminação por contato de folha com folha e de planta com planta.

Toda a parte aérea da planta é afetada, principalmente as folhas do terço médio, surgindo inicialmente lesões encharcadas, de coloração pardo-avermelhada a roxa, evoluindo rapidamente para marrom-escura a preta. As lesões podem ser pequenas manchas ou tomar todo o limbo foliar, em forma de murcha ou podridão mole. Folhas infectadas normalmente ficam aderidas a outras folhas ou hastes através do micélio do fungo que, rapidamente, se dissemina para tecidos sadios. Em condições favoráveis, ocorre desenvolvimento micelial do patógeno sobre a planta. Sob baixa umidade, as lesões ficam restritas a manchas necróticas marrons. Nas hastes, nos

pecíolos e nas vagens, normalmente aparecem manchas castanho-avermelhadas. Em vagens novas, flores e rácermos florais pode ocorrer completa podridão e, em condições favoráveis é comum haver abundante produção de microesclerócios nos tecidos infectados. As infecções podem ocorrer em qualquer estágio da cultura.

No Brasil, a doença é causada, predominantemente, pelo subgrupo IA do grupo 1 de anastomose (AG1) de *R. solani* (AG1-IA), podendo ocorrer o AG1-IB, em Roraima.

O controle da “mela da soja” é mais eficiente quando se adotam medidas integradas, envolvendo práticas como semeadura direta, nutrição equilibrada das plantas (principalmente K, S, Zn, Cu e Mn), rotação de culturas não hospedeiras, redução da população de plantas, eliminação de plantas daninhas e restevras de soja e controle químico. Existe um produto registrado no MAPA (piraclostrobina + epoxiconazole - 79,8g + 30g i.a./ha) para controle da doença. Experimentalmente, foi observada a eficiência de controle com alguns fungicidas do grupo das estrubilurinas isoladamente ou em mistura com triazóis. A utilização de cobertura morta do solo, através do sistema de semeadura direta, é uma das medidas que tem se mostrado mais eficiente, por evitar os respingos de chuva que levam os propágulos do fungo para as folhas e hastes. Não há cultivares resistentes.

### **Cancro da haste (*Diaporthe phaseolorum* f.sp. *meridionalis*; *Phomopsis phaseoli* f.sp. *meridionalis*)**

Identificado pela primeira vez na safra 1988/89, no sul do Estado do Paraná e em área restrita no Mato Grosso, na safra seguinte foi encontrado em todas as regiões produtoras de soja do País. Uma vez introduzido na lavoura através de sementes e de resíduos contaminados em máquinas e implementos agrícolas, o fungo multiplica-se nas primeiras plantas infectadas e, posteriormente, durante a entressafra, nos restos de cultura. Iniciando com poucas plantas infectadas no primeiro ano, o cancro da haste pode causar perda total, na safra seguinte.

O fungo é altamente dependente de chuvas para disseminar os esporos dos restos de cultura para as plântulas em desenvolvimento. Quanto mais

freqüentes forem as chuvas nos primeiros 40 a 50 dias após a semeadura, maior a quantidade de esporos do fungo que serão liberados dos restos de cultura e atingirão as hastes das plantas. Após esse período, a soja estará suficientemente desenvolvida e a folhagem estará protegendo o solo e os restos de cultura do impacto das chuvas, portanto, liberando menos inóculo.

Além das condições climáticas, os níveis de danos causados à soja dependem da suscetibilidade, do ciclo da cultivar e do momento em que ocorrer a infecção. Como o cancro da haste é uma doença de desenvolvimento lento (demora de 50 a 80 dias para matar a planta), quanto mais cedo ocorrer a infecção e quanto mais longo for o ciclo da cultivar, maiores serão os danos. Nas cultivares mais suscetíveis, o desenvolvimento da doença é mais rápido, podendo causar perda total. Nas infecções tardias (após 50 dias da semeadura) e em cultivares mais resistentes, haverá menos plantas mortas, com a maioria afetada parcialmente.

A forma mais econômica e eficiente de controle da doença é pelo uso de cultivares resistentes (Tabela 11.1). As seguintes medidas de controle também podem ser utilizados: tratamento de semente, rotação/sucessão de culturas, semeadura com maior espaçamento entre as linhas e entre as plantas e adubação equilibrada. Só utilizar guandu ou tremoço como adubo verde antes da cultura da soja na certeza de utilizar cultivar de soja resistente. Em áreas de semeadura direta, mesmo com histórico de cancro da haste na safra anterior, o uso de cultivares resistentes oferecerá bons rendimentos.

### **Antracnose (*Colletotrichum truncatum*)**

A antracnose é uma das principais doenças da soja nas regiões dos Cerrados. Sob condições de alta umidade, causa apodrecimento e queda das vagens, abertura das vagens imaturas e germinação dos grãos em formação. Pode causar perda total da produção mas, com maior freqüência, causa alta redução do número de vagens. Geralmente, está associada com a ocorrência de diferentes espécies de *Phomopsis*, que causam a seca da vagem e da haste. Além das vagens, o *C. truncatum* infecta a haste e

outras partes da planta, causando manchas castanho escuras. É também possível que seja uma das principais causadoras da necrose da base do pecíolo que, nos últimos anos, tem sido responsável por severas perdas de soja nos Cerrados e cuja etiologia ainda não está esclarecida. Em anos com período prolongado de chuvas, após a semeadura direta da soja, sobre a palha do trigo, em solo compactado, é comum a morte de plântulas nos primeiros trinta dias. Em alguns casos, é necessária a ressemeadura.

A alta intensidade da antracnose nas lavouras dos Cerrados é atribuída à maior precipitação e às altas temperaturas, porém, outros fatores como o excesso de população de plantas, cultivo contínuo da soja, estreitamento nas entrelinhas (35-43 cm), uso de sementes infectadas, infestação e dano por percevejo e deficiências nutricionais, principalmente de potássio, são também responsáveis pela maior incidência da doença.

A redução da incidência de antracnose, nas condições dos Cerrados, só será possível através de rotação de culturas, maior espaçamento entre as linhas (50 a 55 cm), população adequada (250.000 a 300.000 plantas/ha), tratamento químico de semente e manejo adequado do solo, principalmente, com relação à adubação potássica. Observações a campo têm mostrado que, sob semeadura direta e em áreas com cobertura morta, a incidência de antracnose é menos severa. O manejo da população de percevejo é também importante na redução de danos por antracnose. Não há fungicidas registrados no MAPA para controle da doença. Experimentalmente, foi observada a eficiência de controle com alguns fungicidas do grupo dos benzimidazóis isoladamente ou em mistura com triazóis.

### **Seca da haste e da vagem (*Phomopsis* spp.)**

É uma das doenças mais tradicionais da soja e, anualmente, junto com a antracnose, é responsável pelo descarte de grande número de lotes de sementes. Seu maior dano é observado em anos quentes e chuvosos, nos estádios iniciais de formação das vagens e na maturação, quando ocorre o retardamento de colheita por excesso de umidade. Em solos com deficiência de potássio, o fungo causa sério abortamento de vagens, geralmente associado com a antracnose, resultando em haste verde e

retenção foliar. Cultivares precoces com maturação no período chuvoso são severamente danificadas.

Sementes armazenadas sob condições de temperaturas amenas, durante a entressafra, mantêm por mais tempo a viabilidade de *Phomopsis sojae* e de *Phomopsis* spp. Sementes superficialmente infectadas por *Phomopsis* spp., quando semeadas em solo úmido, geralmente emergem, porém, o fungo desenvolvido no tegumento impede que os cotilédones se abram e não permite que as folhas primárias se desenvolvam. O tratamento da semente com fungicida resolve o problema.

Para o controle da seca da haste e da vagem, devem ser seguidas as mesmas indicações para a antracnose.

### **Mancha alvo e podridão da raiz (*Corynespora cassiicola*)**

Surtos severos têm sido observados, desde as zonas mais frias do Sul às chapadas dos Cerrados. Cultivares suscetíveis podem sofrer completa desfolha prematura, apodrecimento das vagens e intensas manchas nas hastes. Através da infecção na vagem, o fungo atinge a semente e, desse modo, pode ser disseminado para outras áreas. A infecção, na região da sutura das vagens em desenvolvimento, pode resultar em necrose, abertura das vagens e germinação ou apodrecimento dos grãos ainda verdes. A podridão de raiz causada pelo fungo *C. cassiicola* é também comum, principalmente em áreas de semeadura direta. Todavia, severas infecções em folhas, vagens e hastes, geralmente não estão associadas com a correspondente podridão de raiz. A podridão de raiz é mais freqüente e está aumentando com a expansão das áreas em semeadura direta.

Na Tabela 11.1, são apresentadas as reações das cultivares à mancha alvo baseadas em avaliações a campo e em casa-de-vegetação, com inoculações artificiais.

### **Podridão parda da haste (*Phialophora gregata*)**

Na safra 1988/89, a doença foi constatada pela primeira vez em Passo Fundo (RS) e municípios vizinhos com morte de até 100% das plantas em

algumas lavouras. Na safra 1991/92, além da reincidência severa no Rio Grande do Sul, a doença foi constatada também na região de Chapecó, em Santa Catarina.

A doença é de desenvolvimento lento, matando as plantas na fase de enchimento de grãos. O sintoma característico é o escurecimento castanho escuro a arroxeadado da medula, em toda a extensão da haste e seguida de murcha, amarelecimento das folhas e freqüente necrose entre as nervuras das folhas, caracterizando a folha “carijó”. Essa doença não produz sintoma externo na haste.

Observações preliminares têm indicado a existência de cultivares comerciais com alto grau de resistência na Região Sul. A doença ainda não foi constatada na Região Central do Brasil, estando restrita aos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná; os planaltos dos Cerrados, acima de 800 metros de altitude, podem oferecer condições para o desenvolvimento da podridão parda. Para evitar a introdução da doença nos Cerrados será necessária a adoção de medidas preventivas, como o tratamento com fungicidas das sementes introduzidas daqueles três estados e a limpeza completa dos caminhões, máquinas e implementos agrícolas que se movimentam daquela região para a Região dos Cerrados, nas épocas de semeadura e colheita.

Em áreas afetadas indica-se a rotação com milho ou a semeadura de cultivares de soja que não tenham sido afetadas na região.

### **Podridão vermelha da raiz (PVR) (*Fusarium tucumaniae*)**

Essa doença foi observada pela primeira vez na safra 1981/82, em São Gotardo (MG), e encontra-se disseminado em praticamente todas as regiões produtoras. A podridão vermelha da raiz (PVR) ocorre em reboleiras ou de forma generalizada na lavoura.

O sintoma de infecção na raiz inicia com uma mancha avermelhada, mais visível na raiz principal, geralmente localizada um a dois centímetros abaixo do nível do solo. Essa mancha se expande, circunda a raiz e passa da coloração vermelho arroxeadado para castanho-avermelhado a quase negro. Essa necrose acentuada localiza-se mais no tecido cortical, enquanto que o

lenho da raiz adquire coloração, no máximo, castanho-clara, estendendo-se pelo tecido lenhoso da haste a vários centímetros acima do nível do solo. Nessa fase, observa-se, na parte aérea, o amarelecimento prematuro das folhas e, com maior frequência, uma acentuada necrose entre as nervuras das folhas, resultando no sintoma conhecido como folha “carijó”.

Como medida de manejo da doença recomenda-se evitar semeadura em solos compactados e mal drenados. No Brasil não há cultivares resistentes. Safras chuvosas e semeadura direta favorecem a incidência da doença.

### **Podridão de carvão (*Macrophomina phaseolina*)**

*Macrophomina phaseolina* é uma espécie polífaga, capaz de infectar inúmeras espécies botânicas. Os danos são variáveis com o ano, sendo mais severos em anos secos. Nas lavouras onde o preparo do solo não é adequado, permitindo a formação do pé-de-grade, as plantas desenvolvem sistema radicular mais superficial, não suportando veranicos. A infecção das raízes pode ocorrer desde o início da germinação visto que o patógeno pode ser transmitido por sementes e é um habitante natural dos solos. Lesões no colo da planta são de coloração marrom-avermelhada e superficiais, diferindo daquelas causadas por *Rhizoctonia solani* que são profundas. Radículas infectadas apresentam escurecimento. A evolução da infecção é facilitada por condições de *deficit* hídrico do solo, quando as plantas apresentam fraco desenvolvimento e as folhas ficam cloróticas. Após o florescimento e ocorrendo *deficit* hídrico, as folhas tornam-se inicialmente cloróticas, secam e adquirem coloração marrom, permanecendo aderidas aos pecíolos. Nessa fase, as plantas apresentam raízes de cor cinza, cuja epiderme é facilmente destacada, mostrando massa de microesclerócios negros, nos tecidos imediatamente abaixo.

A formação de picnídios não ocorre em todos os hospedeiros, mas foi descrita em soja, feijão e juta. Os picnídios são globosos e negros.

Em tecidos infectados, o fungo produz microesclerócios, os quais são a principal fonte de inóculo. Os microesclerócios são estruturas multicelulares, duras e resistentes às condições adversas. A longevidade tende a diminuir com o tempo no solo. Em solos úmidos a sobrevivência é reduzida, devido à

baixa oxigenação do solo. Baixo potencial hídrico aumenta a suscetibilidade das plantas e reduz a atividade de microrganismos antagonísticos.

Devido à ação polífaga do fungo a rotação de culturas é uma medida de controle duvidoso. Níveis adequados de P e K auxiliam o desenvolvimento e a resistência das plantas. Adequada cobertura do solo com restos de cultura, acompanhada de bons manejos físico e químico do solo, mostrou-se eficaz, por reduzir o estresse hídrico, diminuindo a predisposição das plantas ao ataque de *M. phaseolina*.

### **Podridão da raiz e da base da haste (*Rhizoctonia solani*)**

Essa doença foi constatada pela primeira vez na safra 1987/88, em Ponta Porã (MS), em Rondonópolis (MT) e em São Gotardo (MG). Na safra 1989/90, foi constatada em Campo Novo dos Parecis, Mato Grosso, em ocorrência esporádica. Na safra 1990/91, foi constatada em Lucas do Rio Verde, Campo Verde e em Alto Garça, Mato Grosso e em Chapadão do Sul, Mato Grosso do Sul.

A doença ocorre em reboleiras. A morte das plantas começa a ocorrer a partir da fase inicial de desenvolvimento das vagens.

O sintoma inicia-se por podridão castanha e aquosa da haste, próximo ao nível do solo e estende-se para baixo e para cima. Em fase posterior, o sistema radicular adquire coloração castanho escura, o tecido cortical fica mole e solta-se com facilidade, expondo um lenho firme e de coloração branca a castanho-clara. Na parte superior, as plantas infectadas apresentam clorose, as folhas murcham e ficam pendentes ao longo da haste. Na parte inferior da haste principal, a podridão evolui, atingindo vários centímetros acima do nível do solo. Inicialmente, de coloração castanho clara e de aspecto aquoso, a lesão torna-se, posteriormente, negra. A área necrosada, geralmente, apresenta ligeiro afinamento em relação à parte superior. O tecido cortical necrosado destaca-se com facilidade, dando a impressão de podridão superficial. Outro sintoma observado é a formação de uma espécie de cancro, em um dos lados da base da haste, com a parte afetada deprimida, estendendo-se a vários centímetros acima do nível do solo.

### **Crestamento bacteriano da soja (*Pseudomonas savastanoi* pv. *glycinea*)**

A doença é comum em folhas, mas pode ser encontrada em outros órgãos da planta, como hastes, pecíolos e vagens. Os sintomas nas folhas surgem como pequenas manchas, de aparência translúcida circundadas por um halo de coloração verde-amarelada. Essas manchas, mais tarde, necrosam, com contornos aproximadamente angulares, e coalescem, formando extensas áreas de tecido morto, entre as nervuras secundárias. A maior ou menor largura do halo está diretamente ligada à temperatura ambiente (largo sob temperaturas amenas ou estreito ou quase inexistente sob temperaturas mais altas).

Na face inferior da folha, as manchas são de coloração quase negra apresentando uma película brilhante nas horas úmidas da manhã, formada pelo exudato da bactéria. Infecções severas, nos estádios jovens da planta, conferem aparência enrugada às folhas, como se houvessem sido infectadas por vírus.

A bactéria está presente em todas as áreas cultivadas com soja no País. A infecção primária pode ter origem em duas fontes: sementes infectadas e restos infectados de cultura anterior. Transmissões secundárias, das plantas doentes para as sadias, são favorecidas por períodos úmidos e temperaturas médias amenas (20°C a 26°C). Dias secos permitem que finas escamas do exudato da bactéria se disseminem dentro da lavoura, mas, para haver infecção o patógeno necessita de um filme de água na superfície da folha. Já foram descritas oito raças fisiológicas deste patógeno no Brasil: R2, R3, R4, R6, R7 (também descritas, anteriormente, nos Estados Unidos) e R10, R11 e R12 (raças novas); a mais comum é a raça R3.

Não há medidas de controle recomendadas para essa doença.

### **Mosaico comum da soja (vírus do mosaico comum da soja - VMCS)**

O VMCS causa redução do porte das plantas de soja, afetando o tamanho e o formato dos folíolos, com escurecimento da coloração e enrugamentos. Em alguns casos, há formação de bolhas no limbo foliar. O VMCS causa

também redução do tamanho das vagens e sementes e prolongamento do ciclo vegetativo, com sintoma característico de haste verde.

Pode causar o sintoma “mancha café” nas sementes, um derramamento do pigmento do hilo. O vírus se transmite pela semente, no entanto, a porcentagem de transmissão depende da estirpe do vírus e da cultivar de soja. As taxas de transmissão das estirpes comuns, na maioria das cultivares de soja suscetíveis, têm sido menores do que 5%. O VMCS dissemina-se no campo através dos pulgões. Embora nenhuma espécie de pulgão seja parasita da soja no Brasil, as picadas de prova permitem que o vírus seja disseminado a partir das sementes de plantas infectadas.

O controle desta virose tem sido obtido pelo uso de cultivares resistentes (Tabela 11.1).

### **Necrose da haste da soja (*Cowpea mild mottle virus* - CPMMV)**

A necrose da haste da soja (VNHS) foi inicialmente identificada no sudoeste de Goiás, na safra 2000/01. Atualmente, já foi diagnosticada em lavouras do MT, da BA, do MA e recentemente, do PR. As plantas de soja atacadas pelo vírus, na fase inicial da lavoura, apresentam curvatura e queima do broto, podendo morrer ou originar plantas anãs, com folhas deformadas. Quando a infecção é mais tardia, nem todas as plantas morrem, mas há redução do número de vagens formadas, as quais podem apresentar pequenas lesões superficiais circulares e escuras ou lesões que cobrem toda a vagem. Corte longitudinal da haste mostra escurecimento da medula. Esse escurecimento pode ser leve ou severo. As sementes podem ter seu tamanho reduzido. As plantas desenvolvem a necrose da haste, principalmente, após a floração. As folhas localizadas nos nós inferiores da planta apresentam aspecto de mosaico, com diferentes tonalidades de verde, variando desde o esmaecido ao verde normal das folhas, e facilitam o diagnóstico no campo. As cultivares suscetíveis podem apresentar perda total da produção. O vírus é transmitido pela mosca branca. No entanto, devido ao grande fluxo dos insetos nas lavouras, o controle químico é insatisfatório. A incidência de plantas mortas depende da população de mosca branca e da presença

de plantas hospedeiras. Ainda não são conhecidas as espécies vegetais onde o vírus se mantém, na entre-safra.

O vírus não se transmite pelas sementes, em testes com cultivares suscetíveis. O controle pode ser obtido com o cultivo de cultivares tolerantes (Tabela 11.1). Algumas cultivares, denominadas desuniformes, apresentam até 15% de plantas suscetíveis. Mas essa incidência não causou perdas significativas no campo.

### **Nematóides de galhas (*Meloidogyne* spp.)**

O gênero *Meloidogyne* compreende um grande número de espécies. Entretanto, *M. incognita* e *M. javanica* são aquelas que mais limitam a produção de soja no Brasil. *M. javanica* tem ocorrência generalizada, enquanto *M. incognita* predomina em áreas cultivadas anteriormente com café ou algodão.

Nas áreas onde ocorrem, observam-se manchas em reboleiras nas lavouras, onde as plantas de soja ficam pequenas e amareladas. As folhas das plantas afetadas normalmente apresentam manchas cloróticas ou necroses entre as nervuras, caracterizando a folha “carijó”. Às vezes, pode não ocorrer redução no tamanho das plantas, mas, por ocasião do florescimento, nota-se intenso abortamento de vagens e amadurecimento prematuro das plantas atacadas. Em anos em que acontecem “veranicos”, na fase de enchimento de grãos, os danos tendem a ser maiores. Nas raízes das plantas atacadas observam-se galhas em números e tamanhos variados, dependendo da suscetibilidade da cultivar de soja e da densidade populacional do nematóide.

Para culturas de ciclo curto como a soja, todas as medidas de controle devem ser executadas antes da semeadura. Ao constatar que uma lavoura de soja está atacada, o produtor nada poderá fazer naquela safra. Todas as observações e todos os cuidados deverão estar voltados para os próximos cultivos na área. O primeiro passo é a identificação correta da espécie de *Meloidogyne* predominante na área. Amostras de solo e raízes de soja com galhas devem ser coletadas em pontos diferentes da reboleira, até formar uma amostra composta de cerca de 500 g de solo e pelo menos uns cinco

sistemas radiculares de soja. A amostra, acompanhada do histórico da área, deve ser encaminhada, o mais rapidamente possível, a um laboratório de Nematologia. A partir do conhecimento da espécie de *Meloidogyne* é que se poderá montar um programa de manejo.

Para o controle dos nematóides de galhas, podem ser utilizadas, de modo integrado, várias estratégias. Entretanto, as medidas de controle mais eficientes são a rotação/sucessão com culturas não ou más hospedeiras e a utilização de cultivares de soja resistentes.

A rotação de culturas deve ser bem planejada, uma vez que a maioria das espécies cultivadas multiplicam os nematóides de galhas. O cultivo prévio de espécies hospedeiras aumenta os danos na soja semeada na seqüência. Da mesma forma, a presença de plantas daninhas na área também possibilita a reprodução e a sobrevivência dos mesmos. A escolha da rotação deve se basear também na viabilidade técnica e econômica da cultura na região, sendo bastante variável de um local para outro. Para recuperação da matéria orgânica e da atividade microbiana do solo e possibilitar o crescimento da população de inimigos naturais dos nematóides, também é importante incluir, na rotação/sucessão, adubos verdes resistentes à espécie do nematóide presente. A adubação verde com *Crotalaria spectabilis*, *C. grantiana*, *C. mucronata*, *C. paulinea*, mucuna preta, mucuna cinza ou nabo forrageiro contribui para a redução populacional de ambas, *M. javanica* e *M. incognita*. Em áreas infestadas por *M. javanica*, indica-se a rotação da soja com amendoim, algodão, sorgo resistente (AG 2005-E, AG 2501-C, DAS IG 200, etc), mamona ou milho resistente (A 2288, A 2555, AG 3010, AG 5011, AG 6018, AG 9020, AG 9090, DKB 215, DKB 747, DOW 657, DOW 2A120, DOW 2C577, DOW 8460, DOW 8480, Speed, Fort, Pointer, Tork, Master, Exeler, Tractor, Plemium, Avant, Flash, P 30F88, P 3027, P 30F33, P 30F80, P 32R21, P 3081, P 3071, SHS 4070, SHS 4080, SHS 7070, NB 7302, Maximus, dentre outros). Quando *M. incognita* for a espécie predominante na área, poderão ser semeados o amendoim ou milho resistente (AG 9090, BRS 2114, DOW 657, DOW 2C577, DOW 2A120, P 30F80, P 30F33, P 3027, SHS 4080, SHS 7070, dentre outros).

O método de controle mais eficiente, barato e de mais fácil assimilação pelos agricultores é o uso de cultivares resistentes. Atualmente, várias cultivares

de soja resistentes a *M. incognita* e/ou *M. javanica* estão disponíveis no Brasil (Tabela 11.1). Quase todas são descendentes de uma única fonte de resistência, a cultivar norte-americana 'Bragg'. Como os níveis de resistência dessas cultivares não são muito altos, em condições de elevadas populações do nematóide no solo, a utilização da cultivar resistente deverá ser precedida de rotação com uma cultura não hospedeira da espécie de *Meloidogyne* predominante na área.

### **Nematóide de cisto da soja (*Heterodera glycines*)**

O nematóide de cisto da soja (NCS) é uma das principais pragas da cultura pelos prejuízos que pode causar e pela facilidade de disseminação. Ele penetra nas raízes da planta de soja e dificulta a absorção de água e nutrientes condicionando porte e número de vagens reduzidos, clorose e baixa produtividade. Os sintomas aparecem em reboleiras e, em muitos casos, as plantas acabam morrendo. O sistema radicular fica reduzido e infestado por minúsculas fêmeas do nematóide com formato de limão ligeiramente alongado. Inicialmente de coloração branca, a fêmea, posteriormente, adquire a coloração amarela. Após ser fertilizada pelo macho, cada fêmea produz de 100 a 250 ovos, armazenando a maior parte deles em seu corpo. Quando a fêmea morre, seu corpo se transforma em uma estrutura dura denominada cisto, de coloração marrom escura, cheia de ovos, altamente resistente à deterioração e à dessecação e muito leve, que se desprende da raiz e fica no solo.

O cisto pode sobreviver no solo, na ausência de planta hospedeira, por mais de oito anos. Assim, é praticamente impossível eliminar o nematóide nas áreas onde ele ocorre. Em solo úmido, com temperaturas de 20° a 30°C, as larvas eclodem e, se encontrarem a raiz de uma planta hospedeira, penetram e o ciclo se completa em três a quatro semanas. A gama de espécies hospedeiras do NCS é limitada, destacando-se a soja (*Glycine max*), o feijão (*Phaseolus vulgaris*), a ervilha (*Pisum sativum*) e o tremoço (*Lupinus albus*). A maioria das espécies cultivadas, tais como milho, sorgo, arroz, algodão, girassol, mamona, cana-de-açúcar, trigo, assim como as demais gramíneas, são resistentes. O NCS não se reproduz nas plantas daninhas mais comuns nas lavouras de soja, no Brasil.

As estratégias de controle incluem a rotação de culturas, o manejo do solo e a utilização de cultivares de soja resistentes, sendo ideal a combinação dos três métodos. O uso de cultivares resistentes é o método mais econômico e mais eficiente, porém, seu uso exclusivo pode provocar pressão de seleção de raças, devido à grande variabilidade genética desse parasita.

Detectado no Brasil, pela primeira vez, na safra 1991/92, atualmente, estima-se que a área com o nematóide seja superior a 2,0 milhões de ha. Entretanto, existem muitas propriedades isentas do patógeno, localizadas em municípios considerados infestados. Assim, a prevenção deve ser, ainda, a principal estratégia. A disseminação do NCS se dá, principalmente, pelo transporte de solo infestado. Isso pode ocorrer através dos equipamentos agrícolas, das sementes mal beneficiadas que contenham partículas de solo, pelo vento, pela água e até por pássaros que, ao coletar alimentos do solo, podem ingerir junto os cistos. É importante a conscientização dos produtores sobre a necessidade de se fazer boa limpeza nos equipamentos agrícolas, após terem sido utilizados em outras áreas, para evitar a contaminação da propriedade. O trânsito de máquinas, equipamentos e veículos tem sido o principal agente de dispersão do NCS no País. O cultivo de gramíneas perenes (pastagens ou outras) numa pequena faixa de cada lado da estrada pode retardar a introdução do NCS nas lavouras próximas à estrada. A aquisição de sementes beneficiadas, isentas de partículas de solo, também é fundamental para evitar a entrada do nematóide. Atualmente, o Ministério da Agricultura, da Pecuária e Abastecimento permite a comercialização de sementes de soja produzidas em áreas infestadas, desde que sejam submetidas a determinada seqüência de beneficiamento e que sejam acompanhadas por laudo atestando a isenção da presença de cistos. A distribuição desuniforme de cistos no lote de sementes e o tamanho do lote dificultam a obtenção de amostras representativas, o que torna o resultado da análise de valor questionável. Dentro da propriedade, a disseminação do NCS pode ser reduzida pela adoção da semeadura direta.

As cultivares de soja resistentes ao NCS já estão disponíveis e são apresentados na Tabela 11.1. No Brasil, já foram encontradas 11 raças, demonstrando elevada variabilidade genética do nematóide no País

(Tabela 11.6). Portanto, mesmo com a utilização de cultivares resistentes, os sojicultores terão que continuar fazendo rotação de culturas nas áreas infestadas. Isso evitará que o nematóide mude de raça e, assim, a resistência dessas novas cultivares às raças 1 e 3, predominantes nas áreas cultivadas, estará preservada. Um sistema de rotação, que envolva culturas não hospedeiras, cultivar suscetível e cultivar resistente deverá ser adotado, por exemplo, milho-soja resistente-soja susceptível. A rotação da soja com uma espécie não hospedeira, no verão, é o método que vem possibilitando a produção de soja nas áreas infestadas. O milho tem sido a espécie mais utilizada na rotação com a soja. O algodão, o arroz, a mamona, o girassol e a cana, desde que economicamente viáveis, também são boas opções. De modo geral, a substituição da soja, um ano, por uma espécie não hospedeira, proporciona uma redução da população do NCS no solo suficiente para garantir o cultivo da soja por mais um ano, devendo-se continuar a rotação na seqüência, pois a população volta a crescer a níveis de risco. No caso de cultivo de verão por dois ou mais anos consecutivos com espécie não hospedeira, pode-se cultivar soja na área nos dois anos seguintes, sem risco de perda pelo NCS, se o pH do solo estiver nos níveis indicados para a região. Nesse caso, por medida de segurança, indica-se providenciar avaliação da população do nematóide no solo antes do segundo cultivo de soja. Com relação ao cultivo de inverno, em áreas infestadas pelo NCS, indica-se utilizar apenas as espécies não hospedeiras (gramíneas, crucíferas, girassol, mucunas, etc.). O cultivo de espécies hospedeiras no inverno, tais como soja, feijão, tremoço e ervilha permitirá que a população do nematóide se mantenha alta. O NCS reproduz-se na soja germinada a partir de grãos perdidos na colheita (soja “guaxa” ou “tiguera”), aumentando o inóculo para a próxima safra. Portanto, não deve ser permitida a presença de “tiguera” em áreas infestadas.

O manejo adequado do solo (níveis mais altos de matéria orgânica, saturação de bases dentro do indicado para a região, parcelamento do potássio em solos arenosos, adubação equilibrada, suplementação com micronutrientes e ausência de camadas compactadas) ajuda a aumentar a tolerância da soja ao nematóide.

## **Nematóide reniforme (*Rotylenchulus reniformis*)**

A partir do final da década de noventa, o nematóide reniforme vem aumentando em importância na cultura da soja, em especial no centro-sul de Mato Grosso do Sul. Já é considerado um dos principais problemas em Maracaju e Aral Moreira, e está disseminado em outros 19 municípios do Estado. Estima-se que, atualmente, o nematóide ocorra em altas densidades populacionais em municípios que respondem por 29% da área cultivada com soja no Estado.

Os sintomas nas plantas parasitadas por *R. reniformis* diferem um pouco daqueles causados por outros nematóides. Lavouras de soja cultivadas em solos infestados caracterizam-se pela expressiva desuniformidade, com extensas áreas de plantas subdesenvolvidas que, em muito, assemelham-se a problemas de deficiência mineral ou de compactação do solo. Tampouco há ocorrência de reboleiras típicas. Ao serem arrancadas, as raízes parecem permanecer sujas mesmo após serem lavadas em água corrente; isto devido ao fato da argila do solo ficar aderida às massas de ovos dos nematóides.

Ainda, diferentemente das demais espécies que ocorrem na soja, o nematóide reniforme não parece ter sua ocorrência limitada pela textura do solo, ocorrendo tanto em solos arenosos quanto em argilosos. Nestes, normalmente é a espécie predominante. Não raro, os danos são comuns em áreas de boa fertilidade.

As principais alternativas de controle do nematóide reniforme são a rotação/sucessão com culturas não hospedeiras e a utilização de cultivares resistentes. A patogenicidade desse nematóide ao algodoeiro, ao qual é muito danoso, limita os programas de rotação de culturas. O Milho, o arroz, o amendoim e a braquiária, esta com potencial de utilização num esquema de integração lavoura/pecuária, são resistentes e podem ser utilizados em rotação com a soja ou o algodão. Das plantas cultivadas no outono/inverno e utilizadas como coberturas em sistemas de semeadura direta, são resistentes a braquiária, o nabo forrageiro, o sorgo forrageiro, a aveia preta, o milheto e o capim pé-de-galinha. Por outro lado, deve-se evitar o cultivo de amaranto e quinoa, ambos suscetíveis. Como para ambas, espécies vegetais resistentes e suscetíveis, pode existir variação entre os cultivares/

híbridos, testes prévios de hospedabilidade são sempre necessários. Pelo fato de o nematóide reniforme ser muito persistente no solo, dependendo da densidade populacional do nematóide, pode haver necessidade de, pelo menos, dois anos de cultivo com espécie não hospedeira.

Com relação ao uso da resistência genética, normalmente, as principais fontes de resistência ao nematóide de cisto da soja (NCS), exceto a PI 88788, também conferem resistência a *Rotylenchulus reniformis*. Portanto, devem ser exploradas nos programas de melhoramento visando resistência ao mesmo. As cerca de 30 cultivares de soja resistentes ao NCS já liberadas no Brasil (Tabela 11.1), especialmente, aquelas derivadas de 'Peking' ('Custer', 'Forrest', 'Sharkey', 'Lamar', 'Pickett', 'Gordon', 'Stonewall', 'Thomas', 'Foster', 'Kirby' e 'Padre', dentre outras), da PI 90763 ('Cordell') ou da PI 437654 ('Hartwig') têm grande chance de também serem resistentes ao nematóide reniforme. Isso precisa ser comprovado em avaliações, em casa-de-vegetação.

**Tabela 11.1.** Reação das cultivares comerciais de soja ao cancro da haste (C.H.) (*Phomopsis phaseoli* f.sp. *meridionalis*/*Diaporthe phaseolorum* f.sp. *meridionalis*), mancha “olho-de-rã” (*Cercospora soja*) (quatro raças fisiológicas e mistura de raças), mancha alvo (M.a.) (*Corynespora cassicola*), oídio (O.) (*Erysiphe diffusa*), vírus do mosaico comum da soja-VMCS (SMV), vírus da necrose da haste (VNH) e nematóide de galhas (*Meloidogyne javanica* e *M. incognita*) e de cisto (NCS) (*Heterodera glycines*). Embrapa Soja, Londrina, PR. 2006.

Cultivar	Doenças / reação																
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha “olho-de-rã” <sup>2</sup>					M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	Nematóide <sup>7</sup>						
		Cs-15	Cs-23	Cs-24	Cs-25	Mist.					M.j.	M.i.	NCS <sup>8</sup>				
A 7001	R	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
A 7002	R	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
A 7003	R	-	-	-	-	-	-	R	-	-	-	-	-	-	-	-	-
A 7005	R	-	-	-	-	-	-	MS	-	-	-	-	-	-	-	-	-
BR 16	MS	R	R	R	R	R	R	MR	AS	T	R	R	S	S	S	S	S
BR 36	AS	R	R	R	R	R	R	MR	R	MT	R	R	MR	R	S	S	S
BR 37	MS	R	R	AS	S	R	R	MR	MR	MT	R	R	S	S	S	S	S
BR/Emgopa 314 (Garça Branca)	R	R	R	R	R	R	R	AS	R	MT	S	S	S	S	S	S	S
BR/IAC 21	R	R	R	R	R	R	R	MS	MR	T	S	S	S	-	S	S	S
BRS 132	R	R	R	R	R	R	R	MR	MR	S	S	MR	S	MR	S	S	S
BRS 133	R	R	R	S	I	R	R	S	S	T	R	R	S	S	S	S	S
BRS 134	R	R	R	-	-	R	R	-	S	S	R	R	S	S	S	S	S
BRS 136	R	R	R	R	R	R	R	MR	MS	S	S	S	S	S	S	S	S
BRS 137	R	-	-	-	-	-	-	-	MR	S	S	S	S	S	S	S	S
BRS 154	MS	-	-	-	-	-	-	-	MR	S	S	S	S	S	S	S	S
BRS 156	R	R	R	R	R	R	R	MR	AS	S	R	R	S	S	S	S	S
BRS 181	R	-	-	-	-	-	-	-	MR	MT	R	R	S	S	S	S	S

Continua...

Cultivar	Doenças / reação											
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha "olho-de-rã" <sup>2</sup>					M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	Nematóide <sup>7</sup>	
		Cs-15	Cs-23	Cs-24	Cs-25	Mist.					M.j.	M.i.
...Continuação Tabela 11.1												
BRS 182	R	-	-	-	-	R	MR	S	R	S	S	S
BRS 183	R	R	-	-	-	R	MR	S	S	S	S	S
BRS 184	R	R	-	-	-	R	S	S	R	S	S	S
BRS 185	R	R	-	-	-	R	S	S	-	S	S	S
BRS 205	R	-	-	-	-	R	-	MT	S	S	S	S
BRS 206	R	-	-	-	-	R	S	S	R	-	-	-
BRS 211	R	-	-	-	-	R	-	S	S	R	R	S
BRS 212	R	-	-	-	-	R	R	S	S	S	S	S
BRS 213	R	-	-	-	-	R	MR	S	S	MR	R	S
BRS 214	R	-	-	-	-	I	MR	S	S	S	MR	S
BRS 215	R	-	-	-	-	R	MR	S	S	S	S	S
BRS 216	R	-	-	-	-	I	MS	S	S	MR	MR	S
BRS 217 [Flora]	-	-	-	-	-	R	-	T	S	S	S	S
BRS 218 [Nina]	R	-	-	-	-	R	R	S	S	S	S	S
BRS 219 [Boa Vista]	R	R	-	-	-	-	-	T	S	S	S	S
BRS 230	R	-	-	-	-	R	S	S	R	S	MR	S
BRS 231	R	-	-	-	-	R	MS	S	S	S	MR	R1,3 MR14
BRS 232	R	-	-	-	-	R	S	S	R	S	MR	S
BRS 233	R	-	-	-	-	R	S	S	R	R	R	S
BRS 239	R	-	-	-	-	R	MR	S	S	R	R	S
BRS 240	R	-	-	-	-	R	-	S	-	MR	MR	S
BRS 241	R	-	-	-	-	R	-	S	-	MR	S	S
BRS 242RR	R	-	-	-	-	R	MS	-	-	S	S	S

Continua...

Cultivar	Doenças / reação											
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha "olho-de-rã" <sup>2</sup>					M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	Nematóide <sup>7</sup>	
		Cs-15	Cs-23	Cs-24	Cs-25	Mist.					M.j.	M.i.
...Continuação Tabela 11.1												
BRS 243RR	R	-	-	-	-	R	MS	T	-	S	S	S
BRS 244RR	R	-	-	-	-	R	MR	MT	-	S	S	S
BRS 245RR	R	-	-	-	-	R	MR	T	-	S	S	S
BRS 246RR	R	-	-	-	-	R	MS	T	-	S	S	S
BRS 247RR	R	-	-	-	-	R	MR	MT	-	S	S	S
BRS 252 [Serena]	-	-	-	-	-	-	-	MT	-	S	S	S
BRS 255RR	R	-	-	-	-	R	-	MT	-	S	S	S
BRS 256RR	R	-	-	-	-	R	S	S	-	R	R	S
BRS 257	R	-	-	-	-	R	MS	S	R	MR	R	S
BRS 258	R	-	-	-	-	R	MR	S	-	S	S	S
BRS 259	R	-	-	-	-	R	S	S	R	S	S	S
BRS 260	R	-	-	-	-	R	MS	S	R	MR	R	S
BRS 261	R	-	-	-	-	R	MS	S	-	R	R	S
BRS 262	R	-	-	-	-	R	MS	-	-	S	S	R1,3
BRS 263 [Diferente]	R	-	-	-	-	R	-	-	-	S	S	R1,3MR14
BRS 267	R	R	R	R	R	R	MS	-	R	S	S	S
BRS 268	R	R	R	R	R	R	-	-	R	S	S	S
BRS Aline	-	-	-	-	-	-	-	-	S	S	S	S
BRS Aurora	R	R	R	-	-	R	S	S	-	S	S	S
BRS Babaçu	R	R	R	R	-	R	-	MT	S	S	S	S
BRS Baliza RR	R	-	-	-	-	R	MS	S	-	MR	MR	S
BRS Barreiras	R	-	-	-	-	R	-	MT	R	S	S	S
BRS Cambona	R	-	-	-	-	R	R	S	S	S	R	S

Continua...

Cultivar	Doenças / reação													
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha "olho-de-rã" <sup>2</sup>				M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	Nematóide <sup>7</sup>				
		Cs-15	Cs-23	Cs-24	Cs-25					Mist.	M.j.	M.i.	NCS <sup>8</sup>	
...Continuação Tabela 11.1														
BRS Candeia	R	-	-	-	R	-	-	S	S	MR	R	S	S	
BRS Candiero	R	-	-	-	R	-	R	S	S	S	S	S	S	
BRS Carla	R	R	R	R	R	MR	-	MT	R	S	S	S	S	
BRS Carnaúba	R	-	-	-	R	-	-	-	-	S	S	S	S	
BRS Celeste	R	R	S	S	R	MR	-	S	S	R	S	S	S	
BRS Corisco	-	-	-	-	-	-	-	S	-	R	MR	S	S	
BRS Diana	-	-	-	-	-	-	-	S	-	S	S	S	S	
BRS Eva	-	-	-	-	-	-	-	S	-	MR	S	S	S	
BRS Favorita RR	R	-	-	-	R	-	R	S	R	R	MR	S	S	
BRS Gralha	R	-	-	-	S	-	MS	S	R	S	S	S	S	
BRS Guapa	R	-	-	-	R	-	R	S	R	S	S	S	S	
BRS Invernada	R	-	-	-	R	-	S	S	S	S	S	S	S	
BRS Jiripoca	R	-	-	-	I	-	MS	S	R	S	S	S	R1,3	
BRS Juçara	MS	-	-	-	R	-	-	S	S	S	S	S	R1,3 MR14	
BRS Macota	R	-	-	-	R	-	S	S	-	MR	R	S	S	
BRS Marina	-	-	-	-	-	-	-	S	-	R	R	S	S	
BRS Milena	R	R	R	R	R	-	R	S	R	S	S	S	S	
BRS Nova Savana	MR	-	-	-	R	-	-	S	R	S	S	S	S	
BRS Pétala	MS	-	-	-	R	-	-	S	S	R	MR	S	S	
BRS Piraíba	R	-	-	-	AS	-	MS	S	R	MR	MR	R1,3	S	
BRS Pirarara	R	R	R	-	I	-	-	S	S	S	MR	S	S	
BRS Raiana	R	-	-	-	R	-	MR	S	R	S	S	S	S	
BRS Raimunda	R	-	-	-	-	-	R	S	-	R	R	S	S	

Continua...

Cultivar	Doenças / reação										Nematóide <sup>7</sup>		
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha "olho-de-rã" <sup>2</sup>					M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	M.j.	M.i.	NCS <sup>8</sup>
		Cs-15	Cs-23	Cs-24	Cs-25	Mist.							
...Continuação Tabela 11.1													
BRS Rosa	R	-	-	-	R	-	-	S	R	S	S	S	S
BRS Sambaíba	R	R	R	R	R	MR	-	S	R	S	S	S	S
BRS Seleta	R	R	-	-	R	-	S	S	S	S	S	S	S
BRS Silvânia RR	R	-	-	-	-	-	R	S	-	MR	MR	S	S
BRS Sinuelo	R	-	-	-	R	-	S	S	R	S	S	S	S
BRS Tebana	R	-	-	-	R	-	S	-	R	S	S	S	S
BRS Tianá	R	-	-	-	R	-	MR	-	-	S	S	S	S
BRS Torena	R	-	-	-	R	-	S	S	R	S	S	S	S
BRS Tracajá	R	-	-	-	S	-	-	S	R	S	S	S	S
BRS Valiosa RR	R	-	-	-	R	-	R	S	R	R	MR	S	S
BRSO 204 [Goiânia]	MS	-	-	-	S	-	-	S	S	R	R	S	S
BRSO Amaralina	-	-	-	-	-	-	-	S	-	-	S	S	S
BRSO Araçu	R	R	R	R	R	-	MS	-	S	S	S	R1,3	S
BRSO Bela Vista	R	-	R	R	R	MR	-	S	R	S	S	S	S
BRSO Caiapônia	R	-	-	-	R	-	MS	S	R	S	R	S	S
BRSO Chapadões	R	-	-	-	R	-	MS	S	S	S	MR	R1,2,3,4,5,14	S
BRSO Edéia	R	R	R	R	R	-	MR	-	S	S	S	R3	S
BRSO Gisele RR	R	R	R	R	R	-	MR	-	-	MR	MR	S	S
BRSO Goiatuba	R	-	-	-	R	MS	S	S	S	S	MR	S	S
BRSO Graciosa	R	R	R	R	R	-	R	-	-	MR	-	S	R3
BRSO Iara	R	-	-	-	R	-	MR	S	S	S	R	S	S
BRSO Indiará	-	-	-	-	-	-	-	S	-	MR	-	S	S
BRSO Ipameri	R	-	-	-	R	-	MS	S	MS	S	S	R3, 14	S

Continua...

Cultivar	Doenças / reação											Nematóide <sup>7</sup>					
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha "olho-de-rã" <sup>2</sup>					M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	M.j. M.i.		NCS <sup>8</sup>				
		Cs-15	Cs-23	Cs-24	Cs-25	Mist.					M.j.	M.i.					
...Continuação Tabela 11.1																	
BRSGO Jataí	R	-	-	I	R	R	R	MR	S	S	MR	S	MR	S			
BRSGO Juliana RR	R	R	R	R	R	R	R	MR	-	R	MR	MR	MR	MR	S		
BRSGO Luziânia	MS	-	-	-	-	R	R	MS	S	S	R	MR	MR	MR	S		
BRSGO Mineiros	R	-	-	-	-	R	R	MS	S	-	MR	MR	MR	MR	S		
BRSGO Paraíso	S	-	-	-	-	I	I	MR	S	S	MR	R	R	R	S		
BRSGO Princesa	R	R	R	R	R	R	R	R	-	S	R	S	R	S	S		
BRSGO Raíssa	R	-	-	-	-	R	R	MR	R	T	S	S	S	S	R3		
BRSGO Santa Cruz	R	-	-	-	-	R	R	MS	S	S	S	S	S	S	S		
BRMA Pati	R	-	-	R	R	R	R	S	S	S	S	S	S	S	S		
BRMA Seridó RCH	MR	R	R	R	R	R	R	MR	S	R	S	S	S	S	S		
BRSMG 68 [Vencedora]	MS	-	-	I	R	R	R	S	S	S	S	S	S	MR	S		
BRSMG 250 [Nobreza]	R	-	-	-	-	R	R	R	S	S	S	S	S	S	R1,3		
BRSMG 251 [Robusta]	R	-	-	-	-	R	R	-	R	S	-	S	S	S	R3		
BRSMG 750 SRR	R	R	R	R	R	R	R	MR	MS	-	MR	S	S	S	S		
BRSMG 850 GRR	R	R	R	R	R	R	R	-	MS	-	MR	MR	MR	R	S		
BRSMG Garantia	MR	-	-	-	-	I	I	S	R	S	R	R	R	R	S		
BRSMG Liderança	S	-	-	I	R	R	R	S	-	S	S	S	S	R	R3		
BRSMS Acará	R	-	-	R	I	S	S	-	R	S	-	-	-	-	S		
BRSMS Apaiari	S	-	-	S	R	R	R	MS	-	S	MS	S	S	S	S		
BRSMS Bacuri	R	-	-	S	R	I	R	MS	-	S	MS	S	S	S	S		
BRSMS Carandá	R	-	-	R	R	R	R	R	-	S	R	S	S	S	S		
BRSMS Curitiba	R	-	-	R	I	I	I	-	-	MT	-	-	-	-	S		
BRSMS Lambari	R	R	R	R	R	R	R	MS	-	S	MS	S	R	S	R		

Continua...

Cultivar	Doenças / reação											
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha "olho-de-rã" <sup>2</sup>					M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	Nematóide <sup>7</sup>	
		Cs-15	Cs-23	Cs-24	Cs-25	Mist.					M.j.	M.i.
...Continuação Tabela 11.1												
BRMSMandi	MS	R	R	R	R	R	MR	-	S	R	S	S
BRMSM Piapara	MS	-	R	R	R	R	R	-	S	S	MR	S
BRMSM Piracanjuba	R	-	I	I	R	R	MR	-	S	S	-	S
BRMSM Piraputanga	R	-	AS	AS	R	R	AS	-	S	S	S	S
BRMSM Saúá	R	-	-	R	R	R	-	-	S	R	-	S
BRMSM Surubi	R	R	R	R	R	R	MR	-	S	S	S	S
BRMSM Taquari	R	-	AS	S	R	R	MR	-	S	R	S	S
BRMSM Tuiuiú	R	-	R	R	R	R	MR	-	S	S	-	S
BRSMTCrixás	R	-	R	R	R	R	MS	S	MT	S	MR	S
BRSMTPintado	R	-	I	R	R	I	MR	-	T	S	S	R1,3 MR14
BRSMTUirapuru	R	R	R	R	R	R	MR	R	S	R	S	S
CAC-1	MR	R	R	R	R	R	MR	MR	-	-	-	S
CD 201	R	-	-	R	R	R	MS	AS	-	-	R	S
CD 202	R	-	R	R	R	R	MR	MS	-	-	S	S
CD 203	R	-	R	R	R	R	S	AS	-	-	R	S
CD 204	R	-	-	R	R	R	-	MR	-	-	R	S
CD 205	R	-	-	-	R	R	-	MR	-	-	S	S
CD 206	R	-	-	-	R	R	-	MR	-	-	MR	S
CD 207	R	-	-	-	R	R	-	MS	-	-	S	S
CD 208	R	-	-	-	R	R	-	S	-	-	R	S
CD 209	R	-	-	-	R	R	-	MR	-	-	S	S
CD 210	R	-	-	-	R	R	-	MR	-	-	-	S
CD 211	R	-	-	-	R	R	-	MR	-	-	MR	S

Continua...

Cultivar	Doenças / reação											
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha "olho-de-rã" <sup>2</sup>					M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	Nematóide <sup>7</sup>	
		Cs-15	Cs-23	Cs-24	Cs-25	Mist.					M.j.	M.i.
...Continuação Tabela 11.1												
CD 212RR	R	-	-	-	-	R	S	-	-	-	-	-
CD 213RR	R	-	-	-	-	R	S	-	-	-	-	-
CD 214RR	R	-	-	-	-	R	S	-	-	MR	-	-
CD 215	R	-	-	-	-	R	MR	-	-	-	-	-
CD 216	R	-	-	-	-	R	MR	-	-	MS MR	S	-
CD 217	R	-	-	-	-	R	MS	-	-	S R	R3	-
CD 218	R	-	-	-	-	R	MR	-	-	S R	S	-
CD 219RR	R	-	-	-	-	R	MR	-	-	MR S	-	-
CD Fapa 220	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S	-
CD 221	R	-	-	-	-	R	MR	-	-	-	-	-
CD 222	R	-	-	-	-	R	MR	-	-	-	-	-
CD 223AP	R	-	-	-	-	R	MR	-	-	-	-	-
CS 201 (Splendor)	R	-	S	S	I	I	S	-	-	-	S	R3
CS 801	R	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CS 821	R	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CS935142	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S	-
DM 118	R	-	-	-	-	R	S	-	-	-	S	-
DM 247	R	-	-	-	-	R	R	-	-	-	S	-
DM 309	R	-	-	-	-	I	S	-	-	-	S	-
Elite	R	-	-	-	-	R	-	-	-	-	S	-
Embrapa 20 (Doko RC)	R	R	R	R	R	R	MS	R	S	S	S	S
Embrapa 48	MR	R	R	R	R	R	S	AS	S	S	S	S
Embrapa 59	R	R	R	R	R	R	MR	MR	S	S	S	S

Continua...

Cultivar	Doenças / reação										Nematóide <sup>7</sup>		
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha "olho-de-rã" <sup>2</sup>					M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	M.j.	M.i.	NCS <sup>8</sup>
		Cs-15	Cs-23	Cs-24	Cs-25	Mist.							
...Continuação Tabela 11.1													
Embrapa 60	R	R	R	R	R	R	-	MR	S	R	S	S	S
Emgopa 302	R	R	R	R	R	R	AS	MR	S	S	S	S	S
Emgopa 305 (Caraíba)	S	R	R	R	R	R	R	R	S	S	S	S	S
Emgopa 308 (Serra Dourada)	AS	R	R	R	R	R	R	AS	S	S	-	S	S
Emgopa 313 (Anhanguera)	MS	R	R	R	R	R	MR	MR	S	S	S	S	S
Emgopa 315 (Rio Vermelho)	R	R	R	R	R	R	-	R	-	-	S	S	S
Emgopa 316	R	R	R	R	R	R	-	S	-	-	S	S	S
FMT Anhumas	R	-	-	-	-	-	AS	-	-	-	-	-	S
FMT Arara Azul	R	-	-	-	-	-	-	-	-	-	MR	S	S
FMT Beija-Flor	R	R	-	-	-	-	-	-	-	-	S	S	S
FMT Cachara	R	R	-	-	-	-	-	-	-	-	S	S	R1,3
FMT Karabi	-	R	-	-	-	-	-	-	-	-	S	S	S
FMT Maritaca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
FMT Matrinxã	MS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S	R	R1,3
FMT Mutum	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
FMT Nambu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
FMT Perdiz	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	MR	-	S
FMT Sabiá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
FMT Saíra	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
FMT Tabarana	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	R1,3
FMT Tucunaré	R	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	R1,3 MR14
Foster (IAC)	AS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	R3
FT 106	R	-	R	R	R	R*	S-	S	-	-	-	S	S

Continua...

Cultivar	Doenças / reação											
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha "olho-de-rã" <sup>2</sup>					M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	Nematóide <sup>7</sup>	
		Cs-15	Cs-23	Cs-24	Cs-25	Mist.					M.j.	M.i.
...Continuação Tabela 11.1												
IAC 12	R	S	R	S	I	R	S	R	-	-	S	S
IAC 13	R	S	R	S	I	R	AS	R	-	-	S	S
IAC 15	AS	R	R	R	R	R	S	S	-	-	-	S
IAC 15-1	R	-	-	-	-	I	-	MR	-	-	-	S
IAC 16	R	I	AS	-	-	S	AS	MR	-	-	-	S
IAC 17	R	S	S	R	I	I	S	R	-	-	-	S
IAC 18	R	-	S	S	S/R	S	S	AS	-	-	-	S
IAC 19	MS	-	I	I	I	R	AS	R	-	-	-	S
IAC 20	R	-	-	R	R	R	R	-	-	-	-	S
IAC 22	R	-	-	R	R	R	R	-	-	-	-	S
IAC 23	R	-	-	-	-	S	-	-	-	-	-	S
IAC 24	-	-	-	-	-	R	-	-	-	-	-	S
IAC 8	S	S	I	R	I	S	R/S	R/S	-	-	R	R
IAC 8-2	R	S	S	-	-	S	-	-	-	-	S	S
IAC 100	MR	I	R	S	I	R	AS	R	-	-	S	S
IAC Foscarin 31	R	I	R	R	S	R	AS	AS	-	-	S	S
IAC PL-1	MR	-	R	R	R	S	MS	AS	-	-	-	S
IAC/Holambra Stewart-1	R	-	-	-	-	R	-	-	-	-	-	S
IAS 5	S	S	AS	-	-	S	-	-	-	-	S	-
ICA 3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
ICA 4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
ICA 6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
ICASC 1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S

Continua...

Cultivar	Doenças / reação											Nematóide <sup>7</sup>		
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha "olho-de-rã" <sup>2</sup>					M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	M.j. M.i.		NCS <sup>8</sup>	
		Cs-15	Cs-23	Cs-24	Cs-25	Mist.					M.j.	M.i.		
...Continuação Tabela 11.1														
ICASC 2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
ICASC 3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
ICASC 4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
KI-S 601	S	I	I	R	I	S	-	-	-	-	-	-	-	S
KI-S 602 RCH	R	-	I	R	S	MS	S	-	-	-	-	-	-	S
KI-S 702	S	-	-	R	R	MR	R	-	R	-	-	-	-	S
KI-S 801	S	-	-	R	R	MR	R	-	R	-	-	-	-	S
MG/BR 46 (Conquista)	R	I	S	I	R	MR	R	MT	S	-	R	R	-	S
Monarca	R	-	-	R	R	MR	-	-	-	-	-	-	-	S
MS/BR 19 (Pequi)	AS	-	R	I	S	R	S	S	S	-	R	R	-	S
MS/BR 34 (Empaer 10)	AS	R	R	R	R	R	R	AS	S	S	MR	R	-	S
M-SOY 109*	R	-	-	-	-	R	-	MR	-	-	-	-	-	S
M-SOY 2002*	R	-	-	-	-	R	-	S	-	-	-	-	-	S
M-SOY 5826*	R	-	-	-	-	R	-	MR	-	-	-	-	-	S
M-SOY 5942*	R	-	-	-	-	R	-	MR	-	-	-	-	-	S
M-SOY 6101*	R	-	-	-	-	R	-	MR	-	-	-	-	-	S
M-SOY 7101*	-	-	-	-	-	R	-	R	-	-	-	-	-	S
M-SOY 7201*	S	-	-	-	-	R	-	MS	-	-	-	-	-	S
M-SOY 7202*	-	-	-	-	-	R	-	MR	-	-	-	-	-	S
M-SOY 7203*	-	-	-	-	-	R	-	MS	-	-	-	-	-	S
M-SOY 7501*	-	-	-	-	-	R	-	MR	-	-	-	-	-	S
M-SOY 7602*	R	-	-	-	-	R	-	MR	-	-	-	-	-	S
M-SOY 7603*	R	-	-	-	-	R	-	MR	-	-	-	-	-	S

Continua...

Cultivar	Doenças / reação											
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha "olho-de-rã" <sup>2</sup>					M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	Nematóide <sup>7</sup>	
		Cs-15	Cs-23	Cs-24	Cs-25	Mist.					M.j.	M.i.
...Continuação Tabela 11.1												
M-SOY 7701*	MR	-	-	-	-	R	-	R	-	-	-	S
M-SOY 7901*	-	-	-	-	-	R	-	MR	-	-	-	R3
M-SOY 8001*	MR	-	-	-	-	R	-	MS	-	S	S	R1,3
M-SOY 8200*	MS	-	-	-	-	R	-	MS	-	MS	S	R3
M-SOY 8400*	MS	-	-	-	-	R	-	MS	-	S	S	R3
M-SOY 8411*	R	-	-	-	-	R	-	R	-	-	-	S
M-SOY 8550*	R	-	-	-	-	R	-	R	-	-	-	S
M-SOY 8757*	MS	-	-	-	-	R	-	S	-	S	S	R3
M-SOY 8800*	-	-	-	-	-	R	-	MR	-	-	-	-
M-SOY 8914*	R	-	-	-	-	R	-	MS	-	-	-	S
M-SOY 9001*	R	-	-	-	-	R	-	MR	-	S	S	S
M-SOY 9010*	R	-	-	-	-	R	-	MR	-	-	-	S
M-SOY 9030*	R	-	-	-	-	-	-	MR	-	-	-	S
M-SOY 9350*	R	-	-	-	-	R	-	MR	-	S	S	S
MT/BR 45 (Paiguás)	R	R	R	R	R	R	R	MR	MR	S	S	S
MT/BR 47 (Canário)	R	R	R	R	R	R	R	MR	AS	S	R	S
MT/BR 50 (Parecis)	R	R	R	R	R	R	R	AS	MR	S	S	S
MT/BR 51 (Xingu)	R	R	R	R	R	R	R	AS	AS	S	S	S
MT/BR 52 (Curió)	R	R	R	R	R	R	R	MR	AS	S	R	S
MT/BR 53 (Tucano)	R	R	R	R	R	R	R	AS	AS	MT	S	S
NK412113	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	R3
OC 17	R	R	R	R	R	R	R	MR	AS	-	MR	S
OC 18	R	R	R	R	R	R	R	S	AS	-	-	S

Continua...



Cultivar	Doenças / reação											
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha "olho-de-rã" <sup>12</sup>				M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	Nematóide <sup>7</sup>		
		Cs-15	Cs-23	Cs-24	Cs-25					Mist.	M.j.	M.i.
...Continuação Tabela 11.1												
UFUS Riqueza	R	-	-	-	R	-	R	-	-	-	-	S
UFUS Impacta	R	-	-	-	R	-	R	-	-	-	-	S
UFU Imperial	R	-	-	-	R	-	R	-	-	-	-	I
UFU Milionária	R	-	-	-	R	-	R	-	-	-	-	S
UFV 16 (Capinópolis)	R	-	S	R	R	S	R	-	-	-	-	S
UFV 17 (Minas Gerais)	R	-	R	R	R	MR	R	-	-	-	-	S
UFV 18 (Patos de Minas)	R	-	R	R	R	R	MR	-	-	-	-	S
UFV 19 (Triângulo)	R	-	R	R	R	MR	R	-	-	-	-	S
UFV 20 (Florestal)	R	-	R	R	R	R	R	-	-	-	-	S
UFV/ITM 1	MS	R	R	S	R	S	-	-	MR	R	-	S
UFVS 2001	R	-	-	-	I	-	R	-	-	-	-	S
UFVS 2002	R	-	-	-	R	-	R	-	-	-	-	S
UFVS 2003	R	-	-	-	R	-	MR	-	-	-	-	S
UFVS 2004	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVS 2005	R	-	-	-	R	-	MR	-	-	-	-	S
UFVS 2013	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVS 2017	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVS 2018	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVS 2201	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVS 2202	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVS 2203	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVS 2301	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S

Continua...

Cultivar	Doenças / reação									
	C.H. <sup>1</sup>	Mancha "olho-de-rã" <sup>2</sup>			M.a. <sup>3</sup>	O. <sup>4</sup>	VNH <sup>5</sup>	SMV <sup>6</sup>	Nematóide <sup>7</sup>	
		Cs-15	Cs-23	Cs-24					Cs-25	Mist.
...Continuação Tabela 11.1										
UFVS 2302	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVS 2303	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVTN 101	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVTN 102	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVTN 103	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVTN 104	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVTN 105	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
UFVTNK 106	-	-	-	-	-	-	-	-	-	S
V-MAX	-	-	-	-	-	-	-	-	-	R3

<sup>1</sup>C.H. - Cancro da haste - Reação: R (resistente) = 0% a 25% de plantas mortas (PM); MR (moderadamente resistente) = 26% a 50% PM; MS (moderadamente suscetível) = 51% a 75% PM; S (suscetível) = 76% a 90% PM; AS (altamente suscetível) = mais de 90% PM (J.T. Yorinori CANCRO DA HASTE DA SOJA: Epidemiologia e Controle. Embrapa Soja, Circ. Tec. 14. 1996. 75 p.); <sup>2</sup>Mancha "olho-de-rã" (*Cercospora soijina*) - Reação: R (resistente) = 0% a 10% de área foliar infectada (afi) no folíolo central do trifólio mais infectado na planta amostrada; MR (moderadamente resistente) = 11% a 25% afi; MS (moderadamente suscetível) = 26% a 50% afi; S (suscetível) = 51% a 75% afi; AS (altamente suscetível) = mais de 75% afi. I (intermediária) = com lesões que não esporulam. Cs-15: reação à raça Cs-15, patogênica ao gene de resistência da cultivar Santa Rosa; Cs-23: reação à raça Cs-23; Cs-24 e Cs-25: novas raças presentes no MA e no PI; Mist.: mistura das raças (J.T. Yorinori); <sup>3</sup>M.a. - Mancha alvo (*Corynespora cassiicola*) - Reação: mesma escala usada para mancha "olho-de-rã"; <sup>4</sup>O. - Oídio (*Erysiphe diffusa*) - Reação: mesma escala usada para mancha "olho-de-rã"; <sup>5</sup>VNH - vírus da necrose da haste. T (tolerante) = até 10% plantas infectadas; MT (moderadamente tolerante) = 10,5 a 30% de plantas infectadas; R (resistente); S (suscetível) = >30% plantas infectadas; <sup>6</sup>SMV - Vírus do mosaico comum da soja: S (suscetível) = plantas com sintomas de mosaico; R (resistente) = plantas sem sintomas ou com reação de hipersensibilidade, com lesões necróticas localizadas; <sup>7</sup>Nematóide de galhas: M.j. (*Meloidogyne javanica*) e M.i. (*M. incognita*); reações baseadas em intensidades de galhas e presença de ootecas, avaliadas a campo e em casa-de-vegetação. S = suscetível; MT= moderadamente tolerante; e T = tolerante; <sup>8</sup>NCS - Nematóide de Cisto da Soja (*Heterodera glycines*) - Resistência: R3 (à raça 3), R 1,3 (às raças 1 e 3) e R 1, 3, 4, 14 (às raças 1, 3, 4 e 14); \*Informações sobre reações ao cancro da haste, mancha "olho-de-rã" e oídio, das cultivares M-SOY, fornecidas pela MONSOY Ltda (Engº Agrº Adilson Bizzeto, Rolândia, PR), Ago/2000; [ ] Entre colchetes - não faz parte do nome de registro; ( ) Entre parêntesis - Faz parte do nome de registro.

**Tabela 11.2.** Estádios de desenvolvimento da soja<sup>1</sup>.

Estádio	Descrição
..... I. Fase Vegetativa .....	
VC.	Da emergência a cotilédones abertos.
V1.	Primeiro nó; folhas unifolioladas abertas.
V2.	Segundo nó; primeiro trifólio aberto.
V3.	Terceiro nó; segundo trifólio aberto.
.	.
Vn.	Enésimo (último) nó com trifólio aberto, antes da floração.
..... II. Fase Reprodutiva (Observação na haste principal) .....	
R1.	Início da floração: até 50% das plantas com flor.
R2.	Floração plena: maioria dos racemos com flores abertas.
R3.	Final da floração: flores e vagens com até 1,5cm.
R4.	Maioria das vagens no terço superior com 2-4cm.
R5.1.	Grãos perceptíveis ao tato a 10% da granação.
R5.2.	Maioria das vagens com granação de 10%-25%.
R5.3.	Maioria das vagens entre 25% e 50% de granação.
R5.4.	Maioria das vagens entre 50% e 75% de granação.
R5.5.	Maioria das vagens entre 75% e 100% de granação.
R6.	Vagens com granação de 100% e folhas verdes.
R7.1.	Início a 50% de amarelecimento de folhas e vagens.
R7.2.	Entre 51% e 75% de folhas e vagens amarelas.
R7.3.	Mais de 76% de folhas e vagens amarelas.
R8.1.	Início a 50% de desfolha.
R8.2.	Mais de 50% de desfolha à pré-colheita.
R9.	Ponto de maturação de colheita.

<sup>1</sup> Fonte adaptado de: RITCHIE, S.; HANWAY, J.J.; THOMPSON, H.E. How a Soybean Plant Develops. Ames, Iowa State University of Science and Technology, Coop. Ext. Serv., 1982. 20 p. (Special Report, 53) (José Tadashi Yorinori, Embrapa Soja, Londrina. 1996).

**Tabela 11.3.** Fungicidas registrados para o controle da ferrugem da soja (*Phakopsora pachyrhizi*). XXVIII Reunião de Pesquisa de Soja da Região Central do Brasil. Uberaba, MG. 2006.

Nome comum	Nome comercial	Dose/ha		Agrupamento <sup>3</sup>
		g de i.a. <sup>1</sup>	l ou kg de p.c. <sup>2</sup>	
azoxystrobin	Priori <sup>4</sup>	50	0,20	*
azoxystrobin + ciproconazole	Priori Xtra <sup>4</sup>	60 + 24	0,30	***
ciproconazole + propiconazole	Artea	24 + 75	0,30	***
difenoconazole	Score_250 CE	50	0,20	*
epoxiconazole	Virtue <sup>7</sup>	50	0,40	**
fluquinconazole	Palisade <sup>5</sup>	62,5	0,25	*
flutriafol	Impact 125 SC	62,5	0,50	***
myclobutanil	Sythane 250	100 - 125	0,40 - 0,50	**
pyraclostrobin + epoxiconazole	Opera	66,5 + 25	0,50	***
tebuconazole	Constant 200 CE	100	0,50	***
tebuconazole	Elite 200 CE	100	0,50	***
tebuconazole	Folicur 200 CE	100	0,50	***
tebuconazole	Orius 250 CE	100	0,40	***
tebuconazole	Triade 200 CE	100	0,50	***
tetraconazole	Domark 100 CE	50	0,50	**
tetraconazole	Eminent 125 EW	50	0,40	**
tiofanato metílico + flutriafol	Celeiro	300 + 60	0,60	***
tiofanato metílico + flutriafol	Impact duo	300 + 60	0,60	***
trifloxystrobin + ciproconazole	Sphere <sup>5</sup>	56,2 + 24	0,30	***
trifloxystrobin + propiconazole	Stratego <sup>5</sup>	50 + 50	0,40	*
trifloxystrobin + propiconazole	Nativo <sup>6</sup>	50 + 100	0,50	***

A empresa detentora é responsável pelas informações de eficiência dos produtos.

<sup>1</sup>g i.a. = gramas de ingrediente ativo; <sup>2</sup>l ou kg de p.c.= litros ou quilogramas de produto comercial; <sup>3</sup>Agrupamento realizado com base nos ensaios em rede para doenças da soja, safras 2003/04 e 2004/05. (\*\*\*): maior que 86% de controle; (\*\*) - 80 a 86% de controle e (\*) - 60 a 79 % de controle; <sup>4</sup>Adicionar Nimbus 0,5% v/v. aplicação via pulverizador tratorizado ou 0,5 L/ha via aérea; <sup>5</sup>Adicionar 250 mL/ha de óleo mineral ou vegetal; <sup>6</sup>Adicionar óleo metilado de soja 0,5% (Lanzar); <sup>7</sup>Antiga marca comercial Opus.

**Tabela 11.4.** Fungicidas registrados para o controle de doenças de final de ciclo. XXVIII Reunião de Pesquisa de Soja da Região Central do Brasil. Uberaba, MG. 2006.

Nome comum	Nome comercial	Dose/ha	
		g de i.a. <sup>1</sup>	l ou kg de p.c. <sup>2</sup>
azoxystrobin	Priori <sup>3</sup>	50	0,20
azoxystrobin + ciproconazole	Priori Xtra <sup>3</sup>	60 + 24	0,30
carbendazin	Bendazol	250	0,50
carbendazin	Derosal 500 SC	250	0,50
difenocnazole	Score 250 CE	50	0,20
flutriafol	Impact 125 SC	100	0,80
pyraclostrobin + epoxiconazole	Opera	66,5 + 25	0,50
tebuconazole	Constant 200 CE	150	0,75
tebuconazole	Elite 200 CE	150	0,75
tebuconazole	Folicur 200 CE	150	0,75
tebuconazole	Orius 250 CE	150	0,60
tebuconazole	Triade 200 CE	150	0,75
tetraconazole	Domark 100 CE	50	0,50
tetraconazole	Eminent 125 EW	50	0,40
tiofanato metílico	Cercobin 500 SC	300 - 400	0,60 - 0,80
tiofanato metílico	Cercobin 700 SC	300 - 420	0,43 - 0,60
tiofanato metílico	Support	450	0,90
tiofanato metílico + flutriafol	Celeiro	300 + 60	0,60
tiofanato metílico + flutriafol	Impact duo	300 + 60	0,60
trifloxystrobin + ciproconazole	Sphere <sup>4</sup>	56,2 + 24	0,30
trifloxystrobin + propiconazole	Stratego <sup>4</sup>	50 + 50	0,40

A empresa detentora é responsável pelas informações de eficiência dos produtos.

<sup>1</sup>g i.a. = gramas de ingrediente ativo; <sup>2</sup>l ou kg de p.c.= litros ou kilogramas de produto comercial; <sup>3</sup>Adicionar Nimbus 0,5% v./v. aplicação via pulverizador tratorizado ou 0,5 L/ha via aérea; <sup>4</sup>Adicionar 250 mL/ha de óleo mineral ou vegetal.

**Tabela 11.5.** Fungicidas registrados para o controle do oídio (*Erysiphe diffusa*). XXVIII Reunião de Pesquisa de Soja da Região Central do Brasil. Uberaba, MG, 2006.

Nome comum	Nome comercial	Dose/ha		Agrupamento <sup>3</sup>
		g de i.a. <sup>1</sup>	l ou kg de p.c. <sup>2</sup>	
azoxystrobin + ciproconazole	Priori Xtra <sup>4</sup>	60 + 24	0,30	**
carbendazim	Bendazol	250	0,50	*
carbendazim	Derosal 500 SC	250	0,50	*
difenoconazole	Score 250 CE	37,5	0,15	**
enxofre	Kumulus	2000	2,50	*
fluquinconazole	Palisade <sup>5</sup>	62,5	0,25	**
flutriafol	Impact 125 SC	50	0,40	**
myclobutanil	Systhane 250 CE	62,5 - 125	0,25 - 0,50	**
pyraclostrobin + epoxiconazole	Opera	66,5 + 25	0,50	**
tebuconazole	Constant 200 CE	100	0,50	**
tebuconazole	Triade 200 CE	100	0,50	**
tebuconazole	Elite 200 CE	100	0,50	**
tebuconazole	Folicur 200 CE	100	0,50	**
tebuconazole	Orius 250 CE	100	0,40	**
tetraconazole	Domark 100 CE	50	0,50	**
tiofanato metílico	Cercobin 500 SC	300 - 400	0,60 - 0,80	*
tiofanato metílico	Cercobin 700 SC	300 - 420	0,43 - 0,60	*
trifloxystrobin + ciproconazole	Sphere <sup>5</sup>	56,2 + 24	0,30	**

A empresa detentora é responsável pelas informações de eficiência dos produtos.

<sup>1</sup> g i.a. = gramas de ingrediente ativo

<sup>2</sup> l ou kg de p.c. = litros ou kilogramas de produto comercial

<sup>3</sup> Agrupamento realizado com base nos ensaios em rede para doenças da soja, safras 2003/04 e 2004/05. (\*\*) maior que 70% de controle; (\*) de 60-70% de controle.

<sup>4</sup> Adicionar Nimbus 0,5% v./v. aplicação via pulverizador tratorizado ou 0,5 L/ha via aérea

<sup>5</sup> Adicionar 250 mL/ha de óleo mineral ou vegetal

**Tabela 11.6.** Distribuição de raças de *Heterodera glycines* no Brasil. Embrapa Soja, outubro de 2005.

Estados/Municípios	Raças
• Bahia	3
- Formosa do Rio Preto	3
• Goiás	3, 4, 5, 6, 9, 10 e 14
- Campo Alegre de Goiás	14
- Catalão	3
- Chapadão do Céu	3, 4, 5, 6, 9 e 14
- Gameleira de Goiás	3
- Ipameri	3 e 6
- Luziânia	3
- Jataí	4, 6, 9 e 14
- Mineiros	3, 6 e 14
- Rio Verde	3 e 10
- Perolândia	14
- Serranópolis	14
• Maranhão	9
- Balsas	9
• Mato Grosso	1, 2, 3, 4, 4 <sup>+</sup> , 5, 6, 9, 10, 14 e 14 <sup>+</sup>
- Alto Garças	3 e 14
- Alto Taquari	3, 4, 10 e 14
- Campo Verde	1, 2, 3 e 5
- Campos de Júlio	5, 6 e 9
- Campo Novo do Parecis	3 e 9
- Deciolândia	3
- Diamantino	3
- Don Aquino	2, 3 e 5
- Guiratinga	3 e 14
- Itiquira	3
- Jaciara	2 e 5
- Juscimeira	2 e 3

Continua...

Estados/Municípios	Raças
...Continuação Tabela 11.6	
- Nova Mutum	3
- Nova Ubiratã	3
- Pedra Preta	2
- Primavera do Leste	1, 2, 3 e 5
- Santo Antônio do Leste	3
- Sapezal	3, 5 e 6
- Sorriso	1, 2, 3, 4 <sup>+</sup> , 5, 14 e 14 <sup>+</sup>
- Tangará da Serra	1, 3, 4
- Tapurah	6
• Mato Grosso do Sul	3, 4, 5, 6, 9, 10 e 14
- Água Clara	3 e 9
- Alcinópolis	14
- Camapuã	6
- Chapadão do Sul	4, 5, 6 e 14
- Costa Rica	6, 10 e 14
- Sonora	3 e 9
• Minas Gerais	3 e 6
- Araguari	3
- Coromandel	3
- Indianópolis	3
- Iraí de Minas	3
- João Pinheiro	3
- Monte Carmelo	3
- Nova Ponte	3
- Patos de Minas	3
- Pedrinópolis	3
- Perdizes	3
- Presidente Olegário	3
- Romaria	3
- Santa Juliana	3
- Uberaba	3 e 6

Continua...

Estados/Municípios	Raças
...Continuação Tabela 11.6	
- Uberlândia	3
• Paraná	3
- Bela Vista do Paraíso	3
- Congonhinhas	3
- Marechal Cândido Rondon	3
- Sertaneja	3
- Tupãssi	3
• São Paulo	3
- Assis	3
- Cândido Mota	3
- Florínea	3
- Tarumã	3
• Rio Grande do Sul	3 e 6
- Cruzeiro do Sul	6
- Coimbra	3
- São Miguel das Missões	3
• Tocantins	1
- Dianópolis	1

## 11.4 Manuseio de fungicidas e descarte de embalagem

- ♦ Utilizar fungicidas devidamente registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), para uso na cultura da soja e para a doença ou patógeno que deseja controlar. O número do registro consta no rótulo do produto.
- ♦ Usar equipamento de proteção individual (EPI) apropriado, em todas as etapas de manuseio de agrotóxicos (abastecimento do pulverizador, aplicação e lavagem de equipamentos e embalagens), a fim de evitar possíveis intoxicações.
- ♦ Não fazer mistura em tanque, de dois fungicidas, ou de fungicida (s) com outro (s) agrotóxico (s), procedimento proibido por lei (Instrução Normativa do MAPA nº 46, de julho de 2002).
- ♦ Evitar aplicações em dias ou em horários com ventos fortes, visando reduzir a deriva dos jatos, tornando mais eficiente a aplicação e reduzindo possíveis contaminações de áreas vizinhas.
- ♦ Observar o período de carência do produto (período compreendido entre a data da aplicação e a colheita da soja).
- ♦ Ler com atenção o rótulo e a bula do produto e seguir todas as orientações e os cuidados com o descarte das embalagens.
- ♦ Devolver as embalagens vazias (após a tríple lavagem das embalagens de produtos líquidos), no prazo de um ano após a compra do produto, ao posto de recebimento indicado na nota fiscal de compra, conforme legislação do MAPA (Lei 9.974, de 06/06/2000 e Decreto 4.074, de 04/01/2002).

A retenção foliar e/ou haste verde da soja é, quase sempre, consequência de distúrbios fisiológicos que interferem na formação ou no enchimento dos grãos. Dentre esses podem estar os danos por percevejos, o estresse hídrico (falta ou excesso) e o desequilíbrio nutricional das plantas.

Sob estresse hídrico, pode haver aborto de flores e de vagens. Seca acentuada durante a fase final de floração e na formação das vagens pode causar abortamento de quase todas as flores restantes e vagens recém formadas. A falta de carga nas plantas pode provocar uma segunda floração, normalmente infértil, resultando em retenção foliar pela ausência de demanda pelos produtos da fotossíntese. A situação pode se agravar se houver excesso de chuvas durante a maturação. O excesso de umidade, nesse período, propicia a manutenção do verde das hastes e vagens e favorece o aparecimento de retenção foliar, mesmo em plantas com carga satisfatória e sem danos de percevejos. Há cultivares mais sensíveis a esse fenômeno.

As causas mais comuns têm sido os danos por percevejos e o desequilíbrio nutricional relacionado ao potássio. A não aplicação, com rigor necessário, dos princípios do Manejo de Pragas, tem levado, muitas vezes, a um controle não eficiente dos percevejos. Isto é mais comum em lavouras semeadas após a época recomendada e/ou quando se usam cultivares tardias. Nesses casos, pode haver migração das populações de percevejos de lavouras em estágio final de maturação, ou recém colhidas, para as lavouras com vagens ainda verdes. Quanto às causas de ordem nutricional, foi observado, em lavouras e em experimentos, que a ocorrência de retenção foliar e/ou senescência anormal da planta de soja está associada com baixos níveis de potássio no solo e/ou altos valores (acima de 50) da relação  $(Ca + Mg)/K$ . Nessas condições, pode ocorrer baixo “pegamento” de vagens, vagens vazias e formação de frutos partenocápicos (Mascarenhas et al., 1988).

Há indicações de pesquisa realizada no exterior de que a retenção foliar/haste verde pode ser causada, também, por um tipo de fitoplasma, fato ainda não investigado no Brasil.

Não há solução para o problema já estabelecido. Porém, uma série de práticas podem evitá-lo. A primeira prática é manejar o preparo e a fertilidade do solo, de acordo com as recomendações técnicas, para permitir que as raízes tenham desenvolvimento normal, alcançando maiores profundidades. Assim, a extração de umidade do solo, durante os períodos de seca, é favorecida, evitando distúrbios fisiológicos e desequilíbrios nutricionais. Outros cuidados são: melhorar as condições físicas do solo para aumentar sua capacidade de armazenamento de água e facilitar o desenvolvimento das raízes, evitar cultivares e épocas de semeadura que exponham a soja a fatores climáticos adversos coincidentes com os períodos críticos da cultura e fazer o controle de pragas conforme preconizado no Manejo de Pragas (capítulo 10).

BONATO, E.R.; BONATO, A.L.V. **A soja no Brasil: historia e estatística**. Londrina: EMBRAPA-CNPSo, 1987. 61 p. (EMBRAPA-CNPSo. Documentos, 21).

BORKERT, C. M.; SFREDO, G. J.; KLEPKER, D.; OLIVEIRA, F. A. de. Estabelecimento das relações entre Ca, Mg e K para soja, em solo de Cerrados. In: REUNIÃO DE PESQUISA DE SOJA DA REGIÃO CENTRAL DO BRASIL, 28., 2006, Uberaba, MG. Resumos... Londrina: Embrapa Soja: Fundação Meridional: Fundação Triângulo, 2006. p. 428-429 (Embrapa Soja. Documentos, 272). Organizado por Odilon Ferreira Saraiva, Regina M.V.B. de C. Leite, Janete Lasso Ortiz.

CALDWELL, B.E., (Ed.). Soybeans: improvement, production, and uses. Madison: ASA, 1973. 681 p. (ASA. Agronomy, 16).

CALEGARI, A.; GARCIA, A.; MAURINA, A.; LANTMANN, A.; RODRIGUES, B.N.; GAUDÊNCIO, C. de A.; BORKERT, C.M.; GAZZIERO, D.L.P.; TORRES, E.; OLIVEIRA, E. de; PALADINI, F.L.S.; MARUN, F.; DALBERTO, F.; MEDEIROS, G.B. de; SORDI, I.G.; HENKLAIN, J.C.; SARAIVA, O.F.; RUFINO, R.L. **Soja no arenito: propostas tecnológicas básicas para uma agricultura sustentável**. Londrina: IAPAR, 1997. 38 p.

CAMPO, R.J.; HUNGRIA, M. **Compatibilidade de uso de inoculantes e fungicidas no tratamento de sementes de soja**. Londrina: Embrapa Soja, 2000. 32 p. (Embrapa Soja. Circular Técnica, 26).

CAMPO, R.J.; HUNGRIA, M.; ALBINO, U.B.; MORAES, J.Z.; SIBALDELLI, R.N.R. Estudo da compatibilidade em aplicação conjunta nas sementes, entre fungicidas, micronutrientes e inoculantes, sobre a sobrevivência do *Bradyrhizobium* e a eficiência de fixação biológica do nitrogênio. In: EMBRAPA SOJA. **Resultados de pesquisa da Embrapa Soja 1999**. Londrina: Embrapa Soja, 2000. p. 238. (Embrapa Soja. Documentos, 142).

CAMPO, R.J.; HUNGRIA, M.; MORAES, J.Z.; SIBALDELLI, R.N.R. Compatibilidade de aplicação conjunta nas sementes, de fungicidas, micronutrientes e inoculantes, sobre a sobrevivência do *Bradyrhizobium* e a eficiência de fixação biológica do nitrogênio. In: HOFFMANN-CAMPO, C.B.; SARAIVA, O.F. (Org.). **Resultados de pesquisa da Embrapa Soja 2000: microbiologia de solos**. Londrina: Embrapa Soja, 2001. p. 29-39. (Embrapa Soja. Documentos, 163).

CASÃO JÚNIOR, R.; ARAÚJO, A.G. de; MERTEN, G.H.; HENKLAIN, J.C.; MONICE FILHO, R.G. **Preparo do solo e elementos de planejamento da mecanização agrícola**. Londrina: IAPAR, 1990. 116 p.

CONAB. **Indicadores da agropecuária**. Brasília, 2002. Disponível em : < <http://www.conab.gov.br/> > Acesso em : 1 out. 2002.

DALL'AGNOL, A. Sem medo de competir. **Agroanalysis**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 42-43, fev. 2002.

DALL'AGNOL, A. The impact of soybeans on the Brazilian economy. **AGJacto**, n. 2, p. 16-17, aug. 2000.

ESTADOS UNIDOS. Department of Agriculture. Economic Research Service. **Data products**. Washington, 2002. Disponível em: < <http://www.ers.usda.gov/data/sdp/view.asp?f=international/93002/> > Acesso em: 1 out. 2002.

FRANÇA NETO, J. de B.; HENNING, A.A. **DIACOM**: diagnóstico completo da qualidade da semente de soja. Londrina: EMBRAPA-CNPSo, 1992. 22 p. (EMBRAPA-CNPSo. Circular Técnica, 10).

FRANÇA NETO, J. de B.; KRZYZANOWSKI, F.C.; COSTA, N.P. da; HENNING, A.A. **O teste de tetrazólio em sementes de soja**. Londrina: EMBRAPA-CNPSo, 1998. 72 p. (EMBRAPA-CNPSo. Documentos, 116).

GAUDÊNCIO, C. de A. Concepção da rotação de cultura com a soja no Paraná. In: REUNIÃO CENTRO-SUL DE ADUBAÇÃO VERDE E ROTAÇÃO DE CULTURAS, 5., 1995, Chapecó. **Resumos...** Florianópolis: Epagri, 1998.

GAZZIERO, D.L.P.; GUIMARÃES, S.C.; PEREIRA, F.A.R. **Plantas daninhas: cuidado com a disseminação**. Londrina: EMBRAPA-CNPSo, 1989. 1 folder.

GOMEZ, S.A.; GAZZONI, D.L. Controle da lagarta-da-soja com aplicações de seu vírus de poliedrose nuclear por via aérea e terrestre. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 481-489, 2000.

HENNING, A.A. **Patologia de sementes**. Londrina: EMBRAPA-CNPSO, 1996. 43 p. (EMBRAPA-CNPSO. Documentos, 90).

HUNGRIA, M.; CAMPO, R.J.; MENDES, I.C. **Fixação biológica do nitrogênio na cultura da soja**. Londrina: Embrapa Soja, 2001. 48 p. (Embrapa Soja. Circular Técnica, 35; Embrapa Cerrados. Circular Técnica, 13)

KRZYŻANOWSK, F.C.; FRANÇA-NETO, J.B.; HENNING, A.A.; CATTELAN, A.J.; COSTA, N.P. **Cuidados na aquisição e na utilização de sementes de soja**. Londrina: EMBRAPA-CNPSO, 1996. 9 p. (EMBRAPA-CNPSO. Comunicado Técnico, 55)

MASCARENHAS, H.A.A.; BULISANI, E.A.; MIRANDA, M.A.C. de; PEREIRA, J.C.V.N.A.; BRAGA, N.R. Deficiência de potássio em soja no Estado de São Paulo: melhor entendimento do problema e possíveis soluções. **O Agrônomo**, Campinas, v. 40, n. 1, p. 34-43, 1988.

MAURINA, A.C.; PALADINI, F.L. dos S.; BARBI, J.B.; MUEHLMANN, L.D.; BUBLITZ, U. **Arenito Caiuá: integração agricultura e pecuária**. Curitiba: EMATER-PR, 1998. 48 p. (EMATER-PARANÁ. Série Informação Técnica, 41).

MESQUITA, C. de M.; COSTA, N.P.; MANTOVANI, E.C.; ANDRADE, J.C.M. de A.; FRANÇA-NETO, J.B.; SIVA, J.G. da; FONSECA, J.R.; PORTUGAL, F.A.F.; GUIMARÃES SOBRINHO, J.B. **Manual do produtor: como evitar desperdício nas colheitas de soja, do milho e do arroz**. Londrina: EMBRAPA-CNPSO, 1998. 31 p. (EMBRAPA-CNPSO, Documentos, 112).

MIYASAKA, S.; MEDINA, J.C. (Ed.). **A soja no Brasil**. Campinas: ITAL, 1981. 1062 p.

MOSCARDI, F. **Utilização de *Baculovirus anticarsia* para o controle da lagarta da soja, *Anticarsia gemmatilis***. Londrina: EMBRAPA-CNPSO, 1983. 13 p. (EMBRAPA-CNPSO. Comunicado Técnico, 23)

OLIVEIRA E. Recuperação de pastagens no Noroeste do Paraná: bases para plantio direto e integração lavoura pecuária. Londrina: IAPAR, 2002. 96 p. (IAPAR. Informe de Pesquisa, 134)

RAIJ, B. VAN; QUAGGIO, A.J.; CANTARELLA, H.; ABREU, C.A. Interpretação de análise de solo. In: RAIJ, B. VAN; CANTARELLA, H.; QUAGGIO A.J.; FURLANI, A.M.C. **Indicações de adubação e calagem para o Estado de São Paulo**. 2. ed. Campinas: IAC, 1997. p. 8-13. (IAC. Boletim Técnico, 100).

SFREDO, G.J.; BORKERT, C.M.; KLEPKER, D. O cobre (Cu) na cultura da soja: diagnose foliar. In: REUNIÃO DE PESQUISA DE SOJA DA REGIÃO CENTRAL DO BRASIL, 23., 2001. **Resumos...** Londrina: Embrapa Soja, p. 95. (Embrapa Soja. Documentos, 157)

SFREDO, G.J.; BORKERT, C.M.; OLIVEIRA, M.C.N. de; WOBETO, C. e ALMEIDA, J. Determinação da relação ótima entre Ca, Mg e K para a cultura da soja em solos do Paraná. In: EMBRAPA SOJA. **Resultados de Pesquisa de Soja 1991/92**. Londrina: Embrapa Soja, 1999. p. 298. (Embrapa Soja. Documentos, 138).

SFREDO, G.J.; KLEPKER, D.; BORKERT, C.M.; OLIVEIRA, F.A. de. Estabelecimento de faixas de suficiência da saturação de Ca e Mg, na CTC, e da saturação por bases para a soja, em solos de Cerrados. In: REUNIÃO DE PESQUISA DE SOJA DA REGIÃO CENTRAL DO BRASIL, 28., 2006, Uberaba, MG. **Resumos...** Londrina: Embrapa Soja; Fundação Meridional; Fundação Triângulo, 2006. p. 430-431 (Embrapa Soja. Documentos, 272). Organizado por Odilon Ferreira Saraiva, Regina M.V.B. de C. Leite, Janete Lasso Ortiz.

SFREDO, G.J.; BORKERT, C.M.; KLEPKER, D.; OLIVEIRA, F.A. de. Estabelecimento de faixas de suficiência de Ca e Mg para a cultura da soja, em solos de Cerrados. In: Reunião Brasileira de Fertilidade do Solo e Nutrição de Plantas, 27. 2006, Bonito. **Fertbio 2006: Anais...** Bonito, MS: Embrapa Agropecuária Oeste, 2006. 1 CD-ROM.

SFREDO, G.J.; KLEPKER, D.; ORTIZ, F.R.; OLIVEIRA NETO, W. **Níveis críticos de enxofre no solo para a soja, no Brasil**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DO SOLO, 29., 2003, Ribeirão Preto. **Solo: alicerce dos sistemas de produção**. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Ciência do Solo: UNESP, 2003. (CD-ROM).

TORRES, E.; SARAIVA, O.F. **Camadas de impedimento mecânico do**

**solo em sistemas agrícolas com a soja.** Londrina: Embrapa Soja, 1999. (Embrapa Soja, Circular Técnica, 23).

TORRES, E.; SARAIVA, O.F.; GALERANI, P.R. **Manejo do solo para a cultura da soja.** Londrina: EMBRAPA-CNPSO, 1993. (EMBRAPA-CNPSO. Circular Técnica, 12).

YORINORI, J.T. **Cancro da haste da soja:** epidemiologia e controle. Londrina: EMBRAPA-CNPSO, 1996. 75 p. (EMBRAPA-CNPSO. Circular Técnica, 14).



**cocamar**  
COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL

ESTRADA OSWALDO DE MORAES CORREA, Nº 1000  
MARINGÁ - PARANÁ - CEP: 87065-240  
FONE: (44) 3221-3007  
[www.cocamar.com.br](http://www.cocamar.com.br)

## Pesquisa e Sementes Sucesso na Sojicultura



FUNDAÇÃO MERIDIONAL

FUNDAÇÃO  
TRIÂNGULO

Parceiros  
construindo  
o futuro.

Fundação Meridional - (43) 3323-7171 - [meridional@fundacaomeridional.com.br](mailto:meridional@fundacaomeridional.com.br) - [www.fundacaomeridional.com.br](http://www.fundacaomeridional.com.br)

Fundação Triângulo - (34) 3312-3580 - [ftriang@fundacaotriangulo.com.br](mailto:ftriang@fundacaotriangulo.com.br) - [www.fundacaotriangulo.com.br](http://www.fundacaotriangulo.com.br)



**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**  
**Centro Nacional de Pesquisa de Soja**  
*Rod. Carlos João Strass - Distrito de Warta*  
*Fone: (43) 3371-6000 Fax: (43) 3371-6100*  
*Caixa Postal 231 - CEP 86001-970 Londrina PR*  
*[www.cnpso.embrapa.br](http://www.cnpso.embrapa.br)*  
*[sac@cnpso.embrapa.br](mailto:sac@cnpso.embrapa.br)*

*Patrocínio:*



Estrada Oswaldo de Moraes Correa, 1000 Parque Industrial  
CEP 87065-240 - Maringá, PR.  
Fone: (41) 3221-3007  
[www.cocamar.com.br](http://www.cocamar.com.br)  
[cocamar@cocamar.com.br](mailto:cocamar@cocamar.com.br)



**FUNDAÇÃO MERIDIONAL**  
DE APOIO À PESQUISA AGROPECUÁRIA

Av. Higienópolis, 1100 - 4º andar  
CEP 86020-911 - Londrina, PR.  
Fone: (43) 3323-7171 Fax: (43) 3324-6742  
[www.fundacaomeridional.com.br](http://www.fundacaomeridional.com.br)  
[meridional@fundacaomeridional.com.br](mailto:meridional@fundacaomeridional.com.br)



Rua Afonso Rato, 1301 Bairro Mercês  
CEP 38060-040 - Uberaba, MG.  
Fone: (34) 3312-3580  
[www.fundacaotriangulo.com.br](http://www.fundacaotriangulo.com.br)  
[ftriang@fundacaotriangulo.com.br](mailto:ftriang@fundacaotriangulo.com.br)

